

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
ESCOLA DE NEGÓCIOS**

**AVALIAÇÃO DOS COMPONENTES DO BEM-ESTAR FINANCEIRO:  
O COMPORTAMENTO FINANCEIRO E A POSITIVIDADE COMO  
FATORES DETERMINANTES**

**CURITIBA – PR  
2021**

**ANDRESSA MARGARETH ASSAKA**

**AVALIAÇÃO DOS COMPONENTES DO BEM-ESTAR FINANCEIRO:  
O COMPORTAMENTO FINANCEIRO E A POSITIVIDADE COMO FATORES  
DETERMINANTES**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Administração – Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Cristiane Santos Póvoa

**CURITIBA – PR  
2021**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Edilene de Oliveira dos Santos CRB-9/1636

A844a Assaka, Andressa Margareth  
2021 Avaliação dos componentes do bem-estar financeiro: o comportamento financeiro e a positividade como fatores determinantes / Andressa Margareth Assaka; orientadora: Angela Cristiane Santos Póvoa. -- 2021  
136 f.: il.; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021  
Bibliografia: f.113-125

1. Administração. 2. Finanças pessoais. 3. Bem-estar. 4. Educação financeira. 5. Segurança financeira. I. Póvoa, Angela Cristiane Santos. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título

CDD. 20. ed. – 658


**TERMO DE APROVAÇÃO**

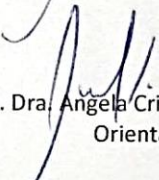
AVALIAÇÃO DOS COMPONENTES DO BEM-ESTAR FINANCEIRO: O COMPORTAMENTO FINANCEIRO  
E A POSITIVIDADE COMO FATORES DETERMINANTES

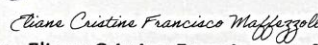
Por

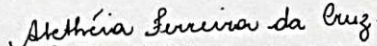
**ANDRESSA MARGARETH ASSAKA**

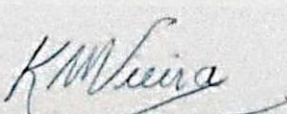
Tese aprovada em 28 de junho de 2021 como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Administração, Área de Concentração em Administração Estratégica, da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

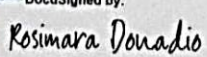
  
Prof.ª. Dra. Angela Cristiane Santos Póvoa  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Administração

  
Prof.ª. Dra. Angela Cristiane Santos Póvoa  
Orientadora

  
Prof.ª. Dra. Eliane Cristine Francisco Maffezzolli  
Examinadora

  
Prof.ª. Dra. Alethéia Ferreira da Cruz  
Examinadora

  
Prof.ª. Dra. Kelmara Mendes Vieira  
Examinadora

DocuSigned by:  
  
1B2F6DBFA663413...  
Prof.ª. Dra. Rosimara Donadio  
Examinadora

*Dedico esta tese à minha mãe, Saleth, e ao meu esposo, Eduardo.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, Eduardo José da Silva Penzo, e à minha mãe, Saleth das Dores Assaka, pelo apoio incondicional e pela compreensão das minhas ausências, retribuindo-as com muito amor e palavras de incentivo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Angela Cristiane Santos Póvoa pela confiança no meu trabalho, pela ampla troca de ideias e pelo tempo dedicado ao esclarecimento das minhas dúvidas.

Aos valiosos colegas de sala, em especial, Eloise Cury da Silva, Tiziana Weber, Alexandre Esteves, Leonardo Köppe Malanski e Rogério Hosokawa, a todos os professores e ao corpo técnico administrativo do PPAD.

À Profa. Dra. Alethéia Ferreira da Cruz, à Profa. Dra. Eliane Cristine Francisco Maffezzolli, à Profa. Dra. Kelmara Mendes Vieira e à Profa. Dra. Rosimara Donadio que, gentilmente, aceitaram participar da banca avaliadora desta tese e engrandecê-la com suas contribuições.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e à Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mais especificamente, ao Programa de Pós-Graduação em Administração – PPAD, pelo suporte financeiro recebido para o desenvolvimento desta tese.

Aos diretores do Grupo IDD, meus empregadores, Eng. Me. Prof. César Henrique Sato Daher e Eng. Me. Prof. Luís César Siqueira De Luca, pelo reconhecimento, incentivo e suporte financeiro.

Finalmente, agradeço aos amigos, colegas, alunos, ex-alunos e anônimos que auxiliaram na divulgação do instrumento de coleta e contribuíram de alguma forma com esta pesquisa.

*"You cannot hope to build a better world  
without improving the individuals.*

*To that end each of us must work for his own improvement,  
and at the same time share a general responsibility for all humanity,  
our particular duty being to aid those to whom  
we think we can be most useful."*

*Marie Skłodowska-Curie, chemist, and physicist (1867-1934)*

## RESUMO

O bem-estar financeiro é definido como a percepção de poder sustentar padrões de vida desejados, atuais e previstos, e desfrutar de liberdade financeira. Para alcançá-lo, os indivíduos devem percorrer um caminho complexo que envolve compromisso, comportamento e sentimento de significância e de recompensa, o que compreende, também, comparações de sua situação socioeconômica atual com a histórica. Diante dessa definição, objetivou-se identificar os principais fatores objetivos e subjetivos que impulsionam o bem-estar financeiro de uma amostra de cidadãos brasileiros. Para isso, aplicou-se uma *survey* contendo questões sobre alfabetização financeira, hábitos financeiros considerados ótimos, percepções acerca de positividade, melhoria financeira histórica, estresse e bem-estar financeiro. As 835 repostas válidas foram analisadas com a utilização da técnica de regressão múltipla apoiada na análise de mínimos quadrados parciais (PLS-SEM) com o *software* SmartPLS. A análise do modelo estrutural proposto nesta pesquisa indicou índices de ajustamento aceitáveis com poder de predição alto ( $R^2 = 0.586$ ) e relevância de precisão preditiva média ( $Q^2 = 0.204$ ). A análise empírica dos resultados mostrou que a relação entre a alfabetização financeira e o bem-estar financeiro é significativa quando mediada por hábitos financeiros considerados ótimos. A relação causal entre o comportamento financeiro e o bem-estar financeiro é significativa e positiva, principalmente em indivíduos de baixa renda. A relação causal entre positividade e o bem-estar financeiro é positiva, significativa e apresenta tamanho de efeito moderado a forte, indicando que essa é uma variável de formação muito importante. O grau de escolaridade apresenta correlação negativa e significativa com o bem-estar financeiro quando mediado pela positividade devido ao que Dela Coleta e Dela Coleta (2005) chamam de insatisfação de exigências. As condições estressoras estão negativamente relacionadas ao bem-estar financeiro e ao comportamento, indicando que as dificuldades financeiras afetam as relações dos indivíduos quanto ao gerenciamento do seu dinheiro, principalmente os do sexo masculino. Finalmente, concluiu-se que o bem-estar financeiro é impulsionado, principalmente, pelos comportamentos financeiros (gerenciamento, planejamento e monitoramento) e pela positividade.

**Palavras-chave:** Bem-estar Financeiro; Alfabetização Financeira; Comportamento Financeiro; Positividade; Educação Financeira.



## ABSTRACT

Financial well-being is defined as the perception of being able to sustain desired, current, and expected living standards, and enjoy financial freedom. To achieve it, individuals must follow a complex path that involves behavior, attitudes and a sense of significance and reward, which also includes comparisons of their current socioeconomic situation with their past. Given this definition, this research aimed to identify the main factors that drive the financial well-being of a sample of Brazilian citizens. A survey was applied with questions about financial literacy, optimal financial habits, perceptions about positivity, historical financial improvement, financial stress, and financial well-being. The 835 valid responses were analyzed using partial least squares - structural model equations (PLS-SEM) with SmartPLS. The analysis of the structural model indicated acceptable adjustment indexes with high internal predictive power ( $R^2 = 0.578$ ) and medium predictive precision ( $Q^2 = 0.204$ ). The empirical results showed a positive and significant correlation between financial literacy and financial well-being when mediated by optimal financial habits. A strong positive and significant causal relationship between financial behaviors and financial well-being was observed, especially in low-income individuals. The causal relationship between positivity and financial well-being is also positive, significant and has a moderate to strong effect size indicating a relevant variable for the construct. The level of education has a negative and significant relationship with financial well-being due to "dissatisfaction of requirements" (Dela Coleta and Dela Coleta, 2005). Stressful financial conditions are negatively related to financial well-being and behavior, indicating that financial difficulties affect individuals' actions regarding money, especially males. Finally, it was concluded that financial well-being is mainly driven by financial behaviors of managing, planning, and monitoring, and by positivity.

**Key words:** Financial Well-Being; Positivity; Financial Attitudes; Financial Literacy  
Financial Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relações entre alfabetização financeira, conhecimento, educação e outras influências na formação do bem-estar financeiro .....	13
Figura 2 – Princípios formadores do conceito de bem-estar financeiro de acordo com o instrumento brasileiro .....	17
Figura 3 – Conceito de alfabetização financeira.....	30
Figura 4 – Estimativa do tamanho total da amostra pelo <i>software G*Power</i> .....	55
Figura 5 – Percentual de acertos por questão, comparados por gênero.....	66
Figura 6 – Boxplots das variáveis demográficas (IDD, RAA, EDFor, ETC, TMF e CEP) e socioeconômicas (SIT, NAT e RND) .....	70
Figura 7 – Modelo estrutural teórico da pesquisa.....	74
Figura 8 – Modelo estrutural final da pesquisa.....	79
Figura 9 – Modelo estrutural final com coeficientes de correlação e significâncias.....	80
Figura 10 – Efeitos indiretos específicos da mediação entre a relação <i>ALF</i> -> <i>BEF</i> ...	84
Figura 11 – Plotagem de BEF versus variáveis latentes por gênero .....	92

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estudos sobre educação financeira de crianças e jovens em diferentes países do mundo .....	20
Quadro 2 – Pesquisas conduzidas sobre o tema da alfabetização financeira em alguns países do mundo .....	34
Quadro 3 – Variáveis utilizadas para medir <i>BEF</i> .....	47
Quadro 4 – Variáveis utilizadas para medir a alfabetização financeira .....	49
Quadro 5 – Variáveis utilizadas para medir <i>ATD</i> .....	50
Quadro 6 – Variáveis utilizadas para medir <i>CMP</i> .....	51
Quadro 7 – Variáveis utilizadas para medir <i>POS</i> .....	52
Quadro 8 – Resumo da pesquisa .....	57
Quadro 9 – Variáveis Latentes e Construtos do modelo estrutural .....	73
Quadro 10 – Hipóteses de pesquisa e achados empíricos .....	107

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação entre percentuais encontrados em países participantes da Pesquisa de Competências de Alfabetização Financeira de Adultos – 2016/2017.....	31
Tabela 2 – Distribuição de frequências das variáveis <i>GEN</i> , <i>IDD</i> , <i>RAA</i> e <i>EDFor</i> .....	60
Tabela 3 – Distribuição de frequências das variáveis <i>ETC</i> , <i>TMF</i> e <i>CEP</i> .....	61
Tabela 4 – Distribuição de frequências das variáveis <i>SIT</i> , <i>NAT</i> e <i>RND</i> .....	64
Tabela 5 – Medidas de tendência central das variáveis <i>ALF</i> e <i>MLHp</i> .....	65
Tabela 6 – Medidas de tendência central das variáveis que compõem <i>POS</i> , <i>ATD</i> , <i>CMP</i> e <i>BEF</i> .....	67
Tabela 7 – Medidas de dispersão e normalidade das variáveis demográficas e socioeconômicas .....	69
Tabela 8 – Medidas de dispersão e testes de normalidade das variáveis <i>ALF</i> e <i>MLHp</i> , e das variáveis que compõem <i>CMP</i> , <i>POS</i> , <i>ATD</i> e <i>BEF</i> , respectivamente .	71
Tabela 9 – Cargas fatoriais e pesos das variáveis externas mantidas no modelo .....	76
Tabela 10 – Valores HTMT, cargas cruzadas e testes de validade e convergência das variáveis latentes do modelo .....	77
Tabela 11 – Caminhos, coeficientes de regressão e tamanhos de efeito do modelo estrutural.....	81
Tabela 12 – Relações estruturais diretas, indiretas e totais entre <i>ALF</i> e <i>BEF</i> .....	84
Tabela 13 – Relações estruturais diretas, indiretas e totais entre <i>EDFor</i> e <i>BEF</i> .....	89
Tabela 14 – Relações estruturais diretas, indiretas e totais de <i>EDFin</i> e <i>BEF</i> .....	90
Tabela 15 – Relações estruturais, testes de hipóteses, coeficientes de regressão e tamanho do efeito, por gênero.....	95
Tabela 16 – Efeitos da relação estrutural entre <i>CSE</i> e <i>BEF</i> moderados pelo gênero.	96
Tabela 17 – Tabela de contingência <i>EDFor</i> ( <i>EDFin</i> ) x <i>RND</i> .....	97
Tabela 18 – Relações estruturais, testes de hipóteses, coeficientes de regressão e tamanho do efeito dos grupos <i>G_1</i> e <i>G_2</i> .....	98
Tabela 19 – Efeitos da relação estrutural entre <i>ALF</i> e <i>BEF</i> moderados pelos hábitos	

financeiros para o grupo $G_1$ .....	99
Tabela 20 – Efeitos da relação estrutural entre $EDFin$ e $BEF$ moderados pelos hábitos financeiros para o grupo $G_2$ .....	100
Tabela 21 – Relações estruturais, testes de hipóteses, coeficientes de regressão e tamanho do efeito dos grupos $G_3$ e $G_4$ .....	101

## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A	Amplitude
$A_i$	Variáveis que compõem o construto da Atitude Financeira
ALF	Alfabetização Financeira
ASM	Assimetria
ATD	Atitudes Financeiras consideradas ótimas
AVE	Variância Média Extraída ( <i>AVE – Average Variance Extracted</i> )
BACEN	Banco Central do Brasil
BEF	Bem-Estar Financeiro
$B_i$	Variáveis que compõem o construto do Bem-Estar Financeiro
CC	Confiabilidade do Construto ( <i>CR – Construct Reliability</i> )
CEP	Região de moradia
ALF	Nota obtida no teste de conhecimentos financeiros
CFPB	<i>Consumer Financial Protection Bureau</i> – Agência de Proteção Financeira do Consumidor
$C_i$	Variáveis que compõem o construto do Conhecimento Financeiro
CMP	Comportamentos Financeiros considerados ótimos
CNDL	Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas
CON	Crenças Financeiras
CSE	Condições Socioeconômicas Estressoras
CUR	Curtose
DC	Definição Constitutiva
DO	Definição Operacional
DP	Desvio Padrão
EDFin	Educação Financeira
EDFor	Nível de Educação Formal
$E_i$	Variáveis que compõem o construto da Alfabetização Financeira
ETC	Estado Civil
$f^2$	Tamanho do efeito
FIV	Fator de Inflação da Variância ( <i>VIF - Variance Inflation Factor</i> )
fr	Frequência relativa
Fr	Frequência relativa acumulada

G_1	Grupo de respondentes com salário até R\$ 2000.00 e escolaridade formal até o Superior Incompleto
G_2	Grupo de respondentes com salário até R\$ 2000.00 e grau de escolaridade formal igual ou maior que Superior Completo
G_3	Grupo de respondentes com salário entre R\$ 2001.00 e R\$ 5000.00 e grau de escolaridade formal igual ou maior que Superior Completo
G_4	Grupo de respondentes com salário entre R\$ 5001.00 e R\$ 20000.00 e grau de escolaridade formal igual ou maior que Superior Completo
GEN	Gênero
GI	Graus de liberdade
H <sub>i</sub>	Hipóteses da pesquisa
HTMT	<i>Heterotrait-Monotrait</i> , índice de validade discriminante
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDD	Idade
IMP	Impulsividade Financeira
INFE	<i>International Network on Financial Education</i> – Rede Internacional de Educação Financeira
JASP	<i>Software</i> livre de análise estatística
K-S	Teste de normalidade para grandes amostras Kolmogorov-Smirnov
Me	Mediana
MLHp	Melhoria Financeira Histórica Percebida
Mo	Moda
M-W	Teste não-paramétrico de diferenças de Mann-Whitney
NAT	Natureza do emprego
NSA	Não Se Aplica
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – <i>Organisation for Economic Co-operation and Development</i> (OECD)
ONGs	Organizações Não Governamentais
P <sub>i</sub>	Variáveis que compõem o construto da Positividade

PLS-SEM	<i>Partial Least Squares-Structural Equation Modeling –</i> Modelagem de Equações Estruturais por Mínimos Quadrados Parciais
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
POS	Positividade
R <sup>2</sup>	Índice de ajuste do modelo
RAA	Raça
RND	Renda mensal
SEG	Nível de segurança no emprego
SIT	Situação econômica baseada no trabalho
S-K	Teste de normalidade para pequenas amostras Shapiro-Wilk
SmartPLS	Software de análise PLS-SEM
TMF	Número de filhos
$\alpha$	Alfa de Cronbach
$\beta$	Coeficiente de correlação
$\epsilon_{ASM}$	Erro padrão da assimetria
$\epsilon_{CUR}$	Erro padrão da curtose
$\epsilon_{\bar{X}}$	Erro padrão da média
$\rho_A$	Rho_A, índice de confiabilidade consistente
$\sigma^2$	Variância
$\chi^2$	Teste Qui-quadrado de Pearson
$\bar{X}$	Média simples
♀	Feminino
♂	Masculino



## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>VI</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>VII</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>VIII</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>IX</b>
<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>X</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS.....</b>	<b>XII</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1 DECLARAÇÃO DA TESE.....	5
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	5
1.3 OBJETIVOS.....	8
<b>1.3.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>8</b>
<b>1.3.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>8</b>
1.4 JUSTIFICATIVA.....	9
<b>2 BASE TEÓRICO-EMPÍRICA.....</b>	<b>11</b>
2.1 BEM-ESTAR FINANCEIRO.....	11
2.2 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO MEDIDA DE CONHECIMENTO FINANCEIRO.....	18
2.3 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E HÁBITOS FINANCEIROS.....	28
2.4 RACIONALIDADE E COMPORTAMENTO DOS INDIVÍDUOS.....	35
<b>2.4.1 Positividade e Melhoria Histórica Percebida.....</b>	<b>39</b>
<b>2.4.2 Condições Socioeconômicas Estressoras.....</b>	<b>43</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>45</b>
3.1 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	45
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	46
3.3 DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA E OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS.....	46
3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	54
3.5 COLETA DOS DADOS.....	55
3.6 TRATAMENTO DOS DADOS.....	57
3.7 RESUMO DA PESQUISA.....	57
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>59</b>
4.1 ANÁLISE DESCRITIVA.....	59
4.2 NORMALIDADE DOS DADOS.....	69
4.3 ANÁLISES POR PLS-SEM.....	72
<b>4.3.1 Análise Confirmatória dos Componentes.....</b>	<b>74</b>
<b>4.3.2 Modelo Estrutural e Testes de Hipóteses.....</b>	<b>78</b>
4.3.3.1 Hipóteses 1, 2, 3 e 4.....	81
4.3.3.2 Hipóteses 5, 6 e 7.....	83
4.3.3.3 Hipóteses 8 e 9.....	84
4.3.3.4 Hipóteses 10, 11, 12 e 13.....	85
4.3.3.5 Hipóteses 14 e 15.....	87
4.3.3.6 Hipóteses 16, 17, 18 e 19.....	87
4.4 ANÁLISES POST HOC.....	88

4.4.1 Relações Indiretas e Totais de <i>EDFor</i> e <i>EDFin</i> sobre <i>BEF</i> .....	89
4.4.2 Análise Multigrupo.....	90
4.4.2.1 Gênero como variável moderadora .....	91
4.4.2.2 Impacto causado pelo subemprego.....	96
<b>5 CONCLUSÕES .....</b>	<b>103</b>
5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
5.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	110
5.3 INVESTIGAÇÕES FUTURAS .....	111
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA .....</b>	<b>126</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Brüggen et al. (2017), definem bem-estar financeiro como a percepção de poder sustentar padrões de vida desejados, no presente e no futuro, e de gozar de liberdade financeira, sendo que a sensação individual de um alto nível de bem-estar financeiro é baseada na qualidade das decisões, nos sentimentos e nas reflexões acerca da situação particular socioeconômica atual e histórica (SHIM, XIAO, BARBER & LYONS, 2009).

O bem-estar financeiro, como construto, possui três diferentes abordagens: objetiva, subjetiva e objetiva-subjetiva.

Em sua abordagem objetiva, o bem-estar é correlacionado com o nível de alfabetização financeira e pela avaliação de hábitos financeiros considerados ótimos (HUSTON, 2010; SCHULTZ, 1961).

Neste sentido, a alfabetização financeira, definida como a capacidade individual de usar conhecimentos e habilidades para gerenciar efetivamente recursos financeiros e garantir segurança financeira vitalícia, é o patrimônio intelectual disponível para auxiliar a tomada de decisão. Muitos pesquisadores realizaram a mensuração da alfabetização financeira através da aplicação de provas objetivas acerca do conhecimento de conceitos matemáticos e financeiros básicos, como poupança, empréstimo, investimento, juros compostos, inflação, risco e diversificação de ativos. Contudo, a correlação dos resultados obtidos nessas mensurações com boas práticas econômicas e bem-estar financeiro a longo prazo apresentaram baixa significância (FERNANDES, LYNCH JR e NETEMEYER, 2014; KAISER e MENKHOFF, 2017; MILLER, REICHELSTEIN, SALAS, e ZIA, 2014).

As referências científicas à importância da interiorização dos conceitos levou muitos pesquisadores e agentes políticos a entender que intervenções em educação financeira para aumentar os níveis de alfabetização financeira: i) devem ser iniciadas na idade de aprendizagem (BRUHN, SOUZA LEÃO, LEGOVINI, MARCHETTI e ZIA, 2013; OCDE, 2005; OCDE, 2013; WALSTAD, REBECK e MACDONALD, 2010); ii) desempenham fundamental importância na busca do bem-estar financeiro dos indivíduos quando adultos, em uma alusão clara à cadeia lógica de consequências (HUSTON, 2010); e, iii) devem ser realizadas com indivíduos adultos em grandes intervenções socioeducativas como ferramenta de inclusão no mercado (CORDRAY,

PION, BRANDT e MOLEFE, 2013; GREENSPAN 2005; HILGERT, HOGARTH e BEVERLY, 2003; LUSARDI E MITCHELL 2007b).

Na prática, dezenas de pesquisas foram conduzidas para avaliar o impacto dos programas de educação financeira obrigatória em escolas e faculdades do mundo todo e os resultados reportados foram considerados irrelevantes, modestos ou, até mesmo, contraditórios (FERNANDES, LYNCH JR e NETEMEYER, 2014; KAISER e MENKHOFF, 2017; MILLER, REICHELSTEIN, SALAS e ZIA, 2014).

Ao serem orientadas aos indivíduos adultos, por sua vez, intervenções buscando melhoria da alfabetização financeira produziram resultados pontuais. Tais resultados foram impulsionados, predominantemente, pela oferta de cursos voluntários direcionados a pessoas com algum problema pessoal a resolver (HASTINGS, MADRIAN e SKIMMYHORN, 2013), sendo o autointeresse um fator de viés para as inferências causais entre a intervenção e seu sucesso na educação e no bem-estar financeiro dos participantes.

Fatores culturais e socioeconômicos são igualmente problemáticos e limitadores de intervenções em educação financeira, uma vez que a busca por mais conhecimento se dá, predominantemente, por indivíduos com maior escolaridade (BARUA, SHASTRY e YANG, 2019; COLLINS, 2012; HOFFMANN e OTTEBY, 2018; LOIBL, GRINSTEIN-WEISS, ZHAN e RED BIRD, 2010; MEIER e SPRENGER, 2008; WILLIS, 2011). Quando direcionadas às pessoas de baixa renda são menos eficazes devido às expectativas, ao comportamento e às limitações do orçamento (FERNANDES, LYNCH JR e NETEMEYER, 2014; HENSLEY, JURGENSON e FERRIS, 2017).

É notável, então, que a mensuração do bem-estar financeiro através dos níveis de alfabetização financeira e hábitos financeiros ótimos, apresenta problemas para explicar as correlações existentes entre as diferentes variáveis do construto.

Em uma abordagem completamente oposta, quando o bem-estar financeiro é constituído somente de elementos subjetivos, é determinado pelas percepções cognitivas dos indivíduos, como satisfação com o salário e com realizações pessoais (NORVILITIS, SZABLICKI e WILSON, 2003). Essa aproximação, entretanto, pode ser comprometida quando os indivíduos são influenciados por fatores como imaginação, divagação e viés em direção ao sucesso (ROSS, GREENE e HOUSE, 1977). Por se

tratar de abordagem de natureza psicológica, não foram encontradas, até o momento, pesquisas econômicas reportadas com a utilização exclusiva dessa metodologia.

A definição de bem-estar financeiro, portanto, é ampla e o construto necessita de análise sob diferentes perspectivas: avaliações de percepções, sentimentos de autorrealização e melhora de vida em consonância com a mensuração do patrimônio intelectual, da alfabetização financeira e do engajamento em hábitos considerados ótimos.

Desta maneira, entende-se que o bem-estar financeiro é abrangente e influenciado por uma série de fatores que podem afetar a percepção individual que cada um tem para si (BRÜGGEN, HOGREVE, HOLMLUND, KABADAYI e LÖFGREN, 2017). Fatores como conhecimento dos termos financeiros, condições socioeconômicas atuais, emprego, dívida e aposentadoria influenciam no bem-estar financeiro percebido, mas, conforme visto, não são determinantes isolados e não explicam os fenômenos de forma definitiva. Na prática, as decisões financeiras, que conduzem ao bem-estar, sofrem fortes influências cognitivas, sociais e emocionais, próprias da condição humana (DONADIO, 2018).

O bem-estar, portanto, é um sentimento percebido pelos seres humanos e causa efeitos abrangentes, afetando a sua fisiologia (SALOVEY, ROTHMAN, DETWEILER e STEWARD, 2000) e suas respostas comportamentais, como abordagem e evasão (DIENER, SUH, LUCAS e SMITH, 1999).

De acordo com Kozma et al. (2000), a promoção do bem-estar geral percebido pode estar relacionada, também, aos aspectos positivos elencados pelos indivíduos, chamados de positividade. Nesse sentido, a positividade é um determinante disposicional geral do bem-estar geral subjetivo que funciona como uma característica pessoal, podendo ser responsável pela variação e estabilidade na felicidade, apesar das mudanças ambientais que ocorrem constantemente com o indivíduo.

A correlação entre a positividade e o bem-estar financeiro pode, portanto, ser decorrente, uma vez que a positividade é uma característica latente individual presente na autoestima, na satisfação com a vida e no otimismo e é fortemente influenciada por sentimentos e percepções, influenciando assuntos econômicos como negociações, decisões estratégicas, flutuações do mercado e avaliação da utilidade esperada (BARBARANELLI, PACIELLO, BIAGIOLI, FIDA e TRAMONTANO, 2019; BRACHA e BROWN, 2012; CAPRARA, ALESSANDRI, EISENBERG, KUPFER,

STECA, CAPRARA e ABELA, 2012; COVAL e THAKOR, 2005; HEIKAMP, ALESSANDRI, LAGUNA, PETROVIC, CAPRARA e TROMMSDORFF, 2014; PURI e ROBINSON, 2007).

Atitudes otimistas, confiantes e positivas, quando moderadas, podem ser associadas a bons hábitos financeiros e escolhas mais prudentes, ao passo que, em excesso, levam os indivíduos a comparações mais favoráveis, projeções mais brilhantes para si, superestimativa de habilidades e maior sentimento de controle sobre as coisas que não o fazem (BEER, 2014; MOORE e SCHATZ, 2017; PURI e ROBINSON, 2017).

A positividade, portanto, pode ser o elo que explica as contradições encontradas pelos pesquisadores ao tentar correlacionar as variáveis já citadas com o bem-estar financeiro, principalmente do povo brasileiro, vice-líder no ranking de otimismo medido por Gallagher et al. (2013).

Na avaliação do bem-estar, outro fator que causa influência é o tempo. Indivíduos que percebem melhora financeira ao longo de um intervalo de tempo, tendem a ser mais satisfeitos com a vida e apresentar melhores índices de bem-estar (CATARETO e POTTER, 2014).

Finalmente, o último fator de interesse nesta pesquisa reside no estresse econômico presente na vida das pessoas, e envolve a medida do impacto dos fatores socioeconômicos estressores, como a renda e a segurança financeira, nas suas percepções, nos seus hábitos e no seu bem-estar financeiro (ELDER e CASPI, 1988).

Para a condução deste trabalho, a pesquisa realizada na base teórico-empírica trouxe evidências de que o construto do bem-estar financeiro pode não ser influenciado somente pelo nível de conhecimento formal em educação financeira, uma vez que é intimamente ligado às percepções do indivíduo acerca de sua condição socioeconômica e de fatores cognitivos conectados à positividade, à melhoria de vida percebida e ao estresse financeiro. Isso traz à discussão uma nova perspectiva teórica sobre o tema e questiona a eficácia de intervenções institucionais e governamentais voltadas exclusivamente à educação financeira global e unificada dos indivíduos, em especial, os de baixa renda.

Neste trabalho, o Capítulo 1 traz os objetivos, a declaração da tese, a problematização e a justificativa para o trabalho. Os argumentos da base teórico-empírica são apresentados no Capítulo 2, em um formato que favorece a construção

do construto de bem-estar financeiro e suas principais influências. No Capítulo 3 são definidas as variáveis e as ferramentas para a medição dos construtos.

## 1.1 DECLARAÇÃO DA TESE

A partir da consideração de que o bem-estar financeiro, constituído por variáveis como alfabetização financeira, atitudes financeiras, comportamento financeiro, positividade, melhoria financeira histórica percebida e estresse financeiro, a tese defendida no presente trabalho é:

**Dentre as variáveis associadas ao bem-estar financeiro dos brasileiros, o comportamento financeiro e a positividade são fatores determinantes.**

Com a exploração dos componentes do construto, o passo seguinte é determinar a intensidade das influências que formam o bem-estar financeiro e buscar compreender como cada uma contribuiu para o subsídio teórico da relação de influência defendida pela tese.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

O conceito de bem-estar financeiro é amplo e complexo, contemplando, portanto, hábitos, costumes, experiências e percepções com o dinheiro. Em sua definição para esse construto, Huston (2010) afirmou que cada indivíduo percebe seu bem-estar a partir da confluência entre o seu capital humano (SCHULTZ, 1961), suas condições socioeconômicas e seu comportamento cognitivo. Segundo a autora, o capital humano é formado pela capacidade mental e pelo conhecimento geral adquirido ao longo da vida que, juntamente com as condições socioeconômicas, formam o que ela denominou alfabetização financeira. Nesse contexto, intervenções em educação financeira seriam destinadas a aumentar o conhecimento financeiro e o capital humano e, conseqüentemente, o bem-estar financeiro dos indivíduos.

Os termos “educação financeira” e “alfabetização financeira” foram considerados sinônimos, apesar de suas diferenças epistemológicas. A educação financeira é definida como o aprendizado de conceitos fundamentais em matemática básica e matemática financeira para poder escolher entre uma multiplicidade de

alternativas disponíveis no mercado e estabelecer os objetivos financeiros desejados, permitindo a reflexão profunda sobre o papel do dinheiro na vida pessoal e na sociedade (LUSARDI e MITCHELL, 2007b). A alfabetização financeira, por sua vez, é definida como a combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual (INFE, 2011). A alfabetização financeira, portanto, é um conceito mais amplo, que contém a educação financeira dentro de si, formando uma espécie de capital intelectual.

Diante das diferenças entre os construtos e a amplitude apresentada pelo termo “alfabetização financeira”, emergiram ideias político-sociais de inclusão e promoção de programas de ação educativa, obrigatória ou voluntária, para os indivíduos, especialmente os de baixa renda (ARAÚJO e DE SOUZA, 2012; BARUA, SHASTRY e YANG, 2019; BACEN, 2018; CARPENA, COLE, SHAPIRO e ZIA, 2011; HASTINGS, MADRIAN e SKIMMYHORN, 2013; JONSSON, SÖDERBERG e WILHELMSSON, 2017; MEIER e SPRENGER, 2013; MESSY e MONTICONE, 2016; POTRICH, VIEIRA e KIRCH, 2016; SARR, SADHU e FIALA, 2012; WILLIAMS, 2007).

O que se observou, na prática, foi que muitas tentativas de se correlacionar o nível de alfabetização financeira com decisões consideradas ótimas, comportamentos desejáveis e bem-estar financeiro dos indivíduos, resultaram em correlações modestas (FERNANDES, LYNCH JR e NETEMEYER, 2014; KAISER e MENKHOFF, 2017; MILLER, REICHELSTEIN, SALAS, e ZIA, 2014).

Além disso, fortes evidências foram fornecidas de que mais educação financeira, na forma de ações interventivas para aumentar o desempenho nos exames de alfabetização financeira podem não estar correlacionadas aos melhores hábitos e aumento do bem-estar financeiro (CARLIN & ROBINSON, 2012; COLE & SHASTRY, 2008; COLLINS, 2012; FERNANDES, LYNCH JR & NETEMEYER, 2014; HACKETHAL, HALIASSOS & JAPPELLI, 2012; HASTINGS, MADRIAN & SKIMMYHORN, 2013; HOFFMANN & OTTEBY, 2018; KAISER & MENKHOFF, 2017; OCDE, 2016; WILLIS, 2011).

Pesquisas que conduziram intervenções educacionais para o aumento do nível de alfabetização financeira apresentaram correlações modestas, isto é, a relação entre a aplicação e os resultados em forma de decisões consideradas ótimas foi pequena, mas estatisticamente significativa, trouxeram evidências baseadas em



experimentos cujos sujeitos estavam fortemente motivados a participar, seja por necessidade financeira pessoal ou seja pela busca de mais conhecimento, indicando que os fatores socioeconômicos e cognitivos foram determinantes para o engajamento dos participantes (AGARWALLA, AMROMIN, BEN-DAVID, CHOMSISENGPHET e EVANOFF, 2015; CALDERONE, FIALA, MULAJ, SADHU e SARR, 2018; CARLIN e ROBINSON, 2012; FERNANDES, LYNCH E NETEMEYER 2014; HASTINGS, MADRIAN E SKIMMYHORN 2013; MILLER, REICHELSTEIN, SALAS e ZIA, 2014).

Diante disso, percepções e aspirações individuais, e suas influências, são fatores importantes e devem ser considerados na avaliação do bem-estar financeiro.

Nesse aspecto, sentimentos como positividade, melhoria histórica financeira e estresse financeiro podem causar grande impacto na forma como a qual os indivíduos se autoavaliam. Pessoas positivas, com autoestima e satisfação elevadas, seja pela percepção de que a vida está melhor atualmente, seja por segurança na renda e no trabalho, têm uma visão do futuro na qual as coisas boas serão abundantes e as ruins serão escassas. A positividade, então, pode causar mudanças em como os indivíduos encaram as adversidades e como avaliam suas experiências subjetivas. Além disso, está associada com autoconfiança e aspirações, que conduzem ao sucesso em diferentes domínios da vida como saúde, sucesso no trabalho e relacionamentos interpessoais (CAPRARA, ALESSANDRI, EISENBERG, KUPFER, STECA, CAPRARA e ABELA, 2012; HEIKAMP, ALESSANDRI, LAGUNA, PETROVIC, CAPRARA e TROMMSDORFF, 2014).

Diante da contextualização apresentada, o presente estudo visa responder à seguinte pergunta de pesquisa: Considerando a identificação e exploração das principais variáveis que compõem o construto do bem-estar financeiro, quais são os fatores principais que impulsionam o bem-estar financeiro percebido por uma amostra de cidadãos brasileiros?

### 1.3 OBJETIVOS

Os objetivos dessa pesquisa procuram demonstrar a contribuição teórica e empírica que se busca alcançar. O objetivo está dividido em geral e específico.

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Identificar os principais impulsionadores da avaliação do bem-estar financeiro para uma amostra de cidadãos brasileiros, explorando componentes, como a positividade, a percepção de melhoria histórica individual, o estresse financeiro, alfabetização financeira e hábitos financeiros, que sejam relevantes para o construto.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos delimitados para esta tese foram:

- a) Adaptar e aplicar as métricas propostas por Fernandes et al. (2014), Lusardi e Mitchel (2011), INFE (2011) e OCDE (2016) para os construtos de alfabetização financeira, atitudes financeiras e comportamento financeiro;
- b) Adaptar e utilizar a métrica aplicada comercialmente pela Confederação Nacional de Dirigentes Logistas (CNDL, 2019) para avaliação do bem-estar financeiro;
- c) Adaptar e aplicar a métrica de condições socioeconômicas estressoras apontadas por Choi et al. (2020);
- d) Adaptar e aplicar a métrica de positividade (CAPRARA, ALESSANDRI, EISENBERG, KUPFER, STECA, CAPRARA e ABELA, 2012);
- e) Propor e avaliar um modelo estrutural baseado nos oito itens propostos para o construto do bem-estar financeiro.

## 1.4 JUSTIFICATIVA

A nova era financeira impõe um fardo muito pesado de informações e produtos financeiros com infinitas possibilidades de taxas e prestações, exigindo que os trabalhadores e suas famílias se tornem financeiramente alfabetizados para aprender a processá-las e tomar decisões ótimas sobre suas finanças domésticas (LUSARDI e MITCHELL, 2011b). Então, entende-se que a alfabetização financeira gera uma melhora concomitante do bem-estar financeiro dessas famílias e, conseqüentemente, da sociedade.

Essa cadeia lógica de percepção, que alega que o aumento de conhecimento financeiro contribui para a melhoria da qualidade de vida, faz parte do senso comum de que a educação financeira melhora as decisões dos consumidores, levando governos, empresas e ONGs em todo o mundo a sugerir e colocar em prática intervenções das mais diversas para melhorar a alfabetização financeira. O argumento principal desses agentes promotores de educação financeira é que a educação é o único caminho politicamente viável para melhorar a vida financeira dos consumidores (BACEN, 2018; FERNANDES, LYNCH JR e NETEMEYER, 2014).

Na prática, porém, as pesquisas conduzidas diante de intervenções em educação de jovens e adultos evidenciam que a melhoria da alfabetização financeira tem impacto modesto sobre o comportamento financeiro dos indivíduos adultos e, por consequência, do bem-estar financeiro (FERNANDES, LYNCH JR e NETEMEYER, 2014; KAISER e MENKHOFF, 2017; LUSARDI e MITCHELL, 2007a; LUSARDI e MITCHELL, 2011b; MILLER, REICHELSTEIN, SALAS e ZIA, 2014).

Isso conduz à reflexão de que a análise do bem-estar financeiro, baseada em conhecimento, atitudes e comportamentos ótimos não é suficiente para explicá-lo, uma vez que carece de mensurar a influência que sentimentos causados por percepções acerca de autoestima e estresse desempenham na tomada de decisões econômicas individuais e no bem-estar dos indivíduos.

Além disso, uma vez considerados seus custos reais, as intervenções em educação financeira necessitam de análise específica sobre sua influência no bem-estar financeiro, uma vez que as campanhas custam bilhões de dólares em gastos reais e apresentam custos de oportunidade ainda maiores quando propostas como substituição de atividades mais valiosas para a sociedade, como a profissionalização

e o aumento da capacidade de consumo, por exemplo (BAKER, KUMAR, GOYAL & GAUR, 2019; LUSARDI e MITCHELL, 2007a; WILLIS, 2011;).

Apesar de haver pesquisas, que relacionam bem-estar individual com índices macroeconômicos, conduzidas em países desenvolvidos (FREY e STUTZER, 2002), não foram encontrados, até o momento, estudos que correlacionem os níveis de alfabetização financeiro, a educação financeira específica, os níveis de educação formal, os hábitos considerados ótimos, a positividade, a melhoria de vida percebida e o estresse com o bem-estar financeiro dos indivíduos, mais especificamente, dos brasileiros.

Este trabalho faz uma contribuição teórica ao indicar que os principais impulsionadores da avaliação do bem-estar financeiro de uma amostra de cidadãos brasileiros são o comportamento em relação ao dinheiro, como gerenciamento, planejamento e monitoramento, e a positividade. Este trabalho também identifica e explora componentes adicionais, como a percepção de melhoria histórica individual e o estresse financeiro, e propõe a análise dos níveis de alfabetização financeira de forma isolada dos hábitos financeiros, uma vez que não há sobreposição da definição destes construtos.

Ao determinar o grau de influência destas variáveis na formação do construto, são fornecidos argumentos empíricos para ressaltar a importância de aspectos culturais na percepção do bem-estar financeiro e no entendimento do comportamento financeiro desses indivíduos, auxiliando gestores no direcionamento de ações interventivas voltadas às necessidades do público-alvo e ao ensino de finanças pessoais e de mercado com o foco na práxis.

## 2 BASE TEÓRICO-EMPÍRICA

### 2.1 BEM-ESTAR FINANCEIRO

O bem-estar financeiro tem sido estudado em vários campos acadêmicos, incluindo economia, aconselhamento financeiro e planejamento, psicologia, tomada de decisão do consumidor e marketing de serviços, sendo que, até o momento, não há consenso acadêmico sobre sua definição conceitual, sua medição ou seus componentes.

Embora pesquisas publicadas sobre o assunto incluam o levantamento de aspectos e decisões financeiras, a maior parte delas utiliza variáveis que julga apropriadas medir, mas não o conceituam de fato (BRÜGGEN, HOGREVE, HOLMUND, KABADAYI e LÖFGREN, 2017).

Segundo Brügger et al. (2017), as definições do bem-estar financeiro podem ser agrupadas em três categorias em termos de abordagem pelos pesquisadores.

O primeiro grupo enfatiza uma abordagem subjetiva de percepções e reações dos indivíduos em relação às suas condições financeiras na tentativa de identificá-las e categorizá-las. Nesse caso, o bem-estar financeiro é a capacidade percebida em atender despesas cotidianas, satisfação quanto à poupança e investimentos, nível de preocupação com dívidas e comparação de nível social com seus pares. Quanto maiores esses índices, maior o bem-estar financeiro. Assim sendo, aspectos subjetivos como características de personalidade, autoestima, grau de materialismo e impulsividade são investigados na tentativa de correlacionar tais características com percepções sobre o bem-estar financeiro (BRÜGGEN, HOGREVE, HOLMUND, KABADAYI e LÖFGREN, 2017; NORVILITIS, SZABLICKI e WILSON, 2003; O'NEILL, SORHAINDO, XIAO e GARMAN, 2005).

Importante salientar que barreiras cognitivas são naturalmente impostas a esse tipo de abordagem, podendo comprometer os resultados obtidos. O viés egocêntrico de atribuição pode se manifestar de maneira muito forte, uma vez que a maioria das perguntas está relacionada à percepção social que cada indivíduo atribui a si mesmo, resultando em respostas que podem apresentar vieses em direção ao sucesso, ou a uma posição de superioridade em relação ao que o respondente julga ser a média dos

outros indivíduos (ROSS, GREENE e HOUSE, 1977). A ausência de referências reais vivenciadas para embasar julgamentos e percepções, a capacidade de codificação e a velocidade da recuperação de dados memorizados também podem resultar em achados controversos ou, até mesmo, em correlações espúrias (RAMIREZ, LIU, LIN, SUH, PIGNATELLI, REDONDO e TONEGAWA, 2013).

O segundo grupo de pesquisadores do bem-estar financeiro levanta questões objetivas como nível de renda, valores de endividamento, emprego, bens e capacidade familiar de aumentar sua liquidez, isso é, desfruta de bem-estar financeiro o indivíduo que apresenta pontuação alta em uma série de indicadores de sua situação socioeconômica atual (JOO e GRABLE, 2004).

Para esse grupo, o bem-estar financeiro é a consequência de um gerenciamento eficaz da vida econômica, considerando como eficaz aquele indivíduo que conhece os conceitos financeiros e os utiliza sabiamente no gerenciamento das suas finanças (RATH, HARTER e HARTER, 2010).

Joo e Grable (2004) apresentaram uma proposta para os determinantes do bem-estar financeiro, autoavaliado em uma escala de 0 a 10, baseada em características demográficas e socioeconômicas (gênero, estado civil, etnia, idade, renda), emprego, solvência e conhecimento dos termos financeiros. Seus achados mostraram que indivíduos com maior controle sobre suas finanças e com maior tolerância ao risco apresentaram melhor bem-estar financeiro. A educação financeira específica, nesse estudo, teve uma relação fraca com o bem-estar.

Em sua proposta predominantemente objetiva de um construto de bem-estar financeiro, Huston (2010) afirmou que o capital humano (formado pelas capacidades mentais individuais) e a alfabetização financeira, moderada por outras influências, determinam os hábitos considerados ótimos dos indivíduos. O bem-estar financeiro, de acordo com a autora, seria, então, formado por esse componente decisório e pelas outras influências, a citar, condições socioeconômicas dos indivíduos e seus vieses comportamentais cognitivos.

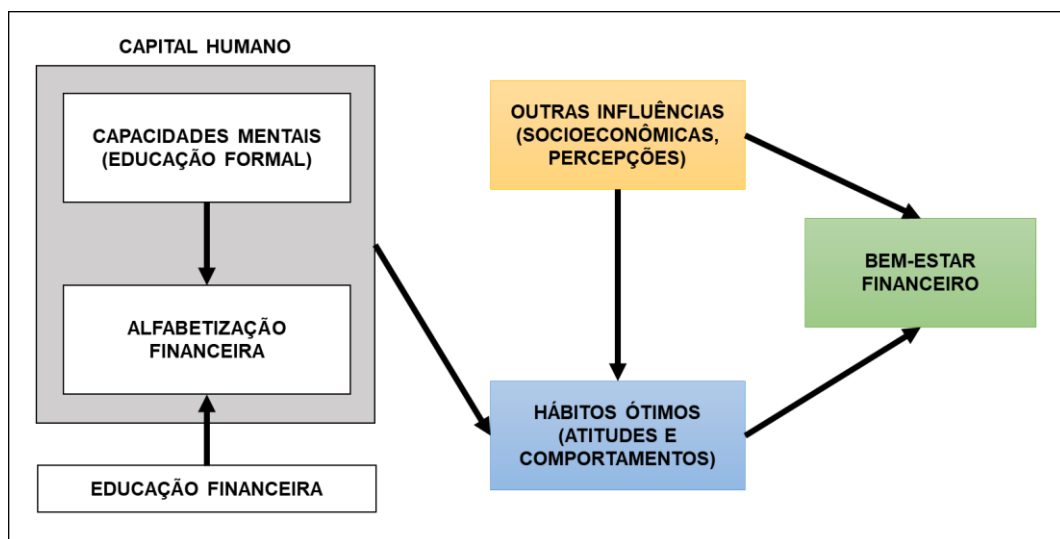
Huston (2010) considerou que a educação financeira, juntamente com as capacidades mentais intrínsecas dos indivíduos, forma o que Schultz (1961) chamou

de capital humano<sup>1</sup>. Dessa forma, o conhecimento financeiro é uma dimensão da alfabetização financeira, mas não é seu equivalente, uma vez que essa possui uma dimensão de aplicação adicional que implica que um indivíduo deve ter a capacidade e confiança para usar seu conhecimento para tomar decisões.

Segundo a autora, a trajetória bem-sucedida nas finanças pessoais é uma medida mais apropriada de bem-estar financeiro, visto que as deficiências no conhecimento podem ser compensadas através de ferramentas tecnológicas. Por isso, a intensidade da ação de outras influências na vida das pessoas (comportamentais/cognitivos, fatores culturais, econômicos e sociais) pode afetar significativamente comportamentos financeiros e, conseqüentemente, o bem-estar financeiro. Nesse contexto, pessoas financeiramente alfabetizadas podem não exibir comportamentos previstos ou tampouco apresentar um alto nível de bem-estar financeiro devido a essas outras influências.

As relações entre alfabetização financeira, conhecimento, educação e outras influências do bem-estar financeiro propostas no trabalho de Huston (2010) encontram-se na Figura 1.

Figura 1 – Relações entre alfabetização financeira, conhecimento, educação e outras influências na formação do bem-estar financeiro



Fonte: Huston (2010, p. 308) (traduzido pela autora).

<sup>1</sup> Schultz (1961, p.1) foi o economista que associou conhecimento e habilidade intrínsecas das pessoas a um tipo de capital, o que, mais tarde, ficou conhecido como capital humano: "Although it is obvious that people acquire useful skills and knowledge, it is not obvious that these skills and knowledge are a form of capital, that this capital is in substantial part a product of deliberate investment [...]"

O construto objetivo proposto por Huston (2010), a partir de sua meta-análise, baseou-se e serviu de base para vários trabalhos acadêmicos.

Gutter e Copur (2011), ao verificar as características socioeconômicas e a disposição financeira dos indivíduos, adicionam evidências de que a alfabetização financeira está associada ao bem-estar financeiro, mostrando uma forte correlação entre eles. Analisando os aspectos comportamentais de tomada de decisão, Katarachia e Konstantinidis (2014) correlacionaram níveis de educação às decisões e comportamentos mais racionais e, portanto, melhores, estabelecendo uma relação positiva entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro.

Entretanto, muitos foram os trabalhos que apontaram que variáveis pesquisadas de forma objetiva como a eficiência na tomada de decisão, níveis de endividamento e valores poupados para a aposentadoria não são suficientemente correlatos ao conhecimento financeiro, apontando que um nível maior de educação financeira não resulta, necessariamente, em decisões consideradas ótimas ou melhoria do bem-estar financeiro dos pesquisados (JONSSON, SÖDERBERG e WILHELMSSON, 2017; KAISER e MENKHOFF, 2017; KAHNEMAN e DEATON, 2010; KATARACHIA e KONSTANTINIDIS, 2014; LUSARDI, MICHAUD e MITCHELL, 2017; WILLIS, 2011).

Taft et al. (2013) endossaram a proposta de Huston (2010) ao correlacionar positivamente a idade, os níveis de educação financeira e o bem-estar financeiro entre um grupo de professores iranianos. Entretanto, dadas as condições socioeconômicas, culturais e comportamentais daquele país, que não foram consideradas pelos pesquisadores, seus achados: professores homens casados e mais velhos são mais educados financeiramente e desfrutam de maior bem-estar financeiro, podem estar fortemente correlacionados com esses fatores subjetivos citados.

Ao buscar evidências de cada componente da proposta de Huston (2010) para o construto, ficam evidentes, portanto, algumas inconsistências do método objetivo, evidenciadas pelos resultados controversos obtidos pelos pesquisadores que utilizaram esse procedimento.

Pode-se, então, inferir que a abordagem objetiva para a definição de bem-estar financeiro, por se basear estritamente em questionários de concordância e frequência de decisões consideradas ótimas e características demográficas e socioeconômicas, não considera os aspectos subjetivos importantes para a condição humana, como



alegria, otimismo e satisfação com sua situação financeira e, conseqüentemente, com sua percepção de bem-estar, e essa pode ser uma das explicações para achados empíricos tão controversos.

Ao considerar esses pontos, o terceiro grupo de cientistas considera o bem-estar financeiro um conceito composto, onde questões acerca de decisões e satisfação são abordadas (COX, HOOKER, MARKWICK e REILLY, 2009; SHIM, XIAO, BARBER e LYONS, 2009; VOSLOO, 2014).

Porter (1990), afirmou que o bem-estar financeiro pode ser definido a partir de aspectos objetivos e subjetivos da situação financeira de uma pessoa, avaliando comparativamente com os indivíduos que a cercam, formando uma percepção própria sobre sua situação financeira.

Sob a mesma ótica, Brügggen et al. (2017), definem bem-estar financeiro como a percepção de poder sustentar padrões de vida desejados, atuais e previstos, e de ter liberdade financeira. Para alcançá-lo, Shim et al. (2009) afirmam que os indivíduos devem percorrer um caminho complexo que envolve comportamento e sentimento de significância e recompensa o que, de acordo com os autores, compreende também comparações de sua situação socioeconômica atual com a histórica.

Brügggen et al. (2017) sugeriram que uma perspectiva de pesquisa objetiva e subjetiva para o bem-estar financeiro pode ser mais abrangente e capturar questões não financeiras sendo, portanto, mais adequada do que uma abordagem puramente objetiva para definir e medir esse complexo construto, uma vez que indivíduos com o mesmo nível de renda podem ter diferentes percepções de seu bem-estar financeiro dependendo de suas preferências e valores pessoais.

A forma com a qual um indivíduo percebe seu bem-estar financeiro é influenciada por uma série de fatores, como características demográficas pessoais (sexo, idade, educação, estado civil e estrutura familiar) (JOO e GRABLE, 2004; MALONE, STEWART, WILSON e KORSHING, 2010), conhecimento específico (SHIM, XIAO, BARBER e LYONS, 2009) e atitude e comportamento em relação ao dinheiro (NORVILITIS, SZABLICKI e WILSON, 2003), que podem afetar a percepção individual de bem-estar financeiro, bem como fatores estressores, como o desemprego e a segurança na renda (O'NEILL, SORHAINDO, XIAO e GARMAN, 2005). Diante disso, a natureza complexa do construto implica que a avaliação subjetiva do bem-estar de um indivíduo não é somente um reflexo dos fatores

objetivos como renda e hábitos financeiros. O bem-estar é determinado, também, por fatores de satisfação pessoal e de referência social, sendo determinada por diferentes fatores reais contextuais e pessoais que não são estáticos ou constantes (BRÜGGEN, HOGREVE, HOLMLUND, KABADAYI e LÖFGREN, 2017).

Vosloo (2014) estabeleceu e mediu a relação entre variáveis objetivas e subjetivas, como eficácia financeira e satisfação com a remuneração, respectivamente, com o bem-estar financeiro de um grupo de trabalhadores da África do Sul. Nesse estudo, foi indicado que a eficácia financeira modera a relação entre o bem-estar financeiro e satisfação com a remuneração, mostrando que conforme a eficácia financeira de uma pessoa aumenta, também aumenta a força da relação entre satisfação com a remuneração e bem-estar financeiro. No caso, com as correlações sendo positivas, é possível compreender que quanto maior o salário, mais altos os cargos e a escolaridade sendo, portanto, maior o bem-estar financeiro percebido. O autor, dessa forma, suporta a noção de que educação financeira e formal abrangentes (que aumentam a alfabetização financeira) podem ser vantajosas para o bem-estar financeiro, devido à relação encontrada entre a eficácia, isto é, a capacidade individual de atingir seus objetivos, e o bem-estar financeiro.

No Brasil, Campara et al. (2017) utilizaram o conceito de Satisfação Global de Vida para analisar as relações entre a alegria, medida subjetivamente, e o bem-estar financeiro, medido objetivamente, de indivíduos de baixa renda participantes do Programa Bolsa Família no Brasil. Seus achados mostraram que a alegria e a satisfação com a vida estão correlacionadas ao bem-estar financeiro de forma negativa, apontando que, apesar de apresentarem grande preocupação em conseguir pagar suas contas cotidianas e estarem muito endividados, os brasileiros entrevistados sentem-se bem com a vida que levam e são felizes de forma geral.

O mesmo estudo, entretanto, conduzido por Meyer e Dunga (2014) no continente africano, apontou níveis de autossatisfação e de bem-estar financeiros correlacionados forte e positivamente, isto é, indivíduos de baixa renda apresentam níveis de satisfação e bem-estar financeiro igualmente baixos.

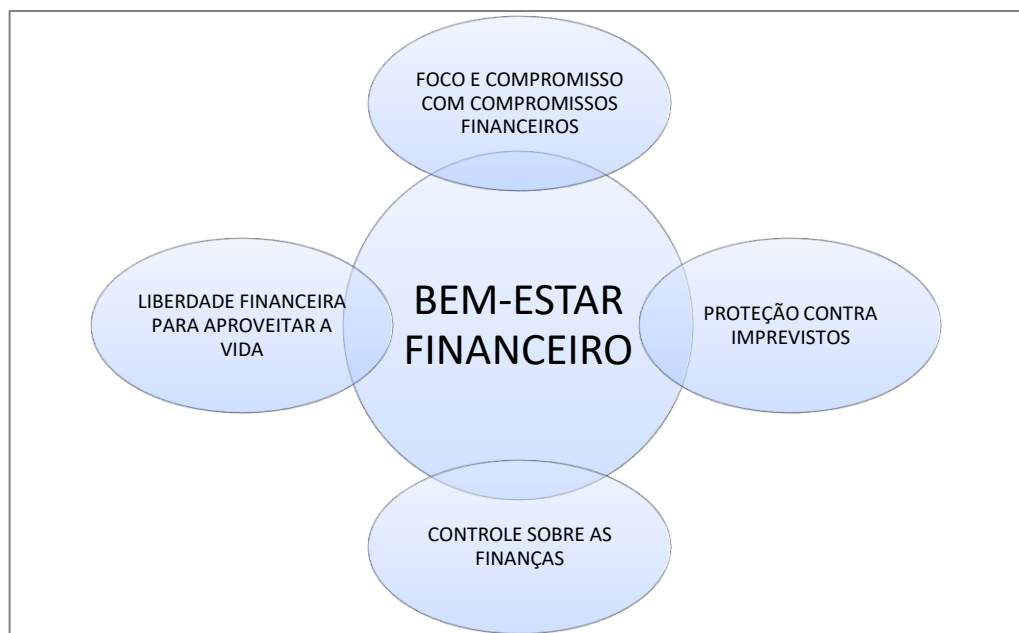
Um dos motivos que podem justificar os achados antagônicos é a presença de um programa governamental brasileiro que auxilia as famílias de baixíssima renda a manter um nível aceitável de vida, o que não acontece na localidade do estudo de Meyer e Dunga (2014). Como Campara et al. (2017) não entrevistaram famílias de

baixa renda não participantes do programa, não há evidências de que a intervenção governamental seja a responsável pelo alto índice de satisfação com a vida desses entrevistados, levantando dúvidas acerca de causas e consequências.

Atualmente, o indicador de bem-estar financeiro no Brasil é mensurado periodicamente pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas – CNDL e baseia-se no modelo objetivo desenvolvido pelo *Consumer Financial Protection Bureau* – CFPB, órgão americano de proteção ao consumidor, que foi traduzido para realidade brasileira por pesquisadores da Comissão de Valores Mobiliários e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CFPB, 2015; CNDL, 2019).

Por esse instrumento, entende-se que o bem-estar financeiro é o estado em que o indivíduo tem capacidade de honrar as suas obrigações financeiras, sente-se seguro com relação ao futuro financeiro e pode fazer escolhas que lhe permitam aproveitar a vida. Na construção de um indicador brasileiro, essas dimensões desdobraram-se num conjunto de afirmações sobre percepções, hábitos, costumes e experiências com o dinheiro. A Figura 2 traz os princípios formadores do conceito de bem-estar financeiro de acordo com o instrumento nacional (CNDL, 2019).

Figura 2 – Princípios formadores do conceito de bem-estar financeiro de acordo com o instrumento brasileiro



Fonte: CNDL, 2019 (modificado pela autora).

De acordo com os resultados apresentados no ano de 2019, o indicador de bem-estar financeiro ficou abaixo de 50 pontos (de um total de 100), para uma amostragem de 800 pessoas em 12 capitais brasileiras (CNDL, 2019).

## 2.2 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO MEDIDA DE CONHECIMENTO FINANCEIRO

A definição de educação financeira, ou *financial education*, segundo Lusardi e Mitchell (2007b), inclui o aprendizado de conceitos fundamentais nas áreas de matemática e matemática financeira para poder escolher entre uma multiplicidade de alternativas disponíveis no mercado e estabelecer os objetivos financeiros desejados, somada à reflexão profunda sobre o papel do dinheiro na vida pessoal e na sociedade.

O conceito foi aprofundado por Lusardi (2008), que relacionou a educação financeira a um conjunto de informações interiorizadas que auxiliam as pessoas a gerenciar seu dinheiro, evitando assim, que o aumento da complexidade dos serviços financeiros oferecidos resulte na insuficiência de conhecimento para a tomada de decisão cotidiana.

Aqui cabem duas observações conceituais importantes a serem feitas: i) no Brasil, o termo educação financeira é extenso e engloba o ato de educar em finanças, o conhecimento técnico adquirido e a aplicação desses conhecimentos para tomar decisões financeiras consideradas ótimas, sendo amplamente utilizado por pesquisadores que realizam pesquisas baseadas em intervenções, medições de conhecimento e decisões acerca de poupança, endividamento e crédito (ARAÚJO e DE SOUZA, 2012; HOJI, 2000; MARTINS, 2004; MICHELS, 2015); ii) a distinção linguística entre alfabetização financeira, educação financeira e intervenção em educação financeira (como ato de educar), é um pouco mais evidenciada na língua inglesa, onde são utilizados os termos *financial literacy*, *financial education* e *financial education programs* (ou *financial interventions*), respectivamente. (BACEN, 2018a; MICHELS, 2015).

Os pontos de destaques em ambas as definições de educação financeira, entretanto, são as referências à interiorização subjetiva dos conceitos e a inferência

de que a educação financeira envolve processos mentais mais complexos que checar contas bancárias ou demonstrar intenções de poupança.

Diante disso, há um consenso social de que a educação financeira deve ser iniciada na escola, juntamente com outras disciplinas, de modo que as pessoas sejam educadas formalmente e tenham acesso às ferramentas financeiras tão logo quanto possível (OCDE, 2005; VYGOSTKY, 1988). Nessa perspectiva, intervenções em educação financeira seriam entradas destinadas a aumentar o capital humano, conduzir à melhoria nas decisões e, conseqüentemente, aumentar o bem-estar financeiro dos indivíduos.

A ênfase na educação de crianças e jovens é atrativa e elegante, pois entende-se que bons hábitos financeiros formados na idade de aprendizagem possam beneficiar a escolaridade, o emprego e os padrões de vida ao longo da vida adulta. Apoiadores desta iniciativa alegam que, na tenra idade, crianças e jovens são mais preparados para interiorizar conceitos e conseguir aplicar o aprendizado de forma mais orgânica na vida adulta (BRUHN, SOUZA LEÃO, LEGOVINI, MARCHETTI e ZIA, 2013; OCDE, 2005; OCDE, 2013; WALSTAD, REBECK e MACDONALD, 2010).

Alicerçados nas afirmações de que estudantes bem informados têm a oportunidade de modificar não apenas suas próprias opções financeiras, mas também atuar como agentes de mudança nas decisões financeiras de suas famílias, e que grande parte do comportamento do consumidor adulto é aprendido durante os anos da infância e juventude através da influência de agentes de socialização, como família, comunidade e professores, pesquisadores conduziram avaliações do impacto de programas de educação financeira em escolas do ensino básico, médio e de graduação em diversas partes do mundo. O Quadro 1 traz maiores detalhes acerca de alguns destes estudos.

Quadro 1 – Estudos sobre educação financeira de crianças e jovens em diferentes países do mundo

Local	Método	Achados	Pesquisadores
Turquia	Survey: 1539 estudantes universitários	Cursos de finanças feitos na faculdade, ou no ensino médio, foram positivamente relacionados ao hábito de poupar, mas não foram relacionados a pagamentos em dia ou orçamento.	Akben-Selcuk (2015)
Holanda	Survey: 2213 pessoas que participaram de aulas de educação financeira na escola	Aprendizado social sobre finanças desenvolvem atitudes mais positivas quanto a poupar dinheiro e desenvolvem hábitos considerados ótimos.	Ammerman e Stueve (2019)
Cidade do México	Survey: 889 adolescentes entre 15 e 18 anos estudantes da rede pública e privada	Baixos níveis de educação financeira (60% entendem inflação, 34% entendem diversificação e 32% entendem juros compostos). Não foram encontradas diferenças entre gêneros, ou entre as redes. Não foram avaliadas alterações entre hábitos financeiros.	Arceo-Gómez e Villagómez (2017)
Brasil (6 Estados)	Survey: 25000 estudantes da rede pública	Após intervenção, apesar de apresentar melhora nas notas das provas, estudantes não se mostraram capazes de fazer escolhas melhores e fizeram escolhas de produtos financeiros caros como cartão de crédito, parcelamento de compras a juros e atraso nos pagamentos	Bruhn, Souza Leão, Legovini, Marchetti e Zia (2016)
Estados Unidos (14 Estados)	Survey: 2000 pessoas (afetados pela lei que impôs educação financeira nas escolas de 1957 a 1982 vs. não afetados)	As pessoas que receberam educação financeira obrigatória não apresentaram mais hábitos financeiros ótimos que aqueles que não receberam. Pessoas que tiveram seus currículos aumentados na disciplina de matemática (geral) engajaram em hábitos considerados ótimos.	Cole, Paulson e Shastry (2014)
Estados Unidos (14 Estados)	Survey: 3500 pessoas (afetados pela lei que impôs educação financeira nas escolas de 1957 a 1982 vs. não afetados vs. Estados com grade aumentada em um ano)	Aumento da educação (geral) em um ano é significativamente correlacionada ao aumento da quantidade e da qualidade das decisões financeiras no mercado financeiro. O aumento da educação financeira mandatória não gerou resultados a longo prazo na qualidade das decisões financeiras.	Cole e Shastry (2009)
República Tcheca	Experimento: 248 estudantes do ensino médio	O nível de conhecimentos, habilidades e competências no campo da educação financeira proporcionado pela educação escolar chega a apenas 50% (a parte restante é resultado da experiência de vida dos entrevistados ou uma consequência da influência ambiental)	Opletalová (2014)
Peru	Survey: 16443 estudantes de 12 a 15 anos da rede pública	A educação financeira teve impacto positivos nas habilidades socioemocionais, no desempenho escolar e na tendência a engajar em hábitos financeiros ótimos.	Frisancho (2018)
Malasia	Survey: 2519 estudantes universitários	Educação financeira foi associada com maiores tendências a poupar e desenvolver hábitos ótimos.	Sabri e MacDonald (2010)
Estados Unidos (Texas, Idaho e Georgia)	Análise de dados secundários: análise de crédito ( <i>Equifax Risk Scores</i> )	Educação financeira pessoal obrigatória no ensino médio pode melhorar o comportamento de crédito de jovens adultos, quando e se implementadas corretamente.	Urban, Schmeiser, Collins e Brown (2015)
Espanha	Experimento: 1223 estudantes	Educação financeira causou uma melhoria no entendimento dos conceitos financeiros quanto ao hábito de poupar, mas não ao consumo sustentável.	Hospido, Villanueva e Zamorro (2015)

Fonte: pesquisa realizada pela autora, 2021.

Em pesquisas conduzidas com indivíduos adultos, Marcolin e Abraham (2006) observaram que diante de fatores como a facilidade de crédito, rápido crescimento dos produtos financeiros e popularização do cartão de crédito, a inclusão social é bastante dificultada e piorada quando o nível de educação financeira é baixo. Os autores compararam e analisaram estudos sobre o tema desenvolvidos na Austrália, Estados Unidos e Reino Unido com o objetivo de determinar tanto as semelhanças como as inconsistências e concluíram que os três países tiveram resultados semelhantes: a média de educação financeira da população é baixa e indivíduos com maior nível de educação formal tendem a ter maior educação financeira.

Lusardi e Mitchell (2007a) apontaram que a maioria dos sujeitos adultos pesquisados não foi capaz de efetuar a matemática dos conceitos financeiros mais básicos, como porcentagem e juros compostos, apontando que há implicações dessas deficiências na determinação da poupança, dos planos de aposentadoria, hipotecas e outras decisões financeiras que tais indivíduos precisam tomar ao longo da vida.

Lusardi (2008) constatou que americanos com baixos índices de educação financeira não se planejam financeiramente, tanto para fatos previsíveis da vida adulta como paternidade, casa própria e aposentadoria, quanto para imprevisíveis, deixando a macroeconomia dos Estados Unidos exposta a choques. A autora apontou, ainda, que tal falta de planejamento conduz a um grande nível de endividamento e, conseqüentemente, baixa qualidade de crédito.

Lusardi e Tufano (2015) correlacionaram o baixo nível de educação financeira da população americana, apontado por Lusardi (2008), com o pagamento de altas tarifas de juros e transações. Adicionalmente, ao levantar a compreensão dos indivíduos pesquisados, concluíram que somente um terço foi capaz de entender o significado de juros compostos e o funcionamento dos cartões de crédito. Concluíram, então, que a ignorância tem um alto custo a esses indivíduos, uma vez que as tarifas pagas por eles são cerca de 50% mais elevadas do que a média nacional.

Os problemas de planejamento entre os menos educados financeiramente foram observados em várias pesquisas. Resultados empíricos apontaram que esses indivíduos são menos propensos a planejar para a aposentadoria, a acumular riqueza e apresentam menor probabilidade de investir no mercado financeiro (BAUER, SON, HUR, ANDERSON-PORISCH, HEINS, PETERSEN, HOOPER MARCKZAK, OLSON e BARRET WIIK, 2011; LUSARDI e MITCHELL, 2007a; LUSARDI e MITCHELL, 2014;

LUSARDI, MITCHELL e CURTO, 2010; LUSARDI e TUFANO, 2015; TAFT, HOSEIN, MEHRIZI e ROSHAN, 2013).

A educação financeira foi correlacionada positivamente com o aumento nos acertos em cálculos de juros (BRAUSTEIN e WELCH, 2002; VAN ROOIJ, LUSARDI e ALESSI, 2011), com maior probabilidade de poupar no futuro, (BAYER, BERNHEIN e SCHOLZ, 1996; BEHRMAN, MITCHELL, SOO e BRAVO, 2012; CARPENA, COLE, SHAPIRO e ZIA 2011; CLARK e SCHIEBER, 1998; HILGERT, HOGARTH e BEVERLY, 2003; LUSARDI, 2003; LUSARDI e MITCHELL, 2007a; MURENDO e MUTSONZIWA, 2017), com maior probabilidade de comprar ativos de risco e investir de forma mais eficiente (VAN ROOIJ, LUSARDI e ALESSIE, 2011), com planejamento e aumento de renda (AGARWALLA, AMROMIN, BEN-DAVID, CHOMSISENGPHET e EVANOFF, 2015; LUSARDI e MITCHELL, 2007a; LUSARDI e MITCHELL 2011a), com índices de decisões consideradas ótimas medidos de acordo com os parâmetros OCDE (2011) (MEIER e SPRENGER, 2013; XIAO e O'NEILL, 2016), com maior entendimento sobre dívidas e empréstimos (LUSARDI e MITCHELL, 2007a); com a autossuficiência (WILLIAMS, 2007); e com alguma melhora não significativa nos hábitos financeiros considerados ótimos e no nível de alfabetização financeira (ARAÚJO e DE SOUZA, 2012; HASTINGS, MADRIAN e SKIMMYHORN, 2013; JONSSON, SÖDERBERG e WILHELMSSON, 2017; MESSY e MONTICONE, 2016; POTRICH, VIEIRA e KIRCH, 2016; WILLIAMS, 2007).

Em relação às características demográficas, Kumar (2013), em seu estudo desenvolvido na Índia, encontrou correlação positiva entre o nível de educação financeira e o gênero, a escolaridade, a renda, a natureza do emprego e local de trabalho, mas não encontrou correlação por idade ou região geográfica. Em contraponto, Murendo e Mutsonziwa (2017) e Walstad et al. (2010) apontaram correlação entre educação financeira e local de moradia, mais especificamente, afirmaram que pessoas que vivem em áreas urbanas apresentam maiores índices de educação financeira que aquelas que vivem nas áreas rurais e, Lusardi e Mitchell (2011b), a partir de pesquisas conduzidas em países desenvolvidos, determinaram que gênero e idade são negativamente correlacionados com o nível de educação financeira dos indivíduos.

Muitos especialistas observaram os resultados dessas pesquisas e assumiram que, para engajar os indivíduos em hábitos ótimos, deve-se investir maciçamente em



intervenções para aumentar a educação financeira da população. Esta é uma solução que agrada a todas as posições políticas, a todas as geografias e gera muita comoção empresarial, inclusive no Brasil (BACEN, 2018; CORDRAY, 2013; GREENSPAN, 2005; HILGERT, HOGARTH e BEVERLY, 2003; LUSARDI E MITCHELL, 2007b; OCDE, 2005; OCDE, 2013).

De acordo com Fox et al. (2005), as intervenções endereçadas ao aumento da educação financeira dizem respeito a programas de aprimoramento educacional que apresentem em seu escopo temáticas acerca de conceitos financeiros, como juros simples, taxas, inflação e juros compostos, e que expliquem, de forma básica, o funcionamento do mercado financeiro.

Segundo Anderloni e Vandone (2010), as intervenções em educação financeiras, quando destinadas a indivíduos adultos, são encaradas socialmente como medidas preventivas, permitindo que esses indivíduos tenham condições de entender problemas financeiros e gerenciar suas finanças pessoais de forma satisfatória, evitando o endividamento.

Diante disso, legisladores têm defendido que uma política pública de intervenções em educação financeira de cidadãos jovens e adultos é o antídoto necessário para aumentar a qualidade das decisões financeiras desses indivíduos<sup>2</sup>.

Entretanto, intervenções conduzidas por empresas e governos, promovendo ações que visaram a melhoria do conhecimento financeiro de indivíduos adultos, mesmo embora altamente recomendadas pela OCDE, apresentaram resultados empíricos considerados modestos ou bastante específicos, tanto nos níveis de hábitos financeiros considerados ótimos, quanto na qualidade da tomada de decisões (BARUA, SHASTRY e YANG, 2019; CARPENA, COLE, SHAPIRO e ZIA, 2011; FERNANDES, LYNCH JR e NETEMEYER, 2014; GNEEZY, MEIER e REY-BIEL, 2011; LUSARDI, MICHAUD e MITCHELL, 2017; MANDELL, 2008; WILLIS, 2011).

Estudos apontam que, dada a heterogeneidade da população e das questões financeiras preocupantes, é difícil conceber uma política ou um programa único para intervenções em educação financeira que melhore inequivocamente seu bem-estar e,

---

<sup>2</sup> a) PROJETO DE LEI N.º 7.318, DE 2017. Disponível em: [b\) DECRETO Nº 10.393, DE 9 DE JUNHO DE 2020. Disponível em: \[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\\_03/\\\_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm#art10\]\(http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm#art10\). Acesso em: 12/02/2021.](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=DBDF396FBFCC76A5817B3872BBF2E265.proposicoesWebExterno2?codteor=1558293&filename=Avulso+-PL+7318/2017#:~:text=Altera%20os%20artigos%2026%2C%2032,no%20ensino%20fundamental%20e%20m%C3%A9dio. Acesso em: 30/03/2020.</a></p></div><div data-bbox=)

além disso, é igualmente difícil realizar avaliações do programa e da sua eficácia, a longo prazo (GRINSTEIN-WEISS, GUO, REINERTSON e RUSSEL, 2015; WALSTAD, URBAN, ASARTA, BREITBACH, BOSSHARDT, HEATH, O'NEILL, WAGNER e XIAO, 2017).

A exemplo, Mandell (2008) documentou fraca correlação entre o aumento do conhecimento financeiro de alunos do ensino médio e seu nível de engajamento em hábitos considerados ótimos, tanto daqueles que completaram, quanto dos que não completaram as aulas de educação financeira obrigatórias nas escolas secundárias.

Em pesquisa similar, Mandell e Klein (2009) ressaltaram que há muitas evidências de que esforços para a capacitação econômica estão sujeitos a falhar. Suas afirmações se basearam na constatação de que indivíduos que frequentaram programas de educação financeira obrigatória não se encontraram, alguns anos após a intervenção, em melhor situação do que aqueles que não o realizaram.

Cole et al. (2016) também avaliaram cursos obrigatórios de finanças pessoais em escolas secundárias baseados no treinamento em matemática para beneficiar os alunos em temas específicos: aposentadoria, participação no mercado financeiro, investimento e gerenciamento de dívidas, e observaram que não houve efeito sobre o nível de engajamento dos alunos em hábitos considerados ótimos.

De acordo com Bruhn et al. (2013), intervenções em educação financeira quando conduzidas em mentes jovens, mesmo que tenham sucesso em aumentar a proficiência destes sobre o tema, auxiliar na melhora do seu desempenho em matemática e permitir que exerça alguma influência positiva sobre a família, nem sempre resultam em evidências de melhoria nos hábitos financeiros pessoais. Essa conclusão ficou clara ao verificar que, após conduzir uma intervenção, houve o aumento da propensão dos estudantes ao maior uso de recursos e produtos financeiros caros, como cartões de crédito e empréstimos, da escolha de planos de parcelamento a juros para fazer compras e de intenções de pagamentos atrasados.

Fernandes et al. (2014), conduziram uma extensa meta-análise a partir de pesquisas em educação financeira e reportaram que intervenções foram capazes de explicar somente 0,1% da variância nos hábitos dos pesquisados.

Este contraste surpreendente, entre o encorajamento para o aumento do nível de educação financeira e a falta de evidências convincentes de que é uma política social eficaz para modificar hábitos financeiros, pode estar no fato de que cada

indivíduo que participa dessas intervenções apresenta suas próprias motivações intrínsecas, que modulam a intensidade do seu comprometimento e a capacidade de interiorização dos ensinamentos (HASTINGS, MADRIAN e SKIMMYHORN, 2013).

Carpena et al. (2011) e Hoffmann e Otteby (2018) apontaram que programas de educação financeira podem não ser eficazes porque são baseados em intervenções que carecem de especificidade, não sendo considerados relevantes, informativos ou interessantes para a população-alvo.

Kaiser e Menkhoff (2017) endossaram essa afirmação apontando que hábitos específicos, como o tratamento de dívidas, são muito difíceis de influenciar, e intervenções em educação financeira, tanto ministradas a jovens quanto a adultos, parecem ser ineficazes quando não são direcionadas a quem realmente necessita delas. A correlação positiva e significativa entre o aumento da educação financeira a grupos específicos de países em desenvolvimento, abordando temas pertinentes à realidade destes grupos-alvo, e o engajamento em hábitos considerados ótimos foi observada por diversos pesquisadores (AGARWALLA, AMROMIN, BEN-DAVID, CHOMSISENGPHET e EVANOFF, 2015; CALDERONE, FIALA, MULAJ, SADHU e SARR, 2018; CARLIN e ROBINSON, 2012; FERNANDES, LYNCH E NETEMEYER 2014; HASTINGS, MADRIAN E SKIMMYHORN 2013; MILLER, REICHELSTEIN, SALAS e ZIA, 2014).

Pesquisas que relatam sucesso na mudança de hábitos dos participantes, reportando intervenções educacionais baseadas na participação voluntária dos interessados, forneceram fortes evidências de que o melhor desempenho foi atingido por aqueles que apresentaram interesses próprios para participar das ações e interiorizar os ensinamentos.

Nesse aspecto, Carpena et al. (2011) avaliaram as consequências de intervenções em uma amostra de indivíduos na Índia e afirmaram que, embora a ação não tenha resultado na melhoria das habilidades matemáticas, foi significativa a melhora na conscientização sobre produtos financeiros. Cai et al. (2015) conduziram sessões de educação financeira para agricultores rurais, gerando um aumento significativo na contratação de seguros na China. Berg e Zia (2013), encontraram correlação entre informações financeiras, estrategicamente inseridas no enredo de uma novela popular na África do Sul, e hábitos financeiros desejáveis, como maior contratação de empréstimos em instituições formais. Karlan e Valdivia (2010), por sua

vez, observaram melhora no conhecimento e no faturamento de empresas pertencentes a mulheres empreendedoras que participaram de cursos voluntariamente no Peru. Hung et al. (2012) estudaram os comportamentos de populações adultas nos EUA em relação à aposentadoria e descobriram que conselhos financeiros não solicitados não causam impacto algum nas decisões de poupança e investimento.

Pesquisadores adicionaram incentivos monetários à participação voluntária em cursos de aprimoramento financeiro e não tiveram sucesso na melhoria do nível das decisões dos participantes, comprovando que somente a motivação intrínseca pode conduzir às boas práticas (BRUHN, IBARRA e MCKENZIE, 2014; CARPENA, COLE, SHAPIRO e ZIA, 2019; HASTINGS, MADRIAN, SKIMMYHORN, 2013).

Por exemplo, Carpena et al. (2011) conduziram experimentos onde indivíduos, mesmo informados de que poderiam receber incentivos monetários por bom desempenho no teste de conhecimento, não foram capazes de responder corretamente às perguntas, sugerindo que o foco na recompensa gera falta de atenção e ergue uma barreira cognitiva prejudicial à assimilação dos conteúdos teóricos. Indo além, descobriram que uma intervenção em educação financeira entre consumidores não bancarizados na Indonésia foi menos eficaz em estimular a abertura de contas de poupança do que a doação de um pequeno incentivo monetário.

Outro exemplo reside no fato de que as abordagens experimentais conduzidas com voluntários apresenta problemas na inferência causal: indivíduos que optam pela participação em cursos de matemática financeira são comportamentalmente mais abertos às informações e mais propensos à prática dos conhecimentos, pela simples escolha pessoal em se tornarem mais alfabetizados financeiramente que aqueles que optam por não participar (BARUA, SHASTRY e YANG, 2019; LOIBL, GRINSTEIN-WEISS, ZHAN, e RED BIRD, 2010; MEIER e SPRENGER, 2008).

Isso leva à reflexão de que as motivações para a busca de educação financeira podem estar não somente fundamentadas na solução de problemas de interesse próprio, mas também na situação socioeconômica dos indivíduos.

Barua et al. (2019), ao oferecerem cursos de aperfeiçoamento a empregadas domésticas em Singapura, encontraram um nível de interesse geral muito baixo, mas notaram maior probabilidade de matrícula entre mulheres com maior nível de escolaridade.

A correlação entre nível de escolaridade e procura por aperfeiçoamento financeiro foram observadas, também, por Bhattacharya et al. (2012), Collins (2012), Hackethal et al. (2012), Hoffmann e Otteby (2018). Em seus estudos, os autores descobriram que indivíduos mais letrados e mais experientes são mais prováveis em contratar e receber consultorias financeiras.

Ao reportar o desempenho das empresas gerenciadas por indivíduos participantes de cursos desenvolvidos no México, Calderon et al. (2020) afirmaram que apenas empreendedores de alta qualidade, ou seja, aqueles com maior escolaridade e capital intelectual, conseguem se beneficiar com intervenções em educação.

Adicionalmente, Kaiser e Menkhoff (2017) assinalam que intervenções em educação financeira são menos eficazes para pessoas de baixa renda. Além disso, ações direcionadas a esse público-alvo apresentam menos impacto, o que se apresenta como um desafio para os formuladores de políticas que visam indivíduos em situação de pobreza. A associação entre os efeitos fracos das ações direcionadas a essa camada da população também foi reportada por Fernandes et al. (2014). Nesse grupo, os autores especificam que os efeitos das intervenções em educação financeira são pequenos quando comparados àqueles observados em outros domínios intelectuais como gramática, por exemplo.

Intervenções em educação financeira, dependendo das condições socioeconômicas e da receptividade do grupo estudado, também podem resultar em efeitos indesejados. Barua et al. (2019), por exemplo, observaram que cursos de educação financeira afetaram negativamente os hábitos financeiros de mulheres migrantes, que passaram a poupar menos após a conclusão.

Finalmente, as correlações, encontradas entre os níveis de educação financeira e os comportamentos considerados ótimos apresentadas pelos pesquisadores, mostram que alguns hábitos ideais podem ser aprendidos. Entretanto, a baixa correlação existente entre esses níveis e a tomada de decisão maximizada, após a condução de intervenções educacionais, traz reflexões acerca da eficácia, da abrangência e dos custos envolvidos em tais campanhas educativas, uma vez que muitos pesquisadores reportaram a dificuldade no engajamento perene em hábitos considerados ótimos apresentada pelos sujeitos estudados.

## 2.3 ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E HÁBITOS FINANCEIROS

A “alfabetização financeira”, ou *financial literacy*, foi apresentada pela primeira vez em 1997 pela Coalizão Nacional Jump\$tart para Alfabetização Financeira Pessoal<sup>3</sup>, que a definiu como a capacidade individual de usar conhecimentos e habilidades para gerenciar efetivamente recursos financeiros e garantir segurança financeira vitalícia.

A partir dessa definição, pesquisadores realizaram pesquisas na tentativa de medir esse construto através de questões envolvendo conhecimentos gerais, economias, empréstimos, seguros e investimentos (ALMENBERG e DREBER, 2015; BEAL e DELPACHITRA, 2003; BRAUNSTEIN e WELCH, 2002; CHEN e VOLPE, 1998; CHEN e VOLPE, 2002).

Em 2005, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, definiu o termo educação financeira – *financial education* – como o processo pelo qual consumidores e investidores financeiros melhoram sua compreensão sobre produtos e conceitos financeiros e, por meio de informações, instruções e/ou aconselhamento objetivo, desenvolvem as habilidades e a confiança necessárias para tornar-se mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, possibilitando fazer escolhas informadas, saber onde procurar ajuda e implementar práticas para melhorar seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005).

Ao apresentar educação financeira como sinônimo de alfabetização financeira naquele ano, uma vez que as características de uma e de outra ficaram bastante similares, a OCDE deixou claro que as habilidades e a confiança eram características a serem desenvolvidas assim que os indivíduos compreendessem os conceitos, sugerindo um efeito causal: está habilitado quem aprendeu.

Diante dessa perspectiva, muitas foram as pesquisas conduzidas considerando aspectos de aprendizado e familiaridade de conceitos econômico-financeiros básicos, como poupança, empréstimos, investimentos, juros compostos, inflação, risco, retorno e diversificação. E, por alguns anos, a definição de alfabetização financeira proposta pela OCDE (2005) foi adotada por muitos trabalhos conduzidos nesse tema, uma vez que os pesquisadores consideraram que o conhecimento dos conceitos era suficiente para que o indivíduo desenvolvesse habilidades financeiras (AGARWALLA,

---

<sup>3</sup> Jump\$tart National.Coalition <https://www.jumpstart.org>

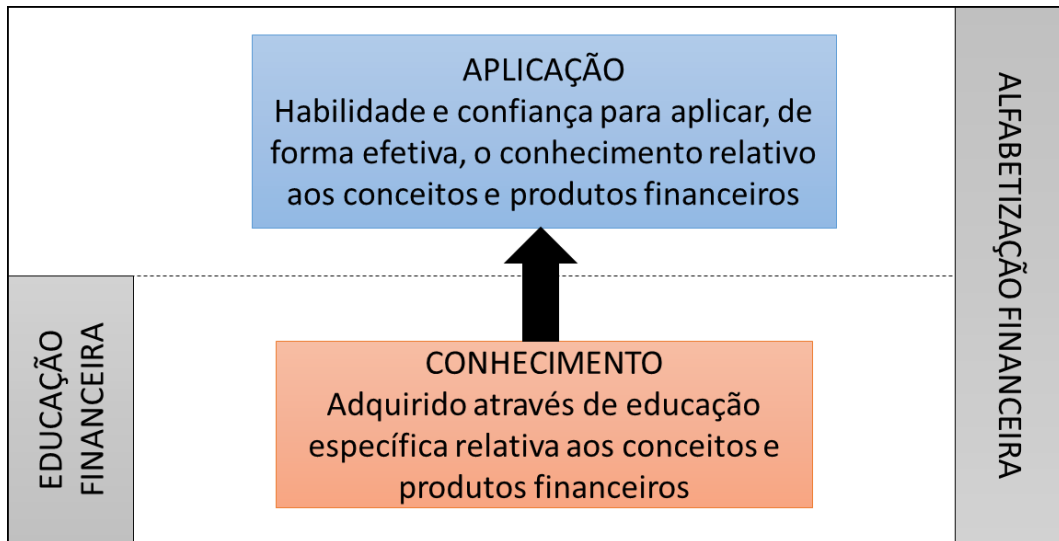
AMROMIN, BEN-DAVID, CHOMSISENGPHET e EVANOFF, 2015; HOFFMANN e OTTEBY, 2018; HUSTON, 2010; JONSSON, SÖDERBERG e WILHELMSSON, 2017; LUSARDI, 2008; LUSARDI e MITCHELL, 2007b; LUSARDI e MITCHELL, 2008; LUSARDI e MITCHELL, 2014; LUSARDI, MITCHELL e CURTO, 2010; SABRI, MACDONALD, HIRA, e MASUD, 2010; SEVIM, TEMIZEL e SAYILIR, 2012; VAN ROOIJ, LUSARDI e ALESSIE, 2011).

Uma tentativa de comparar e aumentar a consistência dos achados científicos foi proposta por Schwab et al. (2008), quando sugeriu a separação dos conceitos de educação financeira e alfabetização financeira. Nesse contexto, a educação financeira seria o processo pelo qual as pessoas aprimoram sua compreensão de produtos, serviços e conceitos financeiros através de intervenções e cursos específicos, habilitando-as com ferramentas mentais fazer escolhas informadas, evitar armadilhas e saber onde procurar ajuda para melhorar seu bem-estar financeiro atual e de longo prazo. A alfabetização financeira seria, então, a capacidade de utilizar esses conhecimentos e habilidades para gerenciar recursos financeiros efetivamente por uma vida inteira de bem-estar financeiro.

Muitos pesquisadores conduziram estudos à partir da premissa de que a alfabetização financeira denota o conhecimento e entendimento de conceitos financeiros, sendo fator crucial para o desenvolvimento de habilidades que permitem a otimização das decisões dos indivíduos (FERNANDES, LYNCH JR, e NETEMEYER, 2014; FOX, BARTHOLOMAE e LEE, 2005; HUNG, PARKER, e YOONG, 2009; KUMAR, 2013; LUSARDI e MITCHELL, 2007b; LUSARDI e MITCHELL, 2014; MEIER e SPRENGER, 2013; MILLER, REICHELSTEIN, SALAS, e ZIA, 2014; REMUND, 2010).

A partir da revisão de cem artigos publicados de 2000 a 2010, Huston (2010) apresentou a alfabetização financeira como uma medida do grau em que o indivíduo compreende os principais conceitos financeiros, possuindo assim a capacidade e a confiança para gerenciar finanças pessoais por meio de tomada de decisão apropriada e de curto prazo, além de um planejamento financeiro sólido e de longo alcance, considerando os eventos da vida e as mudanças das condições econômicas. A proposta conceitual e a relação entre a educação financeira e a alfabetização financeira idealizada pela autora pode ser vista na Figura 3.

Figura 3 – Conceito de alfabetização financeira



Fonte: Huston (2010), traduzido pela autora.

A autora baseou sua teoria de alfabetização financeira nas diversas definições encontradas na literatura após classificá-las em cinco categorias distintas: i) conhecimento dos conceitos financeiros, ii) habilidade de comunicação sobre conceitos financeiros, iii) capacidade de gerenciar finanças pessoais, iv) talento para tomar decisões apropriadas e v) confiança em planejar efetivamente as finanças prevendo necessidades futuras.

Em 2011, a OCDE, buscando consenso internacional para uma medição apropriada, em parceria com a Rede Internacional de Educação Financeira - *International Network on Financial Education* (INFE), apresentou a alfabetização financeira como uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual, compreendendo que os vários termos usados para descrever esse conceito (incluindo, não somente, educação financeira e capacidade financeira, mas também cultura financeira e *insight* financeiro) poderiam ser usados de forma relativamente intercambiável, pois refletem percepções semelhantes da realidade que pretendem abranger (ATKINSON e MESSY, 2012; INFE, 2011).

Como resultado dessa cooperação, uma *survey* chamada de Pesquisa de Competências de Alfabetização Financeira de Adultos é periodicamente realizada no mundo todo. Os questionários são baseados nas propostas da OCDE (2011) e



aplicados a cerca de 2.000 cidadãos de cada país participante. Alguns resultados publicados nos anos de 2016 e 2017 são mostrados na Tabela 1.

Tabela 1 – Comparação entre percentuais encontrados em países participantes da Pesquisa de Competências de Alfabetização Financeira de Adultos – 2016/2017

País	VF	J5	ReR	CF	AF
<b>África do Sul</b>	25%	36%	76%	60%	48%
<b>Alemanha</b>	71%	53%	84%	78%	53%
<b>Áustria</b>	66%	44%	86%	80%	58%
<b>Bélgica</b>	73%	50%	83%	83%	56%
<b>Bielorrússia</b>	79%	7%	66%	73%	38%
<b>Brasil</b>	65%	30%	84%	61%	50%
<b>Canadá</b>	57%	56%	86%	75%	64%
<b>Coreia do Sul</b>	75%	58%	89%	65%	51%
<b>Finlândia</b>	83%	58%	89%	85%	59%
<b>França</b>	59%	54%	87%	85%	52%
<b>Itália</b>	48%	33%	73%	61%	45%
<b>Hong Kong</b>	83%	58%	96%	80%	27%
<b>Noruega</b>	76%	65%	86%	74%	73%
<b>Nova Zelândia</b>	51%	60%	88%	75%	74%
<b>Países Baixos</b>	65%	61%	73%	70%	57%
<b>Portugal</b>	55%	46%	82%	76%	63%
<b>Reino Unido</b>	38%	52%	74%	68%	57%
<b>Rússia</b>	65%	46%	78%	63%	40%
<b>Média G20</b>	53%	42%	78%	68%	48%
<b>Média OCDE</b>	66%	48%	83%	72%	55%

Nota 1: VF – percentual de pessoas que assinalaram o valor correto de valorização do dinheiro no tempo; J5 – percentual de pessoas que calcularam corretamente o valor dos juros compostos para 5 anos; ReR – percentual de pessoas que assinalaram a resposta correta quanto ao risco e retorno (relativo à educação financeira); CF – média de respostas sim às perguntas relativas ao planejamento e gerenciamento de finanças pessoais (relativa ao comportamento financeiro); AF – média de respostas sim às perguntas relativas à preocupação com o futuro e emergências (relativa à atitude financeira).

Nota 2: Média G20 e Média OCDE, pesquisas conduzidas com cidadãos de países participantes do G20 (OCDE, 2017) e da OCDE (OCDE, 2016), respectivamente.

Fonte: OCDE (2016) e OCDE (2017) (modificados pela autora).

De acordo com os números mostrados na Tabela 1, ao menos, 65% dos 2.000 brasileiros participantes da pesquisa compreendem o conceito de valor do dinheiro no tempo (índice igual ao da Áustria e superior ao de países desenvolvidos como Canadá, França, Itália, Nova Zelândia, Portugal e Reino Unido), apenas 30% foram capazes de calcular os juros compostos em um horizonte de tempo e 84% compreendem a relação entre risco e retorno. Diante disso, é pertinente o questionamento: se esses valores demonstram níveis de alfabetização financeira, correlacionados ao sucesso na tomada de decisão – aqui denotados pelo termo

“competências”, por que é que o brasileiro comum, entrevistado pelo órgão, não consegue atingir um nível de bem-estar acima da média na sua vida financeira<sup>4</sup>?

Uma explicação pode residir no fato de que, ao abordar conhecimentos e hábitos financeiros, como atitude e comportamento, através uma metodologia simplificada e única atribuindo notas aos cidadãos, o órgão obtém certo sucesso em estabelecer quadros comparativos gerais entre diferentes nações, mas falha em especificidade e causalidade.

Em nível prático, no instrumento aplicado pela OCDE (2011) questões de educação financeira e de competências são avaliadas de forma conjunta. Entretanto, em nível epistemológico, alfabetização financeira e hábitos financeiros considerados ótimos, como atitudes financeiras e conhecimento financeiro, são construtos distintos.

Segundo o próprio órgão, a alfabetização financeira é a medida do grau em que o indivíduo compreende os principais conceitos financeiros, utilizando, para isso, todo o seu capital humano e seus conhecimentos, ensinados formalmente ou não, para entender questões financeiras cotidianas e de mercado, como divisão, multiplicação, porcentagem, juros compostos, relação risco-retorno, inflação e diversificação (OCDE, 2011).

Bentler e Speckart (1979) afirmam que atitudes são hábitos determinados por um número limitado, e hierarquicamente organizado, de crenças salientes imediatamente disponíveis aos indivíduos. Isso significa que cada indivíduo prioriza crenças que acredita serem importantes para si, atribuindo um “peso” imediato a cada resultado proveniente da realização dessas ações – os impulsos. Os autores chamam essa ponderação de subprobabilidade subjetiva, mais popularmente conhecidas como intenções. As atitudes, que podem ser afetivas, cognitivas e comportamentais, precedem intenções e são baseadas em crenças e impulsos.

Em finanças, as atitudes envolvem questões acerca de crenças (nos outros, em instituições, em tecnologias, em políticas sociais e em agentes) e de gratificação a curto ou a longo prazo (CARPENA, COLE, SHAPIRO e ZIA, 2011; OCDE, 2013).

---

<sup>4</sup>a) <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-03/pesquisa-revela-que-58-dos-brasileiros-nao-se-dedicam-proprias-financas>

b) <https://noticias.r7.com/economia/61-mi-brasileiros-comecaram-2020-endividados-diz-cndlspc-brasil-16012020>

c) <https://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/um-em-cada-tres-brasileiros-nao-tem-conta-bancaria-diz-pesquisa/>

d) [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/09/05/internas\\_economia,780952/pesquisa-indica-que-jovens-sao-os-que-menos-conseguem-poupar.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/09/05/internas_economia,780952/pesquisa-indica-que-jovens-sao-os-que-menos-conseguem-poupar.shtml)

Comportamentos, de forma ampla, são quaisquer atividades de um indivíduo. Mais particularmente, atividades que resultem em alterações nas relações desse indivíduo com outros indivíduos ou com o ambiente, envolvendo autoconsciência acerca dessas atividades e ponderação de suas consequências (SKINNER, 2003).

Sobre o comportamento de tomar decisões autocontroladas e autodeterminadas, Skinner (2003) afirma que, quando presente, geralmente é o resultado de reforços especiais aplicados pela sociedade:

“embora os indivíduos possam encontrar, acidentalmente, várias maneiras de decidir, é mais provável que as técnicas relevantes lhes sejam ensinadas. Ensinamos uma criança a ‘parar e pensar’ e a ‘considerar todas as consequências’ fornecendo reforços adicionais, e até certo ponto irrelevantes ou espúrios.” (SKINNER, 2003, pp. 267-268)

O comportamento financeiro pode ser, portanto, ensinado e aprendido, e engloba a utilização do capital intelectual, lavrado durante toda a vida, no processo de tomada de decisão conscienciosa acerca de assuntos financeiros envolvendo gerenciamento do dinheiro, pagamento de contas, controle, orçamento, empréstimo e poupança (CARPENA, COLE, SHAPIRO e ZIA, 2011; OCDE, 2013).

Alfabetização financeira e estudos sobre atitudes e comportamentos financeiros inspiraram muitas pesquisas desenvolvidas acerca desses temas em várias partes do mundo. Pesquisadores estudaram e relataram suas relações em indivíduos de diversos países. O Quadro 2 traz os seus principais achados.

Finalmente, pode-se dizer que não há, no meio acadêmico, um consenso sobre os melhores instrumentos para mensuração da alfabetização financeira e de suas competências até o momento. Muito se deve ao entendimento de que se trata de um conceito multidimensional, para o qual a formulação de construtos baseados em erros e acertos é insuficiente para abarcar todas as dimensões envolvidas (DONADIO, 2018; POTRICH, VIEIRA e KIRCH, 2016; XIAO e O'NEILL, 2016).

Quadro 2 – Pesquisas conduzidas sobre o tema da alfabetização financeira em alguns países do mundo

Local	Método	Achados	Autores
Áustria	Survey: 2000 pessoas com idade superior a 15 anos	Evidências provisórias de uma correlação positiva entre as pontuações de conhecimento financeiro e o comportamento financeiro, como poupar e procurar informações para contratar produtos. Lacunas substanciais de conhecimento, que são mais visíveis entre os entrevistados com baixo nível de escolaridade e baixa renda, entre pessoas mais jovens e mais velhas, bem como entre mulheres	Silgoner, Greimel-Fuhrmann e Weber (2015)
Índia	Survey: 983 recém-formados e 983 aposentados	Evidências para a noção de que um alto conhecimento financeiro leva a um comportamento financeiro mais positivo, mas não para a atitude, que não é afetada pelo conhecimento financeiro.	Agarwalla, Barua, Jacob e Varma (2012)
Índia	Survey: 444 mulheres trabalhadoras com idade entre 25 e 35 anos	O conhecimento financeiro é mais difundido entre mulheres urbanas e altamente educadas, devido à exposição que obtêm do mundo exterior. As mulheres engajam em mais comportamento positivo em relação a dinheiro e questões financeiras que a média nacional reportada pela OCDE.	Arora (2016)
Turquia	Survey: 550 pessoas	Consumidores financeiros com um nível mais alto de instrução financeira parecem ter menos probabilidade de exibir um comportamento de endividamento excessivo e um comportamento de uso de crédito mais informado.	Sevim, Temizel e Sayilir (2012)
Suécia	Survey: 1300 pessoas	As diferenças obtidas nos testes de alfabetização financeira podem explicar uma parte significativa da lacuna de gênero na participação no mercado de ações.	Almenberg e Dreber (2015)
México, Líbano, Uruguai, Colômbia e Turquia	Análise de dados secundários: notas do PISA	Mulheres, jovens adultos e indivíduos que não sabem ler ou escrever na língua oficial de seu país de residência têm pontuações mais baixas de alfabetização financeira. A alfabetização financeira aumenta com a qualidade da educação específica e formal.	Karakurum-Ozdemir, Kokkizil e Uysal (2019)
Chile	Survey: 13054 participantes	Alfabetização financeira está positiva e significativamente correlacionada com riqueza, contribuições para pensões e planejamento de aposentadoria.	Behrman, Mitchell, Soo e Bravo (2010)
Egito	Survey: 386 participantes	A alfabetização financeira é moderadora da relação entre características demográficas como gênero, idade, nível educacional e renda com a tolerância ao risco.	Shusha (2017)
África do Sul	Survey: +25000	Alfabetização financeira abaixo da média é comum entre mulheres, jovens adultos (incluindo estudantes) e indivíduos com escolaridade inferior ao ensino médio, negros, desempregados e moradores rurais.	Nanziri e Leibbrandt (2018)

Fonte: pesquisa realizada pela autora, 2021.

Considerando os aspectos de educação formal, financeira e multidimensionais da alfabetização financeira apresentados nos subcapítulos 2.2 e 2.3, derivam-se as seguintes hipóteses de pesquisa:

H1) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos.

H2) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre as atitudes financeiras dos indivíduos.

H3) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre o comportamento financeiro dos indivíduos.

H4) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre o nível de alfabetização financeira dos indivíduos.

H5) A alfabetização financeira causa efeito fraco e positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos.

H6) A alfabetização financeira causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos quando mediado pelas atitudes financeiras.

H7) A alfabetização financeira causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos quando mediado pelo comportamento financeiro.

H8) Atitudes financeiras consideradas ótimas causam efeitos positivos diretos sobre o bem-estar financeiro.

H9) Comportamentos financeiros considerados ótimos causam efeitos positivos diretos sobre o bem-estar financeiro.

## 2.4 RACIONALIDADE E COMPORTAMENTO DOS INDIVÍDUOS

Segundo as Finanças Modernas, as decisões financeiras estão fundamentadas nas premissas de que os agentes econômicos são racionais, avessos ao risco e maximizadores de sua utilidade para alcançar o próprio bem-estar econômico (HOOVER, 1992).

Sob a ótica racional, em um esforço para maximizar sua utilidade, consumidores escolhem consumir bens e serviços, e encontrar a combinação ideal de lazer e renda, sujeitos às restrições impostas por preços, recursos e horas disponíveis. As organizações buscam maximizar seus lucros, sujeitas às restrições de recursos e preços dos insumos. Os mercados, por sua vez, são eficientes e os preços dos ativos

financeiros refletem o conjunto de informações relevantes e disponíveis (MALKIEL e FAMA, 1970).

Em seu trabalho, Jonsson et al. (2017) sugeriram que a alfabetização financeira insuficiente é responsável por decisões menos eficazes e menos racionais dos consumidores, propondo uma correlação positiva entre conhecimento financeiro e comportamento financeiro, gerenciamento de crédito, poupança e investimentos. Segundo os autores, o aumento da alfabetização financeira dos indivíduos é capaz de conduzi-los ao aumento da racionalidade e à decisão pela alternativa ótima.

Diante disto, cabe aqui um questionamento recorrente e desafiador ao aumento de conhecimento voltado, principalmente, aos intelectuais da área: se sabem tanto, por que não são ricos?

Donadio (2018) apontou que o processo de tomada de decisão e a percepção de bem-estar financeiro são fortemente influenciados por interpretações pessoais, emoções, memórias de decisões e situações anteriores, interações sociais e culturais, bem como pelo contexto em que a decisão é tomada. Dessa forma, psicologicamente, partir da premissa de que os processos de tomada de decisão são totalmente racionais seria um equívoco, uma vez que envolvem decisões cognitivas de consumo, de poupança, de investimento ou de endividamento a curto, médio e longo prazo.

As decisões financeiras envolvem trocas abstratas ao longo do tempo e uma compreensão dos riscos e probabilidades, trazendo sérias consequências para o bem-estar individual e social (BARUA, SHASTRY e YANG, 2019). Para grande parte dos indivíduos, essas reflexões demandam muito esforço e muito tempo. Seus cérebros, então, utilizam atalhos emocionais para a tomada de decisões, justificando, assim, a dificuldade em eliminar os erros de raciocínio que incorrem mesmo nas mentes mais intelectualizadas (KAHNEMAN, 2012).

Estudos mostraram que um alto nível educacional não garante sucesso financeiro, em grande parte, devido a fatores como vieses, heurísticas e outras influências cognitivas presentes diante das inúmeras decisões financeiras cotidianas (COLE e SHASTRY, 2008; LUSARDI e MITCHELL, 2007b; GALE e LEVINE, 2010; HATHAWAY e KHATIWADA, 2008; WILLIS, 2011). Tais fatores, que limitam a racionalidade financeira dos indivíduos, são objeto de estudo da Economia Comportamental.

Samson (2015, p. 9) definiu Economia Comportamental como “o estudo das influências cognitivas, sociais e emocionais observadas sobre o comportamento econômico das pessoas”.

Ávila e Bianchi (2015) afirmaram que a Economia Comportamental foca nas atitudes concretas dos indivíduos e na natureza da condição humana. Sua implicação é ampla e suas ideias vêm sendo aplicadas, tanto na esfera pública, quanto privada, incluindo finanças, saúde, energia, desenvolvimento, educação, marketing de consumo e direito.

Considerando, portanto, que intelecto (compreensão da situação), razão (compreensão das consequências a longo prazo) e emoção (considerando um curso de ação) estão todos inter-relacionados, e que o comportamento humano é geralmente reativo, uma vez que os sentimentos humanos mais comuns (alegria, medo, raiva, ganância, indiferença, confiança) têm ênfase considerável em nossas decisões sobre dinheiro, é difícil acreditar que o cérebro consiga prever todos os cenários, o mais rapidamente possível, com base em regras racionais restritas (OPREAN, 2014).

Hilgert et al. (2003) inferiram que vieses e heurísticas comportamentais vencem constantemente a disputa contra a decisão racional, uma vez que a maioria dos indivíduos pesquisados citaram a experiência pessoal como a fonte mais importante de sua aprendizagem financeira ao longo da vida. Oprean (2014) adicionou ainda que vieses e heurísticas são facetas e interações sutis no cérebro humano que, quando acionadas no momento das decisões econômicas imediatas, se sobressaem, dominando a racionalidade.

Para compreender os processos mentais de tomada de decisão financeira, portanto, é necessário esclarecer que as principais motivações dos indivíduos, em sua busca incessante por dinheiro, podem estar fundamentadas em questões econômicas racionais, mas sendo determinadas por questões culturais, intuitivas, experimentais e sociais (HILGERT, HOGARTH e BEVERLY, 2003).

Muitas decisões, portanto, podem ser resultado de percepções emocionais e ponderações imediatas que o sistema intuitivo realiza sem deliberação. Tais emoções são apresentadas pela maioria dos seres humanos e não são admitidas na teoria econômica clássica (KAHNEMAN, 2012; TVERSKY e KAHNEMAN, 1974; TVERSKY e KAHNEMAN, 1979).

Por tudo visto até aqui, quando questões de alfabetização financeira são confrontadas com atitudes e comportamentos concretos dos indivíduos, o que se percebe é que há pouca ou nenhuma correlação empírica entre eles (COLE e SHASTRY, 2008; CARPENA, COLE, SHAPIRO e ZIA, 2019; FERNANDES, LYNCH JR e NETEMEYER, 2014; GNEEZY, MEIER e REY-BIEL, 2011; KAISER e MENKHOFF, 2017; LUSARDI e MITCHELL, 2014; MILLER, REICHELSTEIN, SALAS e ZIA, 2014; WILLIAMS, 2007; WILLIS, 2011).

Em outras palavras, mesmo indivíduos com altos níveis educacionais incorrem em decisões financeiras impulsivas, que acabam por prejudicar sua estabilidade financeira futura, optando por benefícios de curto prazo em lugar daqueles consistentes com suas metas financeiras de longo prazo. Thaler (1991) forneceu um exemplo disso, ao determinar que muitas pessoas, apesar de compreenderem a importância de guardar dinheiro para sua aposentadoria, apresentam dificuldade em realizar algo que se dará em um tempo tão longínquo.

Em um aspecto comportamental, a decisão de obter educação financeira e a propensão a cometer erros financeiros são determinadas endogenamente: indivíduos que buscam educação financeira podem ser aqueles mais motivados e menos suscetíveis a erros financeiros, pois apresentam predisposição a aplicar os conhecimentos em empreendimentos, ou seja, são auto interessados. Mais ainda, indivíduos que vivenciam dificuldades financeiras podem estar mais propensos a buscar educação financeira para resolver seus próprios problemas (BHATTACHARYA, HACKETHAL, KAESLER, LOOS e MEYER, 2012; CALDERON, CUNHA e GIORGI, 2020; HUNG, YOONG e BROWN, 2012; WALSTAD, URBAN, ASARTA, BREITBACH, BOSSHARDT, HEATH, O'NEILL, WAGNER e XIAO, 2017). A direção do viés comportamental, não é clara, dificultando a determinação dos efeitos causais do aumento da educação financeira específica e da educação formal sobre hábitos financeiros considerados ótimos.

Considerando os aspectos apresentados neste subcapítulo, derivam-se as seguintes hipóteses de pesquisa:

H10) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos diretos no nível de alfabetização financeira dos indivíduos.



H11) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeito positivo direto no bem-estar financeiro.

H12) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos direto nas atitudes financeiras dos indivíduos.

H13) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos diretos no comportamento financeiro dos indivíduos.

#### **2.4.1 Positividade e Melhoria Histórica Percebida**

O bem-estar percebido e a qualidade de vida são muito importantes para os seres humanos e causam efeitos abrangentes, afetando a sua fisiologia (SALOVEY, ROTHMAN, DETWEILER e STEWARD, 2000) e suas respostas comportamentais, como abordagem e evasão (DIENER, SUH, LUCAS e SMITH, 1999), além disso, determinam como alguém compreende seu lugar na sociedade e analisa sua vida pessoal (CANTARERO e POTTER, 2014).

Segundo Parfit (1984), há três descrições de bem-estar percebido:

- a) Lista pessoal de objetivos: é baseada em elementos de estilo de vida associados à uma vida considerada boa, sob o ponto de vista de observadores externos. São exemplos, índice de massa corporal dentro de uma faixa considerada saudável, aquisição de artigos de luxo, participação de eventos de lazer e esportes, participação e aceitação em certos grupos sociais.
- b) Satisfação de preferências: é baseada na aquisição e satisfação de desejos próprios baseadas nas limitações e barreiras para satisfazê-los. Por exemplo: ir ao restaurante favorito, comprar o carro zero quilômetro, colocar o filho no curso de inglês ou viver em um sítio.
- c) Estados mentais: baseados na avaliação direta de pensamentos, sentimentos e julgamentos pessoais em relação à satisfação com a vida. Por exemplo: percepção de melhoria da vida em comparação com o passado, orgulho das próprias realizações, felicidade, autoestima e otimismo.

Sob uma perspectiva subjetiva e individual, Cantarero e Potter (2014) afirmam que o tempo desempenha um papel importante na avaliação do bem-estar e da qualidade de vida através da diferença, em um determinado intervalo de tempo, entre as esperanças e expectativas do passado e a experiência presente. Em outras

palavras, a experiência passada do indivíduo, quando comparada à qualidade de vida presente, é fator fundamental para analisar sua satisfação com a vida e bem-estar percebido.

Analisando mais profundamente duas das três descrições de bem-estar, é notável a conexão do bem-estar com o “ter”, uma vez que ambas se baseiam em expectativas de consumo, próprias ou de outrem. Dessa forma, pesquisas sugerem que a situação financeira de um indivíduo está fortemente correlacionada o seu bem-estar percebido (CAMPARA, VIEIRA e POTRICH, 2017; MEYER e DUNGA, 2014; VLAEV e ELLIOT, 2014). Pode-se então concluir que a comparação da situação financeira na infância com a atual é importante para a percepção de alcance de sucesso pessoal.

De acordo com Kozma et al. (2000), a promoção do bem-estar percebido está, também, fortemente relacionada aos aspectos positivos elencados pelos indivíduos, chamados de positividade. A positividade, portanto, é um determinante disposicional geral do bem-estar subjetivo que funciona como uma característica, e pode ser responsável pela variação e estabilidade na felicidade individual, apesar das mudanças ambientais que ocorrem constantemente.

Em seus estudos, Barbaranelli et al. (2019), Caprara et al. (2012) e Heikamp et al. (2014) afirmaram que a positividade é uma característica latente individual presente na autoestima, na satisfação com a vida e no otimismo e é fortemente influenciada por sentimentos e percepções. Os três construtos foram correlacionados uns aos outros e com uma série de resultados que refletem bem-estar, como boa saúde, sucesso na vida e relacionamento interpessoal positivo.

Pormenorizando, a autoestima refere-se ao grau de aceitação de si mesmo, sendo considerada um componente avaliativo estável que inclui aspectos cognitivos, comportamentais e afetivos. A satisfação com a vida refere-se à avaliação geral dos indivíduos sobre suas próprias vidas e o otimismo diz respeito as expectativas das pessoas para o futuro.

Pessoas otimistas, portanto, têm uma visão relativa do futuro na qual as coisas boas serão abundantes e as ruins serão escassas, podendo causar mudanças em como os indivíduos encaram as adversidades e como avaliam suas experiências subjetivas. O otimismo é associado com autoconfiança e aspirações que conduzem

ao sucesso em diferentes domínios da vida como saúde, trabalho e relacionamentos interpessoais.

A influência do otimismo disposicional – pelo qual se tem uma visão individual positiva em relação ao futuro – em assuntos econômicos como negociações, decisões estratégicas corporativas e flutuações de preços de ativos no mercado financeiro, além de ser um importante componente na avaliação da utilidade esperada, foi objeto de estudo de pesquisas em comportamento econômico de investidores e indivíduos (BRACHA e BROWN, 2012; COVAL e THAKOR, 2005; KAHNEMAN e RIEPE, 1998; PURI e ROBINSON, 2007).

Puri e Robinson (2017), ao analisar a influência do otimismo disposicional em indivíduos, encontraram evidências de que uma quantidade moderada de otimismo pode ser associada a bons hábitos financeiros e escolhas mais prudentes. Indivíduos otimistas moderados são mais propensos a pagar seus saldos de cartão de crédito em dia, têm longos horizontes de planejamento e poupam mais. Ademais, trabalham mais horas e engajam em maior número de decisões financeiras consideradas ótimas. Otimistas radicais, de maneira oposta, economizam menos, trabalham menos horas e são mais propensos a apresentarem vieses relacionados ao excesso de confiança como superestimativa de capacidade de pagamento, mais propensão à aquisição de dívidas e maior tolerância ao risco.

De forma similar, o excesso de otimismo, de positividade ou positividade exagerada, faz com que as pessoas comparem seus próprios atributos mais favoravelmente com os atributos de outras pessoas, projetam futuros mais brilhantes para si do que para outras pessoas, acreditam que têm habilidades maiores do que realmente possuem, acreditam que têm controle sobre as coisas que não fazem e se autoavaliam mais favoravelmente do que seriam se avaliados por observadores externos (BEER, 2014; DEHART, FRIEDEL, LOWN e ODUM, 2016; MOORE e SCHATZ, 2017).

Gallagher et al. (2013), ao levantar índices relacionados ao otimismo e à positividade em 142 países, forneceram evidências de que ambos são fenômenos universais associados a uma grande variedade de resultados adaptativos e que as associações entre esses sentimentos e a melhoria do bem-estar não são limitados às nações industrializadas. Mais especificamente, concluíram que as pessoas mais otimistas do mundo podem ser jovens mulheres economicamente seguras e educadas

na Irlanda, Brasil, Dinamarca, Nova Zelândia e Estados Unidos, nessa ordem. A positividade no Brasil, portanto, é fator subjetivo importante para o bem-estar.

A medição indireta do construto da positividade foi proposta inicialmente por Caprara et al. (2010) que, em seu estudo exploratório, utilizaram múltiplas escalas de autoestima, otimismo e satisfação com a vida. Em outro estudo, Caprara et al. (2012) propuseram uma escala de positividade direta composta de oito perguntas acerca da visão que os indivíduos têm de si mesmos, de sua vida e de seu futuro. Dessa forma, indivíduos com alto índice de positividade tendem a avaliar suas vidas como positivas, têm expectativas futuras otimistas e uma visão positiva de sua autoestima.

A validação transcultural da escala de positividade foi conduzida na Alemanha, Brasil, Espanha, Itália, Polônia e Sérvia, revelando correlações significantes e positivas da escala proposta com autoestima, com a satisfação com a vida e com o otimismo disposicional, e negativa com a depressão (HEIKAMP, ALESSANDRI, LAGUNA, PETROVIC, CAPRARA e TROMMSDORFF, 2014; SOUZA, ARAÚJO, GOUVEIA, COELHO e GOUVEIA, 2014).

No Brasil, mais especificamente, a escala da positividade foi validada como instrumento unidimensional, indicando alta correlação positiva com a saúde mental, o sentido de vida, a felicidade subjetiva e a satisfação com a vida, e baixa correlação positiva com idade, educação formal e renda mensal (BORSA, DAMÁSIO, SOUZA, KOLLER e CAPRARA, 2015)

Apesar de haver pesquisas que relacionam bem-estar e economia conduzidas em países desenvolvidos (FREY e STUTZER, 2002), não foram encontrados, até o momento, estudos que façam a análise da influência de aspectos subjetivos como a positividade e a percepção de melhoria financeira histórica dos indivíduos com o seu bem-estar financeiro.

Considerando os aspectos apresentados neste subcapítulo, derivam-se as seguintes hipóteses de pesquisa:

H14) A positividade influencia o bem-estar financeiro dos indivíduos de forma positiva e direta.

H15) A percepção de melhoria financeira histórica causa efeitos positivos diretos no bem-estar financeiro dos indivíduos.

## 2.4.2 Condições Socioeconômicas Estressoras

O estresse, como estado emocional, é definido como uma consequência de um conjunto de eventos emocionais negativos, no qual a pessoa experimenta certo grau de angústia, frustração e desconforto que ocorre concomitantemente com alterações autonômico<sup>5</sup>-hormonais (CHRISTIANSON, 1992).

Pearlin et al. (1981) afirmam que o processo de estresse pode ser analisado diante da combinação de três domínios conceituais principais: as fontes de estresse, os mediadores de estresse e as manifestações de estresse. Como fontes de estresse, os autores relacionam os eventos e tensões crônicas da vida, como ameaça ao trabalho e baixa renda. Número de dependentes, situação conjugal e endividamento são exemplos de mediadores, isto é, variáveis que influenciam no estresse, mas não são *per se* ocasionadoras de estresse. Por fim, as manifestações são as evidências emocional e comportamentais que evidenciam o estresse emocional, como baixos níveis de positividade e descrença em relação ao futuro.

Segundo Elder e Caspi (1988), o estresse econômico refere-se as pressões e tensões que surgem por uma perturbação traumática do hábito, isto é, uma mudança econômica que resulta em alteração do modo de vida e no comportamento, estabelecendo uma dolorosa disjunção entre as reivindicações familiares e os recursos necessários para atender essas reivindicações. Dessa forma, as pressões econômicas dão significado psicológico às dificuldades financeiras.

O tema do estresse econômico nas vidas das pessoas envolve o estudo do impacto dos fatores socioeconômicos estressores analisados em conjunto com escolaridade, renda, tamanho da família, endividamento e vidas interdependentes, no seu comportamento e no seu bem-estar financeiro (ELDER e CASPI, 1988).

Choi et al. (2020) estudaram as correlações mediadas pela renda existentes entre bem-estar financeiro e insegurança no trabalho, afirmando que, quanto maior a insegurança, maiores os problemas financeiros e os níveis de estresse e menor o bem-estar percebido pelos indivíduos. Além disso, encontraram indícios de que as manifestações de estresse são maiores em indivíduos com alta escolaridade e baixa

---

<sup>5</sup> "O sistema nervoso autônomo é um componente do sistema nervoso periférico que atua regulando algumas funções involuntárias do nosso corpo, tais como ações desempenhadas pelos sistemas respiratório, digestório, endócrino e cardiovascular." SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "Sistema nervoso"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/sistema-nervoso.htm>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

renda – os subempregados, quando comparados aos desempregados. Os autores apontaram que fatores como apoio social e tamanho da família também atuam como moderadores nas relações de estresse e bem-estar financeiro.

Segundo Friedline e Chen (2020), as famílias experimentam estresse psicológico relacionado às suas finanças quando não têm renda adequada para pagar suas demandas econômicas, como pagar as contas, e não há sobra de dinheiro ao final do mês. Nesse sentido, pesquisas apontam que as manifestações do estresse econômico são mais intensamente percebidas pelas mulheres negras e pardas, mesmo entre as casadas, uma vez que são delas as decisões mais importantes diante de dificuldades familiares (AFIFI, DAVIS, MERRIL COVELESKI, DENES e CHAHNAZI, 2018; CHEN, JIA, MASKARA e WILLIAMS, 2020).

Considerando os aspectos apresentados neste subcapítulo, derivam-se as seguintes hipóteses de pesquisa:

H16) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas ao bem-estar financeiro dos indivíduos.

H17) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas às atitudes financeiras dos indivíduos.

H18) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas ao comportamento financeiro dos indivíduos.

H19) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas à positividade dos indivíduos.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, os procedimentos metodológicos que orientaram a realização desta tese são apresentados e descritos, abordando a rerepresentação do problema de pesquisa, as hipóteses e as variáveis utilizadas no seu desenvolvimento.

Os procedimentos são detalhados partindo-se do modelo proposto, definindo-se a população, a amostra e o processo de amostragem, as definições constitutivas e operacionais das variáveis, o delineamento, o processo de coleta e o tratamento dos dados.

Hair et al. (2009) afirmaram que a descrição das decisões e das atividades dos estudos científicos devem apontar que: (a) os resultados não foram encontrados de forma acidental e (b) os passos metodológicos da pesquisa devem permitir a argumentação. Por isso, a concepção desta pesquisa levou em consideração que, quanto maior o detalhamento dos procedimentos e das técnicas adotados no trabalho, maior a garantia de confiabilidade e a abertura para escrutínio.

#### 3.1 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

O bem-estar financeiro é a percepção de poder sustentar padrões de vida desejados, atuais e previstos, e de ter liberdade financeira. Sendo uma percepção, pode ser afetado tanto por aspectos objetivos, quanto por aspectos subjetivos (BRÜGGEN, HOGREVE, HOLMLUND, KABADAYI e LÖFGREN, 2017).

Diante das variáveis e dos conceitos apresentados na base teórico-empírica deste trabalho, a questão motivadora desta pesquisa é: Considerando a identificação e exploração das principais variáveis que compõem o construto do bem-estar financeiro, quais são os fatores principais que impulsionam o bem-estar financeiro percebido por uma amostra de cidadãos brasileiros?

Para responder à pergunta de pesquisa, definiu-se a natureza descritivo-propositiva, com a estratégia tipificada como questionário – *survey* – sem controle de variáveis.

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa está fundamentada na busca por respostas aos problemas existentes utilizando-se de procedimentos científicos, apresentando por isso, uma natureza aplicada.

Em relação aos objetivos, a presente pesquisa é descritiva, explicativa e propositiva, uma vez que procura descrever as características das pessoas pesquisadas, busca explicar as variáveis observadas, estabelecer relações e propor um modelo validado para explicar o fenômeno pesquisado, respeitando suas limitações.

Quanto aos procedimentos de análise, a pesquisa é quantitativa, porque utiliza recursos de levantamento e medidas baseadas em métricas específicas. É considerada pesquisa de campo quanto à coleta de dados e, quanto ao aspecto temporal, é considerada uma pesquisa transversal.

A opção estratégica de utilização de um questionário se deu por acreditar-se que a análise dos resultados obtidos nesta pesquisa aplicada e sua comparação com os resultados reportados por outros pesquisadores, que utilizaram das mesmas ferramentas isoladamente, pode contribuir na robustez do modelo proposto.

No campo da abrangência da pesquisa, adotou-se um processo de amostragem não-probabilístico por conveniência e por bola-de-neve. Justifica-se a escolha da conveniência pela procura de uma amostra de elementos adequados ao propósito da pesquisa e bola-de-neve porque houve o apelo para que os respondentes indicassem novos respondentes, aumentando, assim, o número de observações (MALHOTRA, 2001; SAMPIERI, COLLADO e LUCIO, 2006).

### 3.3 DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA E OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS

Neste subcapítulo, são apresentadas as definições constitutivas (DC) e as definições operacionais (DO) de cada uma das variáveis do estudo. Destaca-se que a definição constitutiva corresponde a descrição estabelecida a partir de um conceito já utilizado, tendo por base um embasamento teórico relevante acerca do tema. Já a definição operacional representa a ação ou atividade a ser mensurada que constatará a existência do construto de determinada pesquisa (KÖCHE, 2009).



São variáveis desta pesquisa:

a) Bem-Estar Financeiro – *BEF*

DC: Bem-Estar Financeiro percebido é o estado no qual o indivíduo tem capacidade de honrar as suas obrigações financeiras, sente-se seguro com relação ao futuro financeiro e pode fazer escolhas que lhe permitam aproveitar a vida (CNDL, 2019).

DO: O construto do bem-estar financeiro foi medido por questionamentos acerca de hábitos, costumes e experiências com o dinheiro indicativos de conforto e desconforto financeiro propostos pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas a partir do questionário de dez perguntas proposto pelo *Consumer Financial Protection Bureau*, adicionado da pergunta direta: “Estou satisfeito com minha condição financeira atual” (CFPB, 2015; CNDL, 2019). As siglas das variáveis e as questões levantadas estão disponíveis na Quadro 3.

Quadro 3 – Variáveis utilizadas para medir *BEF*

Variável Latente	Sigla	Questão
BEM-ESTAR FINANCEIRO BEF	<i>B1</i>	Eu posso aproveitar a vida por causa do jeito que estou administrando meu dinheiro
	<i>B2</i>	Eu posso arcar com uma grande despesa inesperada
	<i>B3</i>	Tenho dinheiro sobrando no final do mês
	<i>B4</i>	Estou satisfeito com minha condição financeira atual
	<i>B5</i>	Eu consigo guardar dinheiro no final do mês
	<i>B6*</i>	Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida
	<i>B7*</i>	Eu estou preocupado que o dinheiro que tenho, ou que irei economizar, não irá durar
	<i>B8*</i>	Eu estou apenas me virando financeiramente
	<i>B9*</i>	Dar um presente de casamento, aniversário ou outra ocasião prejudicaria as minhas finanças do mês
	<i>B10*</i>	Minha situação financeira controla minha vida
	<i>B11*</i>	Estou deixando a desejar no cuidado com minhas finanças

Nota: \*escala invertida.

Fonte: adaptado pela autora, 2020 (CFPB, 2015; CNDL, 2019).

b) Alfabetização Financeira – *ALF*

DC: a alfabetização financeira é a combinação conhecimentos e habilidades necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual, trata-se de um capital intelectual disponível aos indivíduos (ATKINSON e MESSY, 2012; INFE, 2011).

DO: a alfabetização financeira, neste trabalho, foi mensurada pelas questões de conhecimento financeiro, medida pela adaptação da proposta de oito perguntas ( $E_i$ ), que envolvem entendimento de valor do dinheiro no tempo, juros simples, juros compostos, inflação e risco (FERNANDES, LYNCH e NETEMAEYER, 2014; LUSARDI e MITCHELL, 2011b). O nível de educação formal ( $EDFor$ ), mensurado pelo grau de escolaridade declarada pelos respondentes em uma escala de 5 itens, na qual 0 – Até Ensino Fundamental Completo, 1 – Ensino Médio ou Técnico; 2 – Ensino Superior Incompleto, 3 – Ensino Superior Completo, 4 – Pós-Graduação Incompleta e 5 – Pós-Graduação Completa; e de educação financeira ( $EDFin$ ), pela participação declarada pelos respondentes em cursos com temas específicos curriculares, ou não, de educação financeira, economia doméstica ou administração financeira em uma escala dicotômica, na qual 0 – Não participou e 1 – Sim, são variáveis que influenciam a variável da alfabetização financeira, mas não a compõem.

O Quadro 4 traz as variáveis da alfabetização financeira. Por se tratar de um teste, as respostas corretas foram tabuladas por uma escala dicotômica de 0 (errada) e 1 (correta).

Quadro 4 – Variáveis utilizadas para medir a alfabetização financeira

ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA	#	Tema	Questão
	E1	Valor do dinheiro no tempo <sup>a</sup>	Imagine que cinco irmãos recebam um presente de R\$ 1.000. Se os irmãos têm que dividir o dinheiro igualmente, com quanto cada um fica? <u>200</u>
	E2	Inflação	Agora imagine que os irmãos tenham que esperar um ano para receber sua parte do presente e que haja inflação de 5% nesse período. Ao receberem o dinheiro, eles poderão comprar <u>menos que hoje</u> .
	E3	Juros simples <sup>a</sup>	Você empresta R\$ 100 a um amigo e ele devolve R\$ 101 depois de um mês. Qual o valor em reais que ele pagou a você de juros por esse empréstimo? <u>1</u>
	E4	Juros simples e porcentagem <sup>a</sup>	Suponha que você coloque \$ 100 em uma conta poupança com garantia de taxa de juros de 2% ao ano. Você não deposita mais nada nesta conta e não retira nenhum dinheiro. Quanto teria na conta no final do primeiro ano, após o rendimento dos juros? <u>102</u>
	E5	Juros compostos	E quanto teria na conta no final de cinco anos? <u>Mais que \$ 110</u>
	E6	Risco	Julgue a seguinte frase: “Se alguém oferecer a você a chance de ganhar muito dinheiro em um investimento financeiro, é provável também a chance de que você perca muito dinheiro”. <u>Verdadeiro</u>
	E7	Macroeconomia no dia a dia	Julgue a seguinte frase: “Inflação alta significa que o custo de vida está subindo rapidamente”. <u>Verdadeiro</u>
	E8	Diversificação	Julgue a seguinte frase: “É menos provável que você perca todo o seu dinheiro se você o guardar em mais de um lugar”. <u>Verdadeiro</u>

Nota 1: as respostas corretas encontram-se sublinhadas.

Nota 2: <sup>a</sup> respostas abertas (foi solicitado ao respondente para colocar o valor na área de resposta).

Fonte: adaptado pela autora, 2020 (FERNANDES, LYNCH e NETEMEYER, 2014; LUSARDI e MITCHELL, 2011b).

c) Atitude Financeira – *ATD*

DC: hábitos financeiros determinados por um número limitado e hierarquicamente organizado de crenças salientes imediatamente disponíveis aos indivíduos, externalizadas em forma de intenções (BENTLER e SPECKHART, 1979).

DO: a atitude financeira foi medida por questionamentos acerca de crenças e intenções. As variáveis estão dispostas no Quadro 5 e baseiam-se em questionários analisados na meta-análise de Fernandes et al. (2014), e nos questionários INFE (2011) e OCDE (2018).

Quadro 5 – Variáveis utilizadas para medir *ATD*

Variável de 2º Ordem	Variáveis de 1º Ordem	Sigla	Questão
ATTITUDE FINANCEIRA ATD	Impulsividade IMP	A1*	Me dá mais prazer gastar dinheiro do que poupá-lo para o futuro
		A2*	O dinheiro existe para ser gasto
		A3*	Tendo a viver o hoje e deixar o amanhã para amanhã
		A4*	Costumo ignorar as letras pequenas a menos que algo dê errado
	Crenças CON	A5	Acredito que o dinheiro em um banco estará seguro mesmo se o banco quebrar
		A6	Confio que os serviços financeiros e suas instituições me tratem de forma justa
		A7	Não tenho problema em discutir minha situação financeira com pessoas que conheço bem
		A8	Uso aplicativos no meu celular para fazer ou receber pagamentos, verificar minha conta e/ou realizar investimentos

Nota: \*escala invertida.

Fonte: adaptado pela autora, 2020 (FERNANDES, LYNCH e NETEMEYER 2014; INFE, 2011; OCDE, 2018).

d) Comportamento Financeiro – *CMP*

DC: utilização do capital intelectual, lavrado durante toda a vida, no processo e na ação da tomada de decisão conscienciosa acerca de assuntos financeiros envolvendo gerenciamento do dinheiro, pagamento de contas, controle, orçamento, empréstimo e poupança (CARPENA, COLE, SHAPIRO e ZIA, 2011; OCDE, 2013).

DO: o construto do comportamento financeiro foi medido por questionamentos acerca de tomada de decisão conscienciosa. As variáveis estão dispostas no Quadro 6 e baseiam-se em questionários analisados na meta-análise de Fernandes et al. (2014), e nos questionários INFE (2011) e OCDE (2018).

Quadro 6 – Variáveis utilizadas para medir *CMP*

Fator Latente	Sigla	Questão
COMPORTAMENTO FINANCEIRO <i>CMP</i>	C1	Estou preparado para arriscar parte do meu dinheiro ao poupar ou fazer um investimento
	C2*	Minha situação financeira limita minha capacidade de fazer as coisas que são importantes para mim
	C3*	Estou muito endividado neste momento
	C4*	Se um caixa me desse troco a mais, provavelmente eu ficaria com o dinheiro
	C5	Se eu pedir dinheiro emprestado, sinto-me com a responsabilidade de pagar pelo empréstimo
	C6	Sou honesto, mesmo que isso me coloque em desvantagem financeira
	C7*	Atualmente estou pagando um empréstimo longo
	C8	Pago minhas contas em dia
	C9	Estabeleço metas financeiras de longo prazo e me esforço para alcançá-las
	C10	Antes de comprar algo cotidiano (alimentos, roupas, calçados), analiso se vou conseguir pagar
	C11	Acompanho pessoalmente de perto minhas finanças
	C12	O valor das parcelas de um financiamento é determinante para minha decisão de compra

Nota: \*escala invertida.

Fonte: adaptado pela autora, 2020 (FERNANDES, LYNCH e NETEMEYER, 2014; INFE, 2011; OCDE, 2018).

e) Positividade – POS

DC: positividade é uma característica latente individual presente na autoestima, na satisfação com a vida e no otimismo, sendo fortemente influenciada por sentimentos e percepções (KOZMA, STONE e STONES, 2000).

DO: A positividade foi mensurada por oito questões da Escala de Positividade proposta por Caprara et al. (2012) (Quadro 7), que aborda percepções de autoestima, satisfação com a vida e otimismo.

Quadro 7 – Variáveis utilizadas para medir POS

Fator Latente	Sigla	Questão
POSITIVIDADE POS	P1	Eu tenho muita confiança no futuro
	P2	Eu sinto que tenho muitas coisas das quais posso me orgulhar
	P3*	Algumas vezes, o futuro parece incerto para mim
	P4	Posso contar com outras pessoas quando preciso delas
	P5	Geralmente, eu sinto confiança em mim mesmo(a)
	P6	Eu vejo o futuro com esperança e entusiasmo
	P7	No geral, estou muito satisfeito(a) comigo mesmo(a)
	P8	Eu estou satisfeito(a) com a minha vida

Nota: \*escala invertida.

Fonte: adaptado pela autora, 2020 (CAPRARA, ALESSANDRI, EISENBERG, KUPFER, STECA, CAPRARA e ABELA, 2012).

f) Melhoria Financeira Histórica Percebida – MLHp

DC: é a percepção individual de melhora de vida ao comparar a situação e as expectativas financeiras do passado, mais especificamente da infância, com a presente (CANTARERO e POTTER, 2014).

DO: a percepção de melhoria foi avaliada por uma variável única: “Minha situação econômica atual é muito melhor que a situação econômica (da minha família) até meus 18 anos”, utilizando-se uma escala Likert de 5 pontos, onde 1 – Concordo totalmente, 0,75 – Concordo parcialmente, 0,5 – Indiferente, 0,25 – Discordo parcialmente, 0 – Discordo totalmente.

#### g) Condições Socioeconômicas Estressoras – *CSE*

DC: condições socioeconômicas estressoras são características relacionadas as situações, circunstâncias e aspectos que afetam de modo drástico a ordem social e a economia de um indivíduo, estabelecendo uma dolorosa disjunção entre as reivindicações familiares e os recursos necessários para atender essas reivindicações (ELDER e CASPI, 1988).

DO: as condições estressoras foram avaliadas por duas variáveis socioeconômicas, *SIT* e *RND*, juntamente com a variável manipulada *SEG*. A variável *SIT* levantou a situação de emprego por uma escala de pontuações, onde 2 - Trabalha e é contribuidor ou provedor do sustento familiar, indicando sustento próprio e de outros; 1 – Trabalha, mas é dependente financeiramente de outras pessoas, de modo que necessita de ajuda financeira para pagar suas contas e sobreviver; e, 0 – Desemprego, com dependência financeira total. A variável *RND* levantou a renda dos indivíduos, seguindo a escala proposta pelo IBGE (2020). A variável manipulada *SEG*, por sua vez, foi pontuada de acordo com a segurança na renda, a partir da natureza do seu trabalho: trabalhadores do setor público, estatutários ou não, militares e aposentados possuem mais segurança na renda que trabalhadores do setor privado e empresários que, por sua vez, possuem mais segurança que empregados domésticos, trabalhadores sem renda (em ajuda a familiares) e autônomos (CHOI, HEO, CHO e LEE, 2020).

#### h) Variáveis Demográficas

DC: as características demográficas das pessoas descrevem as características específicas que cada indivíduo possui quanto à sua evolução no tempo, constituição e características gerais.

DO: as características demográficas pertinentes à pesquisa foram mensuradas utilizando os mesmos instrumentos operacionalizados pelo IBGE (2020), a saber: idade – *IDD*, local de moradia – *CEP*, gênero – *GEN*, raça – *RAA*, número de filhos – *TMF* e estado civil – *ETC*.

### 3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O design da pesquisa consiste em um questionário, cujo universo foi formado por homens e mulheres em idade adulta. A população corresponde ao conjunto de elementos – indivíduos com 18 anos de idade ou mais – que possuem características específicas procuradas pela pesquisadora para serem feitas inferências – nesse caso, indivíduos nascidos e moradores no Brasil que possuem alguma relação com o dinheiro e têm consciência sobre sua situação financeira pessoal.

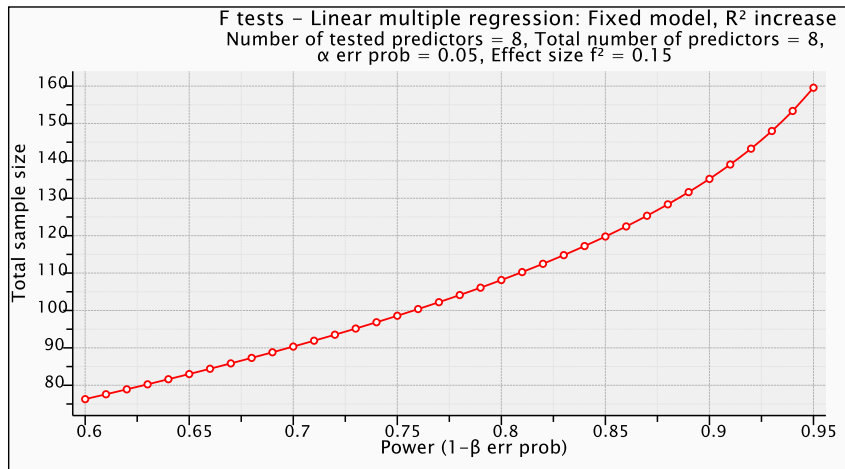
Para determinação do tamanho amostral mínimo de 500 respondentes para a validação estatística da pesquisa, foi utilizado o *software* livre *G\*Power*, versão 3.1.9.7, e adotados os seguintes critérios:

- a) Família de testes F;
- b) Regressão linear múltipla: modelo fixo, aumento de  $R^2$ ;
- c) Tipo de análise de força: *A priori*;
- d) Parâmetros:
  - tamanho do efeito ( $f^2$ ) mediano de 0,15;
  - poder do teste de 0,95;
  - número de preditores testados: 8;
  - número total de preditores: 8.

De acordo com os parâmetros calculados pelo *software* e plotados na Figura 4, o tamanho mínimo da amostra (*Total sample size*) para garantir a força estatística de 95% (*Power* ( $1 - \beta$  *err prob*)) é de 160 respondentes. Como a análise envolve dimensões abstratas (percepções e atitudes) e a utilização do método de modelagem de equações estruturais com estimação por mínimos quadrados parciais (PLS-SEM), Sarstedt e Cheah (2019) recomendam que o tamanho da amostra seja dobrado ou triplicado, para evitar que dados de baixa qualidade prejudiquem a análise e os resultados obtidos pelo uso da técnica. O valor mínimo calculado pelo *software* foi, por isso, multiplicado por 3 e arredondado para 500.



Figura 4 – Estimativa do tamanho total da amostra pelo *software G\*Power*



Nota: Testes F – Regressão linear múltipla: modelo fixo, aumento de  $R^2$ . Número de preditores testados = 8, Número total de preditores = 8, erro padrão  $\alpha = 0.05$ , Tamanho do efeito  $f^2 = 0.15$ .  
 Fonte: G\*Power versão 3.1.9.7

### 3.5 COLETA DOS DADOS

Devido à similaridade metodológica com os trabalhos referenciados teoricamente, optou-se pela aplicação de questionários (*surveys*), pois consiste em uma técnica de investigação composta por questões apresentadas às pessoas com o objetivo de conhecer opiniões e expectativas (BABBIE, 2016).

A pesquisa de campo foi viabilizada após a revisão da literatura e a definição dos construtos por meio do questionário construído pela pesquisadora, que utilizou como referência os modelos desenvolvidos por Caprara et al. (2012), Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL, 2019), Fernandes et al. (2014), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) e Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2018).

O pré-teste do instrumento de pesquisa foi realizado com alunos e professores do ensino superior da Faculdade IDD, localizada em Curitiba-PR, que sugeriram algumas alterações pontuais.

A versão final do instrumento *online* foi elaborada com a utilização da plataforma Qualtrics, disponível aos membros da comunidade acadêmica pela

PUCPR. Esta plataforma foi escolhida devido à disponibilização de ferramentas de controle e personalização, com destaque para a restrição de uma única resposta por IP, isto é, cada respondente acessou o questionário uma única vez e seu anonimato foi preservado.

O questionário aplicado foi constituído de sete partes. A primeira parte do instrumento apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde foi apresentada a opção de participar ou não da pesquisa. A segunda parte do instrumento identificou as condições demográficas do participante, como idade, gênero, raça, Estado de nascimento e moradia, e escolaridade. A terceira parte apresentou as oito questões relativas ao construto da positividade, cuja escala Likert de 5 pontos representou níveis de concordância. Na quarta parte, foi apresentada uma questão sobre a participação em cursos específicos de matemática financeira seguida da medição da alfabetização financeira através de 8 perguntas diretas. Na quinta parte foi feito o levantamento das condições socioeconômicas dos participantes, como natureza e situação do trabalho, renda, tamanho da família e participação nas decisões financeiras. A sexta parte do instrumento consistiu em 21 questões acerca da atitude financeira e do comportamento financeiro, cujas escalas Likert apresentaram respostas de concordância e frequência, seguindo as questões originalmente propostas pela pesquisa bibliográfica. A sétima e última parte, fez o levantamento do bem-estar financeiro através de 10 questões, cujas escalas Likert variaram entre concordância e frequência.

O instrumento está apresentado na íntegra no Apêndice A.

Campanhas para participação foram feitas nas diferentes redes sociais da pesquisadora de 10 de dezembro de 2020 a 31 de março de 2021 com a disponibilização do *link* anônimo, que foi também enviado a contatos pessoais e profissionais objetivando-se uma participação mínima de 500 indivíduos.

### 3.6 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados coletados foram extraídos da plataforma Qualtrics e organizados com a utilização do Excel. Para a análise estatística descritiva, foi utilizado o *software* livre JASP, versão 0.14.1.

Devido às características da amostra e aos objetivos desta pesquisa, o modelo estrutural proposto foi analisado com o *software* SmartPLS versão 3.3.3, que utiliza a técnica de regressão múltipla apoiada na análise de mínimos quadrados parciais, permitindo que variáveis latentes e construtos sejam representados por compostos contendo seu próprio conjunto de variáveis dependentes, fornecendo uma abordagem, ao mesmo tempo, explanatória e preditiva (HAIR JR., HULT, RINGLE e SARSTEDT, 2016; RINGLE, DA SILVA e BIDO, 2014; RINGLE, WENDE, AND BECKER, 2015).

Na descrição de todos os resultados deste trabalho, optou-se por utilizar o ponto como marcador decimal, uma vez que este é o formato de *output* dos *softwares* utilizados na pesquisa.

### 3.7 RESUMO DA PESQUISA

O Quadro 8 traz a recapitulação do suporte metodológico utilizada para a execução desta pesquisa.

Quadro 8 – Resumo da pesquisa

Título	Avaliação dos Componentes do Bem-Estar Financeiro: o Comportamento Financeiro e a Positividade como Fatores Determinantes
Tese	Dentre as variáveis associadas ao bem-estar financeiro dos brasileiros, o comportamento financeiro e a positividade são fatores determinantes.
Pergunta	Considerando a identificação e exploração das principais variáveis que compõem o construto do bem-estar financeiro, quais são os fatores principais que impulsionam o bem-estar financeiro percebido por uma amostra de cidadãos brasileiros?
Objetivo Geral	Identificar os principais impulsionadores da avaliação do bem-estar financeiro para uma amostra de cidadãos brasileiros, explorando componentes, como a positividade, a percepção de melhoria histórica individual, o estresse financeiro, alfabetização financeira e hábitos financeiros, que sejam relevantes para o construto.
Objetivos Específicos	a) Adaptar e aplicar as métricas propostas por Fernandes et al. (2014), Lusardi e Mitchell (2011), INFE (2011) e OCDE (2016) para os construtos de alfabetização financeira, atitudes financeiras e comportamento financeiro; b) Adaptar e utilizar a métrica aplicada comercialmente pela Confederação Nacional de Dirigentes Logistas (CNDL, 2019) para avaliação do bem-estar financeiro; c) Adaptar e aplicar a métrica de condições socioeconômicas estressoras apontadas por Choi et al. (2020);

	<p>d) Adaptar e aplicar a métrica de positividade (CAPRARA, ALESSANDRI, EISENBERG, KUPFER, STECA, CAPRARA e ABELA, 2012);</p> <p>e) Propor e avaliar um modelo estrutural baseado nos oito itens propostos para o construto do bem-estar financeiro.</p>
Hipóteses	<p>H1) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos.</p> <p>H2) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre as atitudes financeiras dos indivíduos.</p> <p>H3) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre o comportamento financeiro dos indivíduos.</p> <p>H4) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre o nível de alfabetização financeira dos indivíduos.</p> <p>H5) A alfabetização financeira causa efeito fraco e positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos.</p> <p>H6) A alfabetização financeira causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos quando mediado pelas atitudes financeiras.</p> <p>H7) A alfabetização financeira causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos quando mediado pelo comportamento financeiro.</p> <p>H8) Atitudes financeiras consideradas ótimas causam efeitos positivos diretos sobre o bem-estar financeiro.</p> <p>H9) Comportamentos financeiros considerados ótimos causam efeitos positivos diretos sobre o bem-estar financeiro.</p> <p>H10) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos diretos no nível de alfabetização financeira dos indivíduos.</p> <p>H11) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeito positivo direto no bem-estar financeiro.</p> <p>H12) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos diretos nas atitudes financeiras dos indivíduos.</p> <p>H13) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos diretos no comportamento financeiro dos indivíduos.</p> <p>H14) A positividade influencia o bem-estar financeiro dos indivíduos de forma positiva e direta.</p> <p>H15) A percepção de melhoria financeira histórica causa efeitos positivos diretos no bem-estar financeiro dos indivíduos.</p> <p>H16) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas ao bem-estar financeiro dos indivíduos.</p> <p>H17) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas às atitudes financeiras dos indivíduos.</p> <p>H18) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas ao comportamento financeiro dos indivíduos.</p> <p>H19) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas à positividade dos indivíduos.</p>
Classificação da pesquisa	<p>Natureza: pesquisa aplicada</p> <p>Objetivos: descritiva-explicativa-propositiva</p> <p>Procedimentos: quantitativa</p> <p>Temporalidade: transversal</p> <p>Método de coleta: pesquisa de campo (questionários)</p> <p>Abrangência: amostragem não-probabilística por conveniência e por bola-de-neve</p>

Fonte: autora (2021).

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados da pesquisa obtidos a partir da execução rigorosa dos procedimentos metodológicos descritos no item 3 deste documento.

### 4.1 ANÁLISE DESCRITIVA

A coleta de dados ocorreu entre os meses de dezembro de 2020 e março de 2021 e a análise inicial do banco de dados identificou 1007 participações.

Em seguida, através de filtro, foram descartadas as respostas com taxa de valores omissos menores que 5%. Este percentual foi escolhido porque Hair et al. (2009) afirmam que a presença de 10% de valores omissos é considerada baixa.

As percepções dos respondentes foram medidas através de escala Likert. Segundo Babbie (2016), a normalidade desse tipo de escala é bastante incomum e o uso de regras estatísticas, como  $D^2$  de Mahalanobis para a exclusão de *outliers*, segundo a *European Social Survey*<sup>6</sup>, não é indicado. Através de análise visual detalhada do banco de dados, portanto, foram verificados padrões não-aleatórios e foi feita a retirada manual de linhas cujas respostas indicavam a mesma alternativa de resposta pela regra 75%.

Dos 1007 participantes, 835 concordaram em participar, eram cidadãos nascidos e residentes no Brasil, preencheram mais que 94% do questionário, tinham mais que 18 anos e preencheram-no com aleatoriedade superior à 75%.

Para o tratamento estatístico das 835 participações, utilizou-se duas estratégias: foram considerados dados perdidos ignoráveis aqueles cuja mensuração se deu por categorização sociodemográfica como idade, gênero, número de filhos e natureza do trabalho, por exemplo; e, foram considerados dados perdidos não ignoráveis aqueles cuja mensuração de percepções se deu por escala Likert. Optou-se, então, pela substituição dos valores perdidos não ignoráveis por valores estimados

---

<sup>6</sup> The European Social Survey Education Net. First round of preparation, cleaning and recoding. Available at: <<http://essedunet.nsd.uib.no/cms/topics/1/4/2.html>>.. Em: 20/01/21.

com base na média dos dados válidos para a variável (HAIR, BLACK, BABIN, ANDERSON e TATHAM, 2009).

Os dados coletados foram codificados, categorizados e tratados em planilha. Depois, foram exportados para o *software* estatístico JASP versão 0.14.1., que realizou as análises descritivas através do cálculo das medidas de tendência central e de variabilidade.

Os perfis dos entrevistados (gênero, idade, raça, escolaridade, estado civil, número de filhos e Estado de moradia) encontram-se nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2 – Distribuição de frequências das variáveis *GEN*, *IDD*, *RAA* e *EDFor*

Gênero ( <i>GEN</i> )	Mulheres		Homens		Total categoria	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada	
	Frequência relativa à <i>GEN</i>	Frequência relativa à <i>GEN</i>	Frequência relativa à <i>GEN</i>	Frequência relativa à <i>GEN</i>				
	468		367		835	100.0%	100%	
Idade ( <i>IDD</i> )	Mediana	25 a 34 anos		35 a 44 anos				
	Moda	25 a 34 anos		25 a 34 anos				
	Missing	0		0	0	0%	0%	
	1) 18 a 24 anos	79	16.9%	39	10.6%	118	14.1%	14%
2) 25 a 34 anos	162	34.6%	117	31.9%	279	33.4%	48%	
3) 35 a 44 anos	86	18.4%	111	30.2%	197	23.6%	71%	
4) 45 a 54 anos	75	16.0%	60	16.3%	135	16.2%	87%	
5) 55 a 64 anos	55	11.8%	31	8.4%	86	10.3%	98%	
6) 64 a 75 anos ou mais	11	2.4%	9	2.5%	20	2.4%	100%	
Raça ( <i>RAA</i> )	Moda	Branca		Branca				
	Missing e 5) Prefiro não Informar	6		5	11	1.3%	1.3%	
	0) Amarela	12	2.6%	12	3.3%	24	2.9%	4.2%
	1) Branca	362	78.4%	258	71.3%	620	74.3%	78.4%
	2) Indígena	1	0.2%	1	0.3%	2	0.2%	78.7%
3) Parda	74	16.0%	81	22.4%	155	18.6%	97.2%	
4) Preta	13	2.8%	10	2.8%	23	2.8%	100.0%	
Escolaridade ( <i>EDFor</i> )	Mediana	Superior Completo		Pós-Graduação Incompleta				
	Moda	Pós-Graduação Completa		Pós-Graduação Completa				
	Missing	0		0		0	0%	
	0) Até Ensino Fundamental Completo	11	2.4%	2	0.5%	13	1.6%	1.6%
	1) Ensino Médio ou Técnico Completo	45	9.6%	21	5.7%	66	7.9%	9.5%
	2) Ensino Superior Incompleto	52	11.1%	45	12.3%	97	11.6%	21.1%
	3) Ensino Superior Completo	130	27.8%	85	23.2%	215	25.7%	46.8%
4) Pós-Graduação Incompleta	51	10.9%	46	12.5%	97	11.6%	58.4%	
5) Pós-Graduação Completa	179	38.2%	168	45.8%	347	41.6%	100.0%	

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo *software* JASP versão 0.14.1, 2021.

Tabela 3 – Distribuição de frequências das variáveis *ETC*, *TMF* e *CEP*

Gênero ( <i>GEN</i> )	Mulheres		Homens		Total categoria	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada	
		Frequência relativa à <i>GEN</i>		Frequência relativa à <i>GEN</i>				
	468		367		835	100.0%	100%	
<b>Estado Civil (<i>ETC</i>)</b>	Moda	Casado ou União Estável		Casado ou União Estável				
	Missing	1		1		2	0%	0%
0) Solteiro		199	42.6%	129	35.2%	328	39.3%	39.5%
1) Casado ou União Estável		223	47.8%	218	59.6%	441	52.8%	92.3%
2) Separado, Divorciado ou Viúvo		45	9.6%	19	5.2%	64	7.7%	100.0%
<b>Número de Filhos (<i>TMF</i>)</b>	Mediana	Sem filhos		Sem filhos				
	Moda	Sem filhos		Sem filhos				
	Missing	5		2		7	0.8%	0.8%
0) Sem filhos		276	59.6%	196	53.7%	472	56.5%	57.4%
1) 1 filho		88	19.0%	68	18.6%	156	18.7%	76.0%
2) 2 filhos		75	16.2%	75	20.5%	150	18.0%	94.0%
3) 3 filhos ou mais		24	5.2%	26	7.1%	50	6.0%	100.0%
<b>Região (<i>CEP</i>)</b>	Moda	Sul		Sul				
	Missing	0		0		0	0.0%	0.0%
0) Sul		343	73.4%	260	71.0%	603	72.2%	72.2%
1) Sudeste		83	17.8%	61	16.7%	144	17.2%	89.5%
2) Centro-Oeste		17	3.6%	31	8.5%	48	5.7%	95.2%
3) Nordeste e Norte		25	5.4%	15	4.1%	40	4.8%	100.0%

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo *software* JASP versão 0.14.1, 2021.

Uma das muitas preocupações desta pesquisa residiu na universalidade de sua proposta. Para que fosse assegurada, a análise descritiva da amostra buscou evidências de comparação populacional.

A primeira análise foi realizada quanto ao gênero. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua<sup>7</sup> - PNAD Contínua, realizada em 2018, o percentual de homens e mulheres na população brasileira estava em torno de 48% e 52%, respectivamente.

Smith (2008), ao pesquisar participação em pesquisas *online*, reportou que o percentual médio de participação de homens e mulheres em questionários distribuídos desta forma se encontra em torno de 40% e 60%, respectivamente. O autor atribuiu essa diferença à teoria de troca social, a qual afirma que mulheres são mais propensas a possuir e valorizar características mais consistentes com identidades conectivas, como empatia ou proximidade emocional. Sendo assim, a diferença de proporções

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=downloads>. Acesso em: 25/04/21.

advém das diferenças na forma como homens e mulheres tomam decisões e valorizam suas ações no ambiente online.

Ao testar a amostra para as duas proporções de *GEN*, verificou-se que a proporção 44% para homens e 56% para mulheres está situada entre a proporção populacional esperada e a proporção relatada empiricamente por Smith (2008), sendo significativamente diferente de ambas ( $\chi^2 = 5.48$ ;  $GI = 1$ ;  $p\text{-valor} = 0.019$  para 48% e 52%;  $\chi^2 = 5.43$ ;  $GI = 1$ ;  $p\text{-valor} = 0.020$  para 40% e 60%), mas considerada adequada para a realização de comparações entre gêneros neste trabalho.

Ao analisar a raça declarada pelos participantes, há que se considerar o perfil da Região geográfica analisada. De acordo com a PNAD Contínua de 2018, a Região Sul do país possui cerca de 74% de sua população declaradamente branca, 20% parda e 5% preta. Na Região Sudeste, essas porcentagens são 51%, 38% e 10%, respectivamente. Considerando que 73.1% dos respondentes são moradores da Região Sul e que 16.9% são da Região Sudeste, o teste de proporções é significativamente diferente para as populações ponderadas esperadas, sendo a proporção de pessoas das raças preta e parda inferiores à média ponderada populacional ( $\chi^2 = \text{Inf}$ ;  $GI = 5$ ;  $p\text{-valor} < 0.001$  para 70% branca, 5.7% preta e 24% parda).

Dentre os respondentes, é alto o percentual daqueles que possuem pós-graduação completa (cerca de 41.6%) e ensino superior completo (25.7%). Isso se deve à forma de distribuição do questionário *online*. Por trabalhar com ensino superior desde 2008, a pesquisadora possui contato com muitos alunos e ex-alunos em suas redes sociais, inevitavelmente voltando a pesquisa a esse grupo de forma não-intencional. Além disso, esses indivíduos possuem maior acesso e maior intimidade com as ferramentas tecnológicas, facilitando sua participação.

A média de escolaridade entre os respondentes do sexo feminino e masculino é significativamente diferente ( $M\text{-}W = 76938$ ;  $p\text{-valor} = 0.007$ ), sendo maior a diferença de proporções entre aqueles que concluíram cursos de pós-graduação.

Um perfil geral das respondentes do sexo feminino pode ser descrito com as seguintes características: idade entre 25 a 34 anos (34.6%), brancas (78.4%), com pós-graduação completa (38.2%), casadas ou com união estável (47.8%) ou solteiras (42.6%), sem filhos (59.6%), moradoras da região Sul do país (73.4%).



O perfil geral do sexo masculino é descrito como: percentuais próximos para idades nas faixas entre 25 a 34 anos (31.9%) e 35 a 44 anos (30.2%), brancos (71.3%), com pós-graduação completa (45.8%), casados ou com união estável (52.8%), sem filhos (53.7%) e moradores da região Sul do país (71%).

A descrição completa do perfil socioeconômico dos respondentes encontra-se na Tabela 4.

Quanto à situação de trabalho, destaca-se que um percentual de 8,4% alegou estar desempregado no momento da pesquisa. Esse valor está abaixo do percentual levantado pelo IBGE para a taxa de desocupação no país<sup>8</sup>, que foi de 14.2%.

Importante notar que os percentuais de mulheres que não trabalham (10.1%) ou trabalham, mas necessitam de ajuda financeira (20.1%), e de aposentadas (6.9%) são superiores ao dobro do percentual de homens, e que, em relação à responsabilidade pela família, a relação se inverte (12.2% de mulheres e 25.1% de homens).

Em relação à natureza do emprego, destaca-se que o percentual de empresários (14.2%) é quase três vezes maior que o de empresárias (5.4%). E que o percentual de mulheres que trabalham na iniciativa privada (40.3%) e por conta própria (21.4%) é superior ao percentual de homens (37.6% e 18.5%, respectivamente). No setor público, há predominância de respondentes do sexo masculino, 13.1% contra 7.9% do sexo feminino.

Quanto à renda, destaca-se que o total acumulado de respondentes do sexo feminino que recebem algum valor até R\$ 3000.00 é de 43.3%, enquanto o total de homens é de 24.2%. Para faixas salariais superiores a R\$ 3000.00, há uma inversão considerável de proporções, sendo 46.7% das mulheres e 70.1% dos homens. Essas diferenças podem ser atribuídas a muitos fatores particulares e socioeconômicos, como tamanho da família, diferenças na escolaridade e na qualidade do trabalho, bem como a outros fatores não levantados pelo questionário aplicado. Por esses motivos, as relações causais das diferenças percentuais salariais entre homens e mulheres não fazem parte do escopo desta pesquisa.

---

<sup>8</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) – IBGE – 1T/2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=downloads>. Em: 25/04/21.

Tabela 4 – Distribuição de frequências das variáveis *SIT*, *NAT* e *RND*

Gênero ( <i>GEN</i> )		Mulheres	Frequência relativa à <i>GEN</i>	Homens	Frequência relativa à <i>GEN</i>	Total categoria	Frequência relativa	Frequência relativa acumulada
		468		367		835		
<b>Situação de emprego (<i>SIT</i>)</b>	<b>Moda</b>	Trabalho e me sustento		Trabalho e me sustento				
	<b>Missing</b>	1		1		2	0.2%	0.2%
	0) Não trabalho e meus gastos estão sendo pagos por outra pessoa	47	10.1%	21	5.7%	68	8.1%	8.4%
	1) Trabalho, mas preciso de ajuda financeira para conseguir pagar as contas	94	20.1%	32	8.7%	126	15.1%	23.5%
	2) Trabalho e me sustento	109	23.3%	103	28.1%	212	25.4%	48.9%
	3) Trabalho e contribuo com o sustento da família	128	27.4%	109	29.8%	237	28.4%	77.2%
	4) Trabalho e sou o responsável pelo sustento da família	57	12.2%	92	25.1%	149	17.8%	95.1%
	5) Aposentado	32	6.9%	9	2.5%	41	4.9%	100.0%
<b>Natureza do Emprego (<i>NAT</i>)</b>	<b>Moda</b>	Setor Privado		Setor Privado				
	<b>Missing</b>	1		0		1	0.1%	0.1%
	0) Não trabalha ou Trabalhador não remunerado	49	10.5%	22	6.0%	71	8.5%	8.6%
	1) Setor privado	188	40.3%	138	37.6%	326	39.0%	47.7%
	2) Setor público - Estatutário, incluindo militares	37	7.9%	48	13.1%	85	10.2%	57.8%
	3) Setor público - não estatutário	36	7.7%	27	7.4%	63	7.5%	65.4%
	4) Empregador (com um empregado ou mais)	25	5.4%	52	14.2%	77	9.2%	74.6%
	5) Autônomo (sem empregados)	100	21.4%	68	18.5%	168	20.1%	94.7%
6) Trabalhador doméstico (inclusive diarista)	3	0.6%	0	0.0%	3	0.4%	95.1%	
7) Aposentado	30	6.4%	11	3.0%	41	4.9%	100.0%	
<b>Renda em R\$ (<i>RND</i>)</b>	<b>Mediana</b>	De 2.001 a 3.000		De 3.001 a 5.000				
	<b>Moda</b>	De 3.001 a 5.000		De 5.001 a 10.000				
	<b>Missing</b>	1		3		4	0.5%	0.5%
	0) Sem renda	47	10.1%	21	5.8%	68	8.1%	8.6%
	1) Até 500	7	1.5%	1	0.3%	8	1.0%	9.6%
	2) De 501 a 1.000	18	3.9%	4	1.1%	22	2.6%	12.2%
	3) De 1.001 a 2.000	89	19.1%	33	9.1%	122	14.6%	26.8%
	4) De 2.001 a 3.000	88	18.8%	50	13.7%	138	16.5%	43.4%
	5) De 3.001 a 5.000	92	19.7%	78	21.4%	170	20.4%	63.7%
6) De 5.001 a 10.000	85	18.2%	92	25.3%	177	21.2%	84.9%	
7) De 10.001 a 20.000	32	6.9%	62	17.0%	94	11.3%	96.2%	
8) De 20.001 a 100.000	9	1.9%	23	6.3%	32	3.8%	100.0%	

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo *software* JASP versão 0.14.1, 2021.

Encerrada a análise dos perfis demográficos e socioeconômicos dos respondentes, iniciou-se a análise descritiva do teste de conhecimentos financeiros e da variável *MLHp* (Tabela 5).

Tabela 5 – Medidas de tendência central das variáveis *ALF* e *MLHp*

	$\bar{x}$	$\epsilon\bar{x}$	Me	Mo	Percentis		
					25%	50%	75%
<b><i>ALF</i></b>	6.65	0.047	7	8	6	7	8
<b><i>MLHp</i></b>	3.87	0.048	4	5	3	4	5

Nota 1: *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida.

Nota 2: Medidas de tendência central:  $\bar{x}$  = média;  $\epsilon\bar{x}$  erro padrão da média; Me = mediana; Mo = moda.

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo software JASP versão 0.14.1, 2021.

O teste de alfabetização financeira gera uma pontuação através do número de acertos em um total de oito questões acerca de conhecimentos em tópicos em matemática, matemática financeira e conceitos financeiros – a variável total de acertos é uma nota, simbolizada por *ALF*. A média de notas dos respondentes foi 6.65, ou seja, o percentual de acerto médio foi de 83.12%, sendo significativa a diferença entre a média obtida pelas mulheres ( $\bar{x}$  = 6.40; 80% de acertos) e a dos homens ( $\bar{x}$  = 6.98; 87,25% de acertos) (M-W = 64080; p-valor <0.001). Importante destacar que ambos os sexos apresentaram desempenho acima da média de 55.83% reportada pela OCDE em 2016.

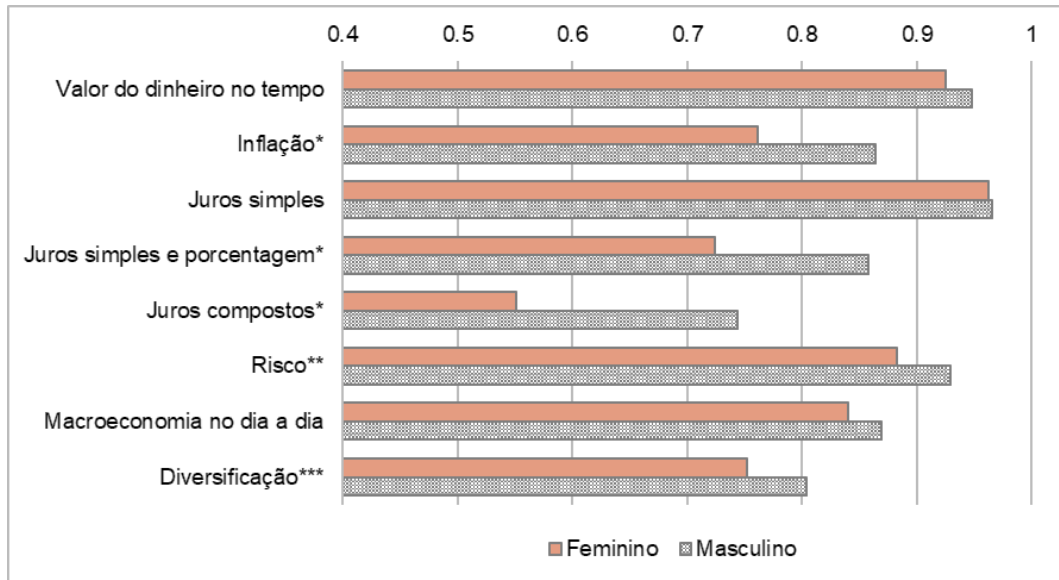
Analisando os percentuais de acerto para cada resposta, disponíveis na Figura 5, é possível verificar em quais tópicos as diferenças entre as médias de cada gênero são significativas. Destaca-se a grande margem de diferença existente entre as médias das questões relativas à juros simples, cálculo de porcentagem e juros compostos, sendo a última, a menor média para ambos os sexos.

A dificuldade em compreender juros compostos é mundial e independe de gênero. Segundo a OCDE (2016), isto se dá devido à dificuldade em compreender que a capitalização dos valores guardados em uma conta ocorre também sobre os juros durante todo o tempo no qual o dinheiro permaneceu aplicado.

A variável *MLHp* foi medida por uma escala Likert de percepção de cinco pontos (5 = Concordo totalmente e 1 = Discordo totalmente). Os respondentes percebem um aumento da melhoria da vida financeira quando comparam sua situação atual com a situação vivida por sua família na infância, uma vez que a média 3.87 é

significativamente maior que o item de indiferença 3 (teste-T = 18.1; GI=822; p-valor<0.001).

Figura 5 – Percentual de acertos por questão, comparados por gênero



Nota: diferenças significativas entre médias analisadas pelo método One-Way Anova (não-paramétrico): \* p-valor < 0.001; \*\* p-valor < 0.05, \*\*\*p-valor < 0.1.

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo software JASP versão 0.14.1, 2021.

A Tabela 6 traz as medidas de tendência central das variáveis que compõem as variáveis latentes *POS*, *ATD*, *CMP* e *BEF*. Todas as questões relativas a esses construtos foram medidas por escala Likert de cinco pontos que variava entre concordância (5 = Concordo totalmente e 1 = Discordo totalmente), frequência (5 = Sempre e 1 = Nunca) e identificação (5 = Descreve-me extremamente bem e 1 = Não me descreve).

A análise das médias das repostas para a positividade permite afirmar que a positividade dos respondentes é alta, uma vez que a média fica próxima de 4, indicando um nível alto de concordância com as afirmações apresentadas. A questão *P3\** apresentou média, mediana, moda e percentis muito abaixo das médias das outras questões, evidenciando problemas de interpretação causados pela forma como a questão foi apresentada aos respondentes.

Tabela 6 – Medidas de tendência central das variáveis que compõem *POS*, *ATD*, *CMP* e *BEF*

	$\bar{x}$	$\epsilon\bar{x}$	Me	Mo	Percentis		
					25%	50%	75%
<b>P1</b>	3.90	0.0371	4	4	3	4	5
<b>P2</b>	4.47	0.0287	5	5	4	5	5
<b>P3*</b>	2.16	0.0388	2	2	1	2	2
<b>P4</b>	4.01	0.0323	4	4	4	4	5
<b>P5</b>	4.09	0.0339	4	4	4	4	5
<b>P6</b>	3.92	0.0382	4	4	4	4	5
<b>P7</b>	4.00	0.0346	4	4	4	4	5
<b>P8</b>	3.92	0.0352	4	4	4	4	5

	$\bar{x}$	$\epsilon\bar{x}$	Me	Mo	Percentis		
					25%	50%	75%
<b>A1*</b>	3.19	0.0450	3	2	2	3	4
<b>A2*</b>	2.81	0.0430	2	2	2	2	4
<b>A3*</b>	3.89	0.0408	4	5	3	4	5
<b>A4*</b>	3.69	0.0463	4	5	3	4	5
<b>A5</b>	2.32	0.0449	2	1	1	2	4
<b>A6</b>	2.41	0.0417	2	1	1	2	3
<b>A7</b>	3.40	0.0491	4	5	2	4	5
<b>A8</b>	4.66	0.0324	5	5	5	5	5

	$\bar{x}$	$\epsilon\bar{x}$	Me	Mo	Percentis		
					25%	50%	75%
<b>C1</b>	3.88	0.0383	4	4	4	4	5
<b>C2*</b>	2.68	0.0477	2	2	2	2	4
<b>C3*</b>	4.16	0.0441	5	5	4	5	5
<b>C4*</b>	4.80	0.0235	5	5	5	5	5
<b>C5</b>	4.92	0.0147	5	5	5	5	5
<b>C6</b>	4.52	0.0278	5	5	4	5	5
<b>C7*</b>	4.08	0.0530	5	5	3	5	5
<b>C8</b>	4.66	0.0243	5	5	5	5	5
<b>C9</b>	3.91	0.0402	4	4	4	4	5
<b>C10</b>	4.35	0.0363	5	5	4	5	5
<b>C11</b>	4.50	0.0296	5	5	4	5	5
<b>C12</b>	4.00	0.0446	4	5	3	4	5

Nota 1: *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida.

Nota 2:  $\bar{x}$  = média;  $\epsilon\bar{x}$  erro padrão da média; Me = mediana; Mo = moda.

Nota 3: \*escala invertida.

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo *software* JASP versão 0.14.1, 2021.

Tabela 6 (continuação) – Medidas de tendência central das variáveis que compõem POS, ATD, CMP e BEF

	$\bar{x}$	$\epsilon\bar{x}$	Me	Mo	Percentis		
					25%	50%	75%
<b>B1</b>	3.08	0.0416	3	3	2	3	4
<b>B2</b>	2.57	0.0479	3	1	1	3	4
<b>B3</b>	3.19	0.0462	3	4	2	3	4
<b>B4</b>	3.04	0.0475	4	4	2	4	4
<b>B5</b>	3.96	0.0405	4	5	3	4	5
<b>B6*</b>	4.03	0.0403	4	5	3	4	5
<b>B7*</b>	3.59	0.0457	4	5	3	4	5
<b>B8*</b>	3.76	0.0469	4	5	3	4	5
<b>B9*</b>	3.82	0.0383	4	4	4	4	5
<b>B10*</b>	3.47	0.0437	4	4	3	4	4
<b>B11*</b>	3.69	0.0416	4	4	3	4	5

Nota 1: ALF – nível de Alfabetização Financeira; ATD – Atitudes Financeiras; CMP – Comportamento Financeiro; BEF – Bem-Estar Financeiro; POS – Positividade; MLHp – Melhoria Histórica percebida.

Nota 2:  $\bar{x}$  = média;  $\epsilon\bar{x}$  erro padrão da média; Me = mediana; Mo = moda.

Nota 3: \*escala invertida.

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo software JASP versão 0.14.1, 2021.

As questões referentes à atitude financeira evidenciam questões de impulsividade hedonistas presentes em A1\* e A2\* através dos valores encontrados para a média e a moda. As questões A3\* e A4\*, por sua vez, mostram alguma preocupação com o futuro, mesmo diante de situações impulsivas e os valores muito baixos de A5 e A6 mostram que há pouca confiança nas organizações financeiras. Esse resultado está em conformidade com a pesquisa Radar Febraban<sup>9</sup> realizada durante o ano de 2020. Entretanto, ao observar as respostas obtidas em A8, que se referem ao uso de aplicativos para realizar transações e acompanhamentos, percebe-se que há um grande contraste: a ausência de fé nas organizações bancárias é oposta à grande utilização dos serviços prestados por elas através de aplicativos. Fernandez e Fernandez (2017) apontam que esta diferença entre crenças e ações é chamada de dissonância cognitiva e, sendo um viés frequente, pode ser observado em grande parte da população.

A análise das médias das repostas para o comportamento financeiro permite afirmar que o engajamento dos respondentes em hábitos considerados ótimos é alto,

<sup>9</sup> Radar Febraban (2021). Disponível em: <https://portal.febraban.org.br/noticia/3616/pt-br/>. Acesso em 10/04/2021.

uma vez que a média fica próxima ou acima de 4 para muitas questões, o que indica um nível alto de concordância com as afirmações apresentadas. É bastante evidente que a questão C2\* causou problemas de interpretação, uma vez que o termo “limita” pode ser interpretado tanto de forma repressora, no sentido de impedimento, quanto de forma determinante, no sentido de moderação.

Finalmente, as questões relativas ao bem-estar financeiro demonstraram que a maioria dos respondentes usufrui de certo nível de bem-estar, uma vez que a média da maioria das questões está acima de 3, que é o ponto de indiferença. É importante notar que a questão B2\* pontua que esse bem-estar não é perene, pois muitos respondentes não podem arcar com uma grande despesa inesperada.

## 4.2 NORMALIDADE DOS DADOS

As medidas de dispersão, assimetria e curtose, e testes de normalidade foram conduzidos para as variáveis demográficas e socioeconômicas. Os resultados encontram-se na Tabela 7. Para melhor visualização da dispersão das variáveis, os *boxplots* são disponibilizados na Figura 6.

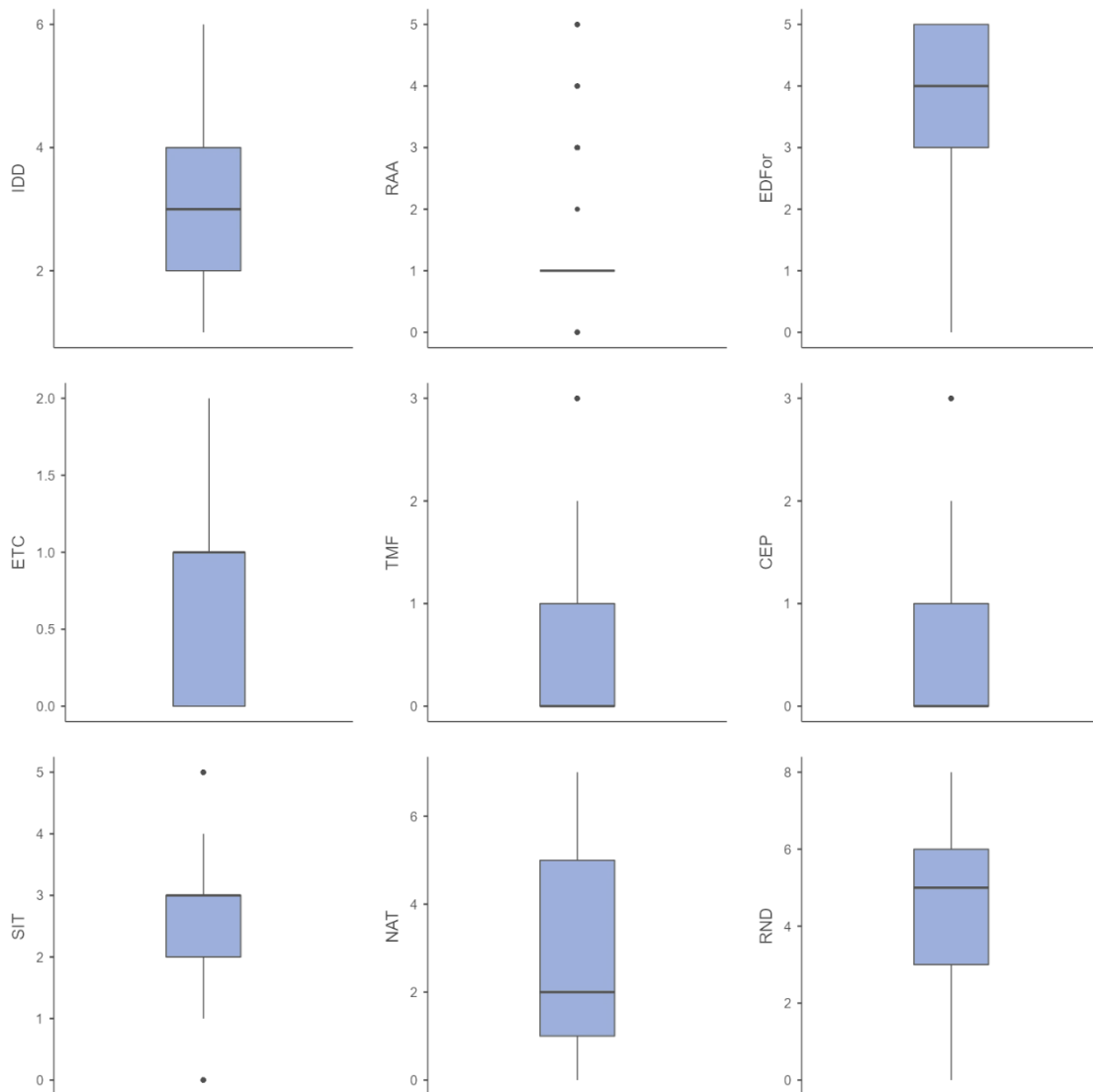
Tabela 7 – Medidas de dispersão e normalidade das variáveis demográficas e socioeconômicas

	ASM	CUR	S-W	K-S
<b>IDD</b>	0.495	-0.528	0.910*	0.214*
<b>RAA</b>	1.490	1.300	0.624*	0.455*
<b>EDFor</b>	-0.605	-0.706	0.842*	0.252*
<b>ETC</b>	0.297	-0.645	0.756*	0.305*
<b>TMF</b>	0.968	-0.364	0.738*	0.347*
<b>CEP</b>	1.990	3.150	0.580*	0.429*
<b>SIT</b>	-0.129	-0.635	0.936*	0.169*
<b>NAT</b>	0.596	-0.888	0.859*	0.260*
<b>RND</b>	-0.679	0.073	0.925*	0.154*

Nota1: *IDD* – Idade; *RAA* – Raça; *EDFor* – nível de Educação Formal; *ETC* – Estado Civil; *TMF* – Tamanho da Família; *CEP* – Local (Estado); *SIT* – Situação de estabilidade empregatícia; *NAT* – Natureza do trabalho; *RND* – Renda. Nota 2: \*p-valor < 0,000. Medidas de dispersão: ASM = assimetria ( $\epsilon_{ASM} = 0,085$  para todos os valores); CUR = curtose ( $\epsilon_{CUR} = 0,169$  para todos os valores). Testes de normalidade (Gl = 834): S-W = Shapiro-Wilk; K-S = Kolmogorov-Smirnov.

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo software JASP versão 0.14.1, 2021.

Figura 6 – Boxplots das variáveis demográficas (IDD, RAA, EDFor, ETC, TMF e CEP) e socioeconômicas (SIT, NAT e RND)



Nota: *IDD* – Idade; *RAA* – Raça; *EDFor* – nível de Educação Formal; *ETC* – Estado Civil; *TMF* – Tamanho da Família; *CEP* – Local (Estado); *SIT* – Situação de estabilidade empregatícia; *NAT* – Natureza do trabalho; *RND* – Renda.

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo software JASP versão 0.14.1, 2021.

Na Tabela 8 são mostradas as medidas de dispersão e os testes de normalidade das variáveis *ALF* e *MLHp*, bem como das variáveis que compõem os construtos *POS*, *CMP*, *ATD* e *BEF*. Os testes de Kolmogorov-Smirnov<sup>10</sup> e Shapiro-Wilk, conduzidos para avaliar a normalidade dos dados, mostram que, conforme

<sup>10</sup> O teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov é indicado para amostras grandes, o que se aplica nesta pesquisa. O teste de Shapiro-Wilk foi conduzido apenas *proforma*.



esperado para questionários acerca de percepção, a distribuição dos dados não é normal (BABBIE, 2016; HAIR, BLACK, BABIN, ANDERSON e TATHAM, 2009).

Tabela 8 – Medidas de dispersão e testes de normalidade das variáveis *ALF* e *MLHp*, e das variáveis que compõem *CMP*, *POS*, *ATD* e *BEF*, respectivamente

	$\bar{x}$	DP	$\sigma^2$	A	ASM	CUR	S-W	K-S
<b>ALF</b>	6.650	1.350	1.810	8.000	-1.090	1.310	0.855*	0.120*
<b>MLHp</b>	3.870	1.370	1.890	4.000	-0.916	-0.504	0.781*	0.276*
	$\bar{x}$	DP	$\sigma^2$	A	ASM	CUR	S-W	K-S
<b>C1</b>	3.88	1.100	1.220	4	-1.09	0.52	0.806*	0.308*
<b>C2</b>	2.68	1.370	1.880	4	0.44	-1.14	0.857*	0.273*
<b>C3</b>	4.16	1.270	1.610	4	-1.27	0.19	0.688*	0.356*
<b>C4</b>	4.80	0.669	0.448	4	-3.87	15.50	0.340*	0.492*
<b>C5</b>	4.92	0.424	0.180	4	-6.59	49.00	0.198*	0.520*
<b>C6</b>	4.52	0.799	0.638	4	-2.10	5.15	0.639*	0.371*
<b>C7</b>	4.08	1.500	2.260	4	-1.26	-0.11	0.638*	0.395*
<b>C8</b>	4.66	0.700	0.490	4	-2.44	6.19	0.541*	0.439*
<b>C9</b>	3.91	1.160	1.340	4	-1.08	0.37	0.808*	0.275*
<b>C10</b>	4.35	1.050	1.100	4	-1.81	2.50	0.654*	0.351*
<b>C11</b>	4.50	0.851	0.724	4	-2.12	4.58	0.622*	0.369*
<b>C12</b>	4.00	1.280	1.630	4	1.18	0.24	0.760*	0.268*
	$\bar{x}$	DP	$\sigma^2$	A	ASM	CUR	S-W	K-S
<b>P1</b>	3.90	1.070	1.150	4	-0.952	0.228	0.828*	0.278*
<b>P2</b>	4.47	0.824	0.680	4	-1.750	2.860	0.667*	0.363*
<b>P3</b>	2.16	1.110	1.240	4	1.050	0.402	0.812*	0.287*
<b>P4</b>	4.01	0.930	0.866	4	-1.170	1.300	0.791*	0.319*
<b>P5</b>	4.09	0.971	0.943	4	-1.130	0.799	0.792*	0.281*
<b>P6</b>	3.92	1.100	1.200	4	-1.040	0.373	0.813*	0.279*
<b>P7</b>	4.00	0.994	0.988	4	-1.070	0.674	0.807*	0.296*
<b>P8</b>	3.92	1.010	1.020	4	-1.050	0.624	0.809*	0.304*

Nota 1: *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida.

Nota 2: \*p-valor < 0,000. Medidas de dispersão: DP = desvio padrão;  $\sigma^2$  = variância amostral; A = amplitude = máximo – mínimo; ASM = assimetria ( $\epsilon_{ASM}$  = 0,085 para todos os valores); CUR = curtose ( $\epsilon_{CUR}$  = 0,169 para todos os valores). Testes de normalidade (Gl = 834): K-S = Kolmogorov-Smirnov; S-W = Shapiro-Wilk.

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo software JASP versão 0.14.1, 2021.

Tabela 8 (continuação) – Medidas de dispersão e testes de normalidade das variáveis *ALF* e *MLHp*, e das variáveis que compõem *CMP*, *POS*, *ATD* e *BEF*, respectivamente

	$\bar{x}$	DP	$\sigma^2$	A	ASM	CUR	S-W	K-S
<b>A1</b>	3.19	1.300	1.690	4	-0.092	-1.320	0.874*	0.229*
<b>A2</b>	2.81	1.240	1.530	4	0.368	-1.160	0.845*	0.305*
<b>A3</b>	3.89	1.170	1.380	4	-0.777	-0.289	0.831*	0.246*
<b>A4</b>	3.69	1.320	1.750	4	-0.586	-0.813	0.845*	0.236*
<b>A5</b>	2.32	1.290	1.670	4	0.532	-1.130	0.826*	0.241*
<b>A6</b>	2.41	1.190	1.410	4	0.469	-0.607	0.891*	0.172*
<b>A7</b>	3.40	1.400	1.970	4	-0.442	-1.060	0.871*	0.198*
<b>A8</b>	4.66	0.934	0.872	4	-3.100	8.830	0.412*	0.472*
	$\bar{x}$	DP	$\sigma^2$	A	ASM	CUR	S-W	K-S
<b>B1</b>	3.08	1.20	1.44	4	-0.139	-0.778	0.912*	0.180*
<b>B2</b>	2.57	1.38	1.91	4	0.308	-1.180	0.868*	0.201*
<b>B3</b>	3.19	1.33	1.76	4	-0.113	-1.300	0.883*	0.215*
<b>B4</b>	3.04	1.37	1.87	4	-0.210	-1.400	0.846*	0.287*
<b>B5</b>	3.96	1.17	1.36	4	-1.010	0.123	0.811*	0.235*
<b>B6</b>	4.03	1.16	1.35	4	-1.050	0.233	0.790*	0.276*
<b>B7</b>	3.59	1.32	1.74	4	-0.579	-0.819	0.862*	0.205*
<b>B8</b>	3.76	1.35	1.83	4	-0.739	-0.760	0.816*	0.250*
<b>B9</b>	3.82	1.10	1.21	4	-1.050	0.443	0.811*	0.311*
<b>B10</b>	3.47	1.25	1.56	4	-0.593	-0.693	0.875*	0.252*
<b>B11</b>	3.69	1.19	1.42	4	-0.795	-0.286	0.853*	0.263*

Nota 1: *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida.

Nota 2: \*p-valor < 0,000. Medidas de dispersão: DP = desvio padrão;  $\sigma^2$  = variância amostral; A = amplitude = máximo – mínimo; ASM = assimetria ( $\epsilon$ ASM = 0,085 para todos os valores); CUR = curtose ( $\epsilon$ CUR = 0,169 para todos os valores). Testes de normalidade (Gl = 834): K-S = Kolmogorov-Smirnov; S-W = Shapiro-Wilk.

Fonte: dados da pesquisa obtidos pelo software JASP versão 0.14.1, 2021.

### 4.3 ANÁLISES POR PLS-SEM

Para os testes de ajuste do modelo proposto nesta pesquisa, foi escolhida a modelagem de equações estruturais com estimação por mínimos quadrados parciais, mais conhecida pela sigla PLS-SEM (*Partial Least Square – Structural Equation Modeling*).

A escolha pela abordagem de análise PLS-SEM se deu pela capacidade holística de analisar, simultaneamente, múltiplas relações de dependência e independência entre construtos operacionalizados a partir de dados não-normais

baseados em percepção (LOWRY e GASKIN, 2014; SARSTEDT, HAIR, CHEAH, BECKER e RINGLE, 2019).

Esta técnica estatística de segunda geração baseia-se na maximização da variância explicada e cria *proxies* de regressões lineares das variáveis para utilizá-las como *scores* fatoriais endógenos e exógenos, sendo, por isso, apta para ser utilizada em modelos compostos para medição, estimativa e predição de modelos estruturais baseados em fenômenos latentes diversos (CHIN, CHEAH, LIU, TING, LIM e CHAM, 2020; HAIR JR, 2020; HAIR JR, HULT, RINGLE e SARSTEDT, 2016; HENSELER, HUBONA e RAY, 2015).

O modelo estrutural da pesquisa contendo as relações teóricas externas e internas está mostrado na Figura 7. As variáveis que o compõem estão descritas no Quadro 9. Para sua construção, considerou-as hipóteses H1 a H19, declaradas no item 2 deste trabalho.

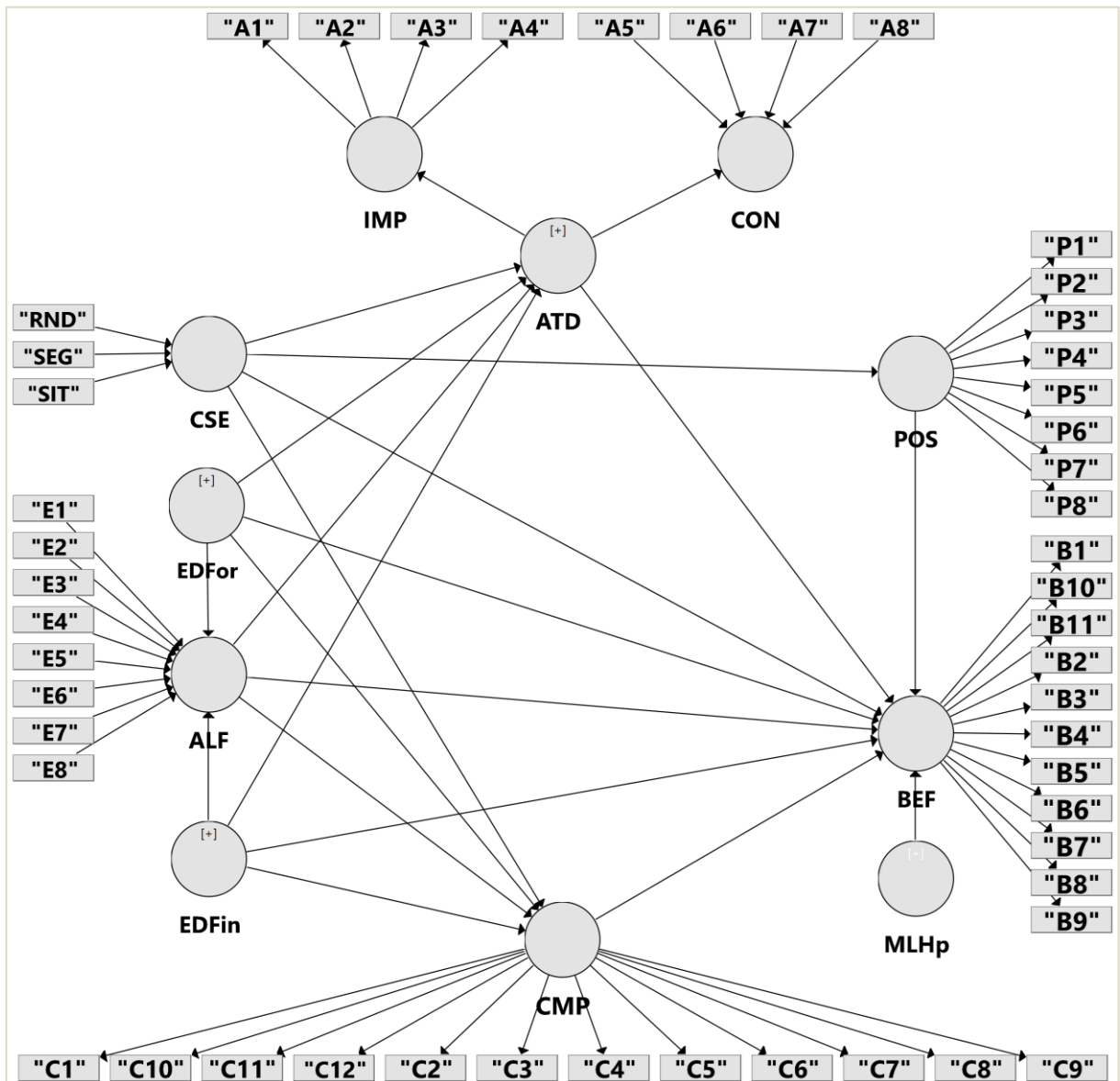
Quadro 9 – Variáveis Latentes e Construtos do modelo estrutural

	TIPO	ORDEM	DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS EXTERNAS
<b>ALF</b>	Construto Exógeno	1°	<i>Ei</i> : dummy formativa (0-1)
<b>ATD</b>	Construto Exógeno	2°	<i>IMP</i> : variáveis externas reflexivas Likert (1-5) <i>CON</i> : variáveis externas formativas Likert (1-5)
<b>BEF</b>	Variável Latente Endógena	1°	Variáveis externas reflexivas Likert (1-5)
<b>CMP</b>	Variável Latente Exógena	1°	Variáveis externas reflexivas Likert (1-5)
<b>CSE</b>	Construto Exógeno	1°	<i>SIT</i> : dummy formativa (1-5) <i>SEG</i> : dummy formativa (1-3) <i>RND</i> : dummy formativa (1-8)
<b>EDFin</b>	Fator Latente	-	Dummy (0-1)
<b>EDFor</b>	Fator Latente	-	Dummy (1-6)
<b>MLHp</b>	Fator Latente	-	Escala Likert (1-5)
<b>POS</b>	Variável Latente Exógena	1°	Variáveis externas reflexivas Likert (1-5)

Nota: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras.

Fonte: autora, 2021.

Figura 7 – Modelo estrutural teórico da pesquisa



Nota: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras.

Fonte: SmartPLS versão 3.3.3, modelo proposto pela autora (2021).

#### 4.3.1 Análise Confirmatória dos Componentes

A análise de mensuração das variáveis externas foi realizada a partir da análise de cargas e pesos do modelo estrutural completo (Figura 8).

No modelo, as variáveis latentes *IMP*, *POS*, *BEF* e *CMP* foram avaliadas segundo sua carga fatorial e critérios estatísticos de consistência interna:  $\alpha$  de

Cronbach e coeficiente de confiabilidade consistente ( $\rho_A$ ); de validade convergente: confiabilidade do construto (CC) e variância média extraída (VME); e de validade discriminante: *Heterotrait-Monotrait* (HTMT). Os construtos *CON*, *ALF* e *CSE*, por sua vez, foram analisados quanto aos pesos, significância e ausência de multicolinearidade por análise de fator de inflação da variância – FIV entre as variáveis.

Após avaliação criteriosa de todos os parâmetros das variáveis latentes, foi optado pela exclusão das variáveis não significativas e com cargas fatoriais abaixo de 0,4. Segundo Hair Jr et al. (2016), em modelos PLS-SEM, cargas fatoriais acima de 0,4 com significância estatística possuem correlação moderada e podem permanecer em modelos comportamentais, desde que os critérios de validade sejam atendidos.

Em relação aos construtos *CON*, *CSE* e *ALF*, não houve valores de FIV maiores que 3.3, indicando a inexistência de colinearidade entre as variáveis formativas. Após verificação dos p-valores dos pesos das variáveis nos construtos, optou-se por não excluir nenhuma variável, mesmo aquelas sem significância estatística – as variáveis nominais, uma vez que a exclusão de variáveis dos construtos formativos resulta em desvio de sua definição teórica e não é recomendada (LOWRY e GASKIN, 2014; PETTER, STRAUB e RAI, 2007; SARSTEDT, HAIR JR, CHEAH, BECKER e RINGLE, 2019).

Na Tabela 9, observa-se a matriz de correlações entre as cargas das variáveis, das variáveis latentes, e os pesos das variáveis, dos construtos. Observa-se que todas as cargas fatoriais das variáveis mantidas estão acima de 0.4 e são significativas estatisticamente, mostrando uma validade convergente não-ideal, porém aceitável.

Tabela 9 – Cargas fatoriais e pesos das variáveis externas mantidas no modelo

	VARIÁVEIS LATENTES				CONSTRUTOS		
	IMP	BEF	CMP	POS	CON	ALF	CSE
A1	0.663*	0.320	0.412	0.003			
A2	0.512*	0.123	0.184	-0.040			
A3	0.629*	0.273	0.365	-0.071			
A4	0.462*	0.213	0.250	0.040			
A5					0.337 <sup>a</sup>		
A6					0.288 <sup>a</sup>		
A7					0.521 <sup>a*</sup>		
A8					0.600 <sup>a*</sup>		
B1	0.135	0.678*	0.388	0.355			
B2	0.283	0.676*	0.298	0.185			
B3	0.291	0.678*	0.387	0.123			
B4	0.067	0.698*	0.272	0.425			
B6	0.278	0.660*	0.298	0.323			
B7	0.273	0.617*	0.284	0.327			
B9	0.309	0.674*	0.197	0.266			
B10	0.191	0.578*	0.242	0.270			
B11	0.132	0.706*	0.343	0.260			
C2	0.244	0.275	0.679*	0.228			
C3	0.328	0.288	0.736*	0.095			
C7	0.147	0.171	0.402*	-0.032			
C8	0.278	0.361	0.650*	0.008			
C9	0.300	0.249	0.514*	0.158			
C11	0.206	0.269	0.450*	0.152			
P1	-0.048	0.183	0.046	0.629*			
P2	-0.002	0.243	0.106	0.730*			
P5	-0.021	0.280	0.135	0.765*			
P6	-0.010	0.262	0.157	0.755*			
P7	-0.016	0.341	0.199	0.830*			
P8	-0.046	0.390	0.228	0.803*			
E1					-0.044 <sup>b</sup>		
E2					0.283 <sup>b*</sup>		
E3					0.113 <sup>b</sup>		
E4					0.115 <sup>b</sup>		
E5					0.156 <sup>b</sup>		
E6					0.228 <sup>b*</sup>		
E7					0.012 <sup>b</sup>		
E8					0.163 <sup>b</sup>		
RND						0.829 <sup>c*</sup>	
SEG						0.157 <sup>c</sup>	
SIT						0.135 <sup>c</sup>	

Nota 1: *IMP* – Impulsividade; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *CMP* – Comportamento Financeiro; *POS* – Positividade; *CON* – Crença; *ALF* Alfabetização Financeira; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras; *SIT* – Situação de estabilidade empregatícia; *NAT* – Natureza do trabalho; *RND* – Renda.

Nota 2: \* p-valor < 0.000 (por *bootstrapping* de 5000 repetições).

Nota 3: <sup>a</sup> Valores de FIV = 1.018, 1.029, 1.039 e 1.020, respectivamente.

Nota 4: <sup>b</sup> Valores de FIV = 1.015, 1.101, 1.085, 1.108, 1.110, 1.069, 1.037, 1.116, 1.077, 1.138, respectivamente.

Nota 4: <sup>c</sup> Valores de FIV = 1.877, 1.230, 1.718, respectivamente.

Fonte: resultados obtidos pelo SmartPLS, versão 3.3.3. a partir dos dados da pesquisa, 2021.

Os critérios de validade e convergência utilizados nesta pesquisa para as variáveis reflexivas consideram que o critério HTMT é satisfeito para valores menores que 0.9 (validade discriminante); valores de  $\alpha$  de Cronbach e  $\rho_A$  maiores que 0.6 são considerados aceitáveis (consistência interna); confiabilidade dos construtos (CC) deve ser maior que 0.7 e variância média extraída (VME) deve estar acima de 0.5 (validade convergente). Os critérios de validade para as variáveis formativas consideram que os valores de FIV devem estar abaixo de 3.3 e pesos acima de 0.4, ou estatisticamente significativos, são relevantes (HENSELER, RINGLE e SARSTEDT, 2015; HAIR JR, HULT, RINGLE e SARSTEDT, 2016; HAIR, RISHER, STARSTEDT e RINGLE, 2019; SARSTEDT, HAIR JR, CHEAH, BECKER e RINGLE, 2019).

Os valores das cargas cruzadas e dos parâmetros de consistência interna, validade convergente e validade discriminante das variáveis latentes encontram-se na Tabela 10.

Tabela 10 – Valores HTMT, cargas cruzadas e testes de validade e convergência das variáveis latentes do modelo

	<i>IMP</i>	<i>BEF</i>	<i>CMP</i>	<i>POS</i>
<i>IMP</i>	<b>0.677</b>			
<i>BEF</i>	0.444	<b>0.674</b>		
<i>CMP</i>	0.595	0.495	<b>0.790</b>	
<i>POS</i>	0.095	0.449	0.283	<b>0.748</b>
$\alpha$ de Cronbach	0.601*	0.841*	0.607*	0.845*
$\rho_A$	0.622*	0.845*	0.639*	0.877*
CC	0.769*	0.876*	0.740*	0.883*
VME	0.458*	0.454*	0.440*	0.560*

Nota 1: *IMP* – Impulsividade; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *CMP* – Comportamento Financeiro; *POS* – Positividade  
 Nota 2: CC = confiabilidade do construto (CR = construct reliability); VME = variância média extraída (AVE = Average variance extracted).

Nota 3: \* p-valor < 0.000 (por *bootstrapping* de 5000 repetições).

Nota 4: em negrito, as cargas cruzadas. Na área evidenciada, valores do teste HTMT. A presença de carga cruzada inferior ao valor do teste HTMT pode ocorrer quando as variáveis latentes possuem alta correlação e é critério de exclusão de variáveis (HENSELER, 2015).

Fonte: resultados obtidos pelo SmartPLS Versão 3.3.3. a partir dos dados da pesquisa, 2021.

HAIR et al., (2009) apontam que valores de VME devem estar acima de 0.5 e que, para atingi-los, variáveis devem ser extraídas do modelo. Diante dos resultados, observa-se, portanto, que os valores de VME das variáveis latentes *IMP*, *BEF* e *CMP* não foram satisfeitos por uma margem muito pequena.

Na condução desta pesquisa, optou-se evitar a retirada de variáveis do modelo para melhorar o ajuste dos valores da variância média extraída por dois motivos: 1) Fornell e Larcker (1981) assinalam que, para abordagem PLS, a observância dos critérios CC, para validade convergente, e HTMT, para validade discriminante, são suficientes para a validação do modelo estrutural; e 2) ao eliminar indicadores, pode ocorrer o efeito de capitalização no acaso (*chance capitalization*), levantando dúvidas sobre a replicabilidade dos resultados, o que pode inviabilizar e prejudicar a utilização da escala em pesquisas futuras (BIDO e SILVA, 2019).

Após análise de cargas, cargas cruzadas, significância estatística e eliminação de variáveis de baixa carga ou sem significância estatística, o modelo estrutural final completo utilizado nesta pesquisa é o modelo ilustrado na Figura 7, já apresentado anteriormente.

#### 4.3.2 Modelo Estrutural e Testes de Hipóteses

Os resultados da análise de caminhos de regressão por quadrados mínimos parciais são obtidos pela análise dos modelos estruturais completos.

A Figura 8 apresenta o modelo estrutural final contendo o cálculo dos caminhos (coeficientes de regressão múltipla) e sua significância. As variáveis externas foram ocultadas para melhor visualização. A variância de *BEF* explicada por cada construto exógeno apresentou um poder interno moderado de explicação,  $R^2$  ajustado, igual a 0.586. A precisão preditiva  $Q^2$  foi de 0.204, indicando uma relevância média do modelo estrutural para o construto *BEF*.

A análise de todos os valores de  $Q^2$  diferentes de zero para as variáveis latentes ( $Q^2$  *ATD* = 0.055;  $Q^2$  *CMP* = 0.095;  $Q^2$  *POS* = 0.104), indica que o modelo não é redundante e apresenta desempenho melhor que o modelo linear mais simples formado a partir das mesmas variáveis.

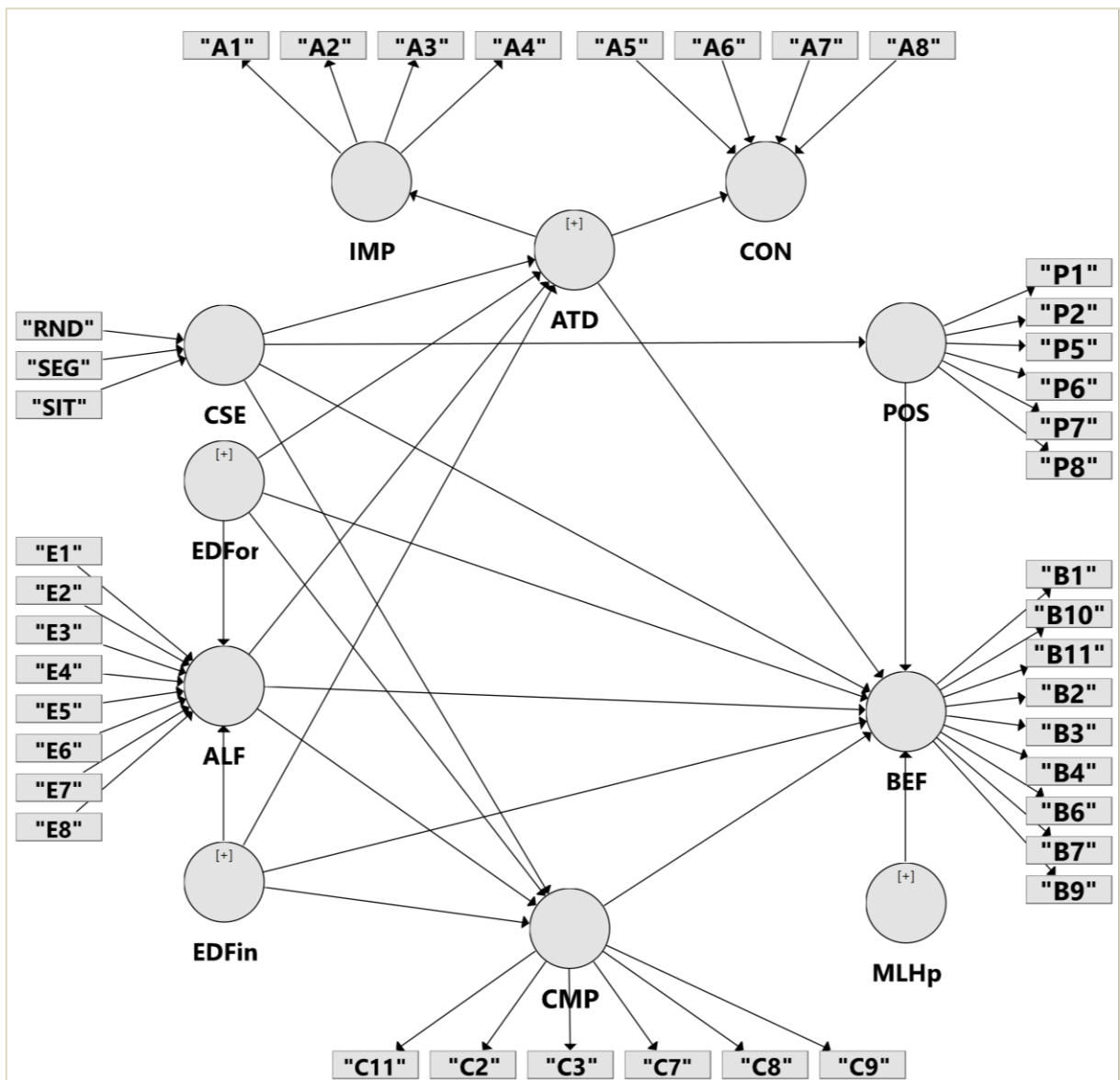
Para que a apresentação e a interpretação dos valores obtidos fiquem claras, os caminhos serão mostrados em forma de tabela, contendo valores dos coeficientes



de regressão ( $\beta$ ), de erros padrão e do tamanho do efeito ( $f^2$ ) e confrontados com as hipóteses da pesquisa. A significância estatística dos valores mensurados nos testes (p-valor) será colocada entre o símbolo de “||” para melhor visualização dos resultados.

O modelo estrutural, cujos coeficientes de correlação dos caminhos específicos e significâncias, está disponibilizado na Figura 9.

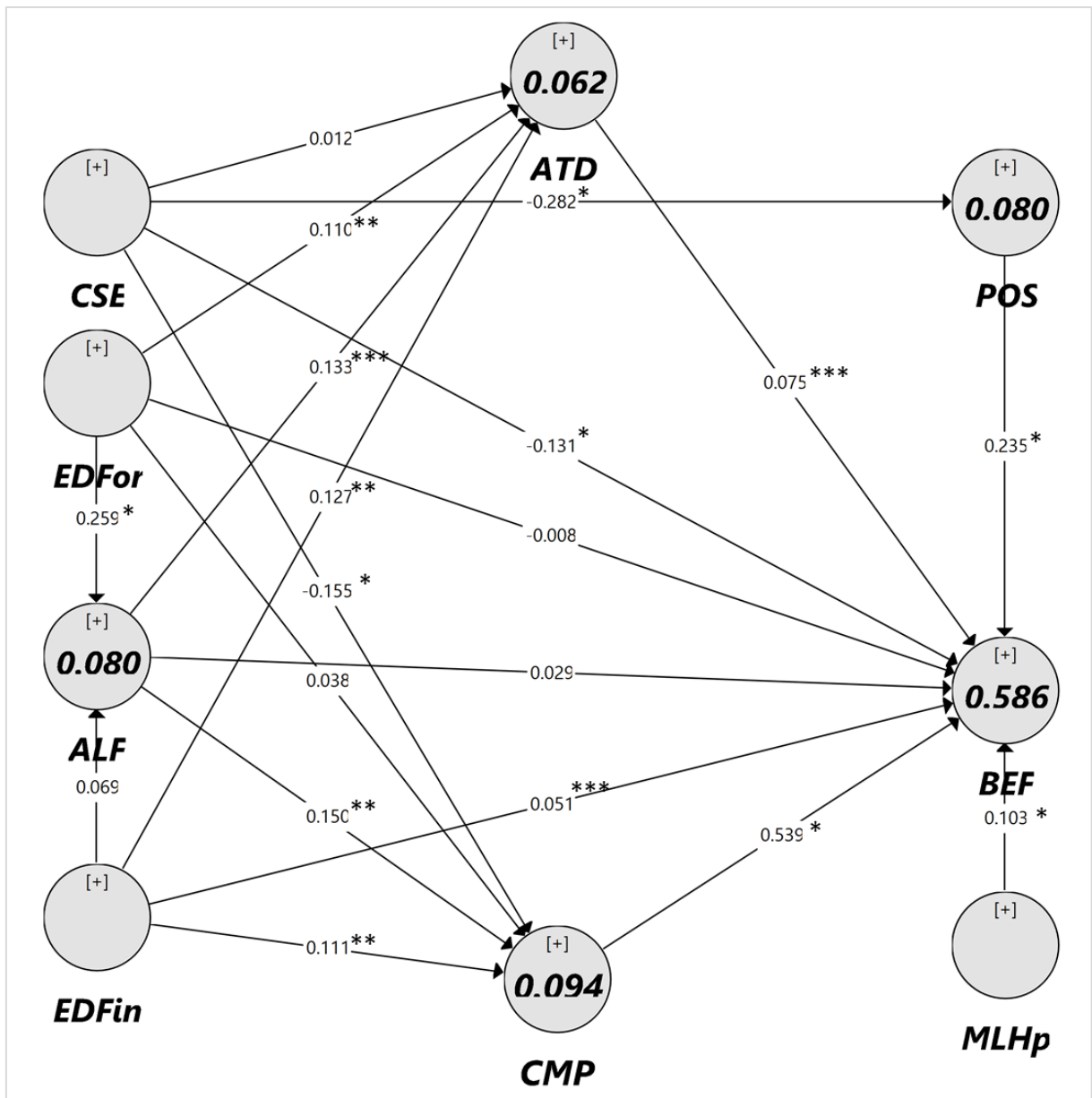
Figura 8 – Modelo estrutural final da pesquisa



Notas: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras.

Fonte: SmartPLS versão 3.3.3, modelo proposto pela autora (2021).

Figura 9 – Modelo estrutural final com coeficientes de correlação e significâncias



Nota 1: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras.

Nota 2: \* p-valor < 0,000; \*\* p-valor < 0,01; \*\*\* p-valor < 0,05.

Nota 3: valores de p-valor estimados por *bootstrapping* de 5000 repetições.

Fonte: SmartPLS versão 3.3.3, modelo proposto pela autora (2021).

Para análise das relações diretas do modelo, os caminhos, coeficientes de regressão, tamanhos de efeito e significâncias estão mostrados na Tabela 11.

Tabela 11 – Caminhos, coeficientes de regressão e tamanhos de efeito do modelo estrutural

RELAÇÕES ESTRUTURAIS	HIPÓTESES	$\beta$	p-valor	ERRO PADRÃO	$f^2$
<i>EDFin</i> -> <i>BEF</i>	H1 (+)	0.051	0.031	0.024	0.006
<i>EDFin</i> -> <i>ATD</i>	H2 (+)	0.127	0.000	0.033	0.016
<i>EDFin</i> -> <i>CMP</i>	H3 (+)	0.111	0.001	0.032	0.013
<i>EDFin</i> -> <i>ALF</i>	H4 (+)	0.069	0.034	0.032	0.005
<i>ALF</i> -> <i>BEF</i>	H5 (+)	0.029	0.235	0.024	0.002
<i>ALF</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	H6 (+)	0.010	0.045	0.005	NSA
<i>ALF</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	H7(+)	0.081	0.000	0.021	NSA
<i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	H8(+)	0.075	0.003	0.025	0.011
<i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	H9 (+)	0.539	0.000	0.022	0.511*
<i>EDFor</i> -> <i>BEF</i>	H10 (+)	-0.008	0.758	0.027	0.000
<i>EDFor</i> -> <i>ATD</i>	H11 (+)	0.110	0.005	0.039	0.010
<i>EDFor</i> -> <i>CMP</i>	H12 (+)	0.038	0.394	0.042	0.001
<i>EDFor</i> -> <i>ALF</i>	H13(+)	0.259	0.000	0.035	0.069**
<i>POS</i> -> <i>BEF</i>	H14 (+)	0.236	0.000	0.025	0.114*
<i>MLHp</i> -> <i>BEF</i>	H15 (+)	0.109	0.000	0.023	0.023**
<i>CSE</i> -> <i>BEF</i>	H16 (-)	-0.133	0.000	0.027	0.028**
<i>CSE</i> -> <i>ATD</i>	H17(-)	0.014	0.771	0.040	0.000
<i>CSE</i> -> <i>CMP</i>	H18 (-)	-0.157	0.000	0.039	0.020
<i>CSE</i> -> <i>POS</i>	H19 (-)	-0.282	0.000	0.034	0.087*

Nota 1: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM;  $f^2$  = tamanho do efeito.

Nota 3: \* p-valor < 0.000; \*\* p-valor < 0.01; \*\*\* p-valor < 0.05 (por *bootstrapping* de 5000 repetições).

Nota 4:  $f^2$  = NSA – não se aplica, para p-valores dos coeficientes de regressão > 0,05 e relações indiretas.

Nota 5: entre parênteses, correlações propostas para cada hipótese de acordo com a base teórico-empírica.

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

#### 4.3.3.1 Hipóteses 1, 2, 3 e 4

As primeiras relações estudadas apresentaram como foco o impacto que a participação em cursos de matemática financeira e áreas afins ocasiona diretamente nas percepções do bem-estar financeiro, nos hábitos considerados ótimos dos respondentes e nos níveis de alfabetização financeira.

Das 835 respostas analisadas, 327 indivíduos afirmaram ter participado de algum curso de educação financeira, finanças domésticas ou administração financeira, representando 39.16% do total (166 mulheres e 161 homens).

A participação em cursos de educação financeira apresenta correlação fraca e positiva com o bem-estar financeiro dos respondentes ( $\beta = 0.051$ ;  $||0.031||$ ;  $f^2 = 0.006$ ;  $||0.313||$ ), com as atitudes ( $\beta = 0.127$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.016$ ;  $||0.068||$ ), com comportamentos considerados ótimos ( $\beta = 0.030$ ;  $||0.445||$ ;  $f^2 = 0.013$ ;  $||0.099||$ ) e com o desempenho na avaliação da alfabetização financeira ( $\beta = 0.069$ ;  $||0.034||$ ;  $f^2 = 0.002$ ;  $||0.316||$ ).

Tais achados corroboram com pesquisas que afirmam que há correlação fraca e significativa entre intervenções em educação financeira com hábitos considerados ótimos e o nível de alfabetização financeira dos indivíduos (ARAÚJO e DE SOUZA, 2012; HASTINGS, MADRIAN e SKIMMYHORN, 2013; JONSSON, SÖDERBERG e WILHELMSSON, 2017; MESSY e MONTICONE, 2016; POTRICH, VIEIRA e KIRCH, 2016; WILLIAMS, 2007). A correlação existente entre a educação financeira específica e o bem-estar financeiro é, também, fraca e positiva, indicando que uma parcela significativa de respondentes, que atendeu a cursos na área, desfruta de bem-estar financeiro.

O atendimento aos cursos de educação financeira, entretanto, não possui força de impacto sobre esses fatores, isto é, não causa influência sobre seu desempenho.

Levando em consideração as relações diretas entre as variáveis, pode-se afirmar que H1, assim declarada: “A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causam efeito fraco e positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos”; H2, assim declarada: “A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causam efeito fraco e positivo sobre as atitudes financeiras dos indivíduos”; H3, assim declarada: “A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causam efeito fraco e positivo sobre o comportamento financeiro dos indivíduos”; e H4, assim declarada: “A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causam efeito fraco e positivo sobre o nível de alfabetização financeira dos indivíduos” foram corroboradas pelos achados empíricos desta pesquisa.

#### 4.3.3.2 Hipóteses 5, 6 e 7

O nível de alfabetização financeira dos indivíduos que participaram desta pesquisa não foi capaz de prever se os respondentes desfrutavam de bem-estar financeiro ( $\beta = 0.029$ ;  $||0.235||$ ).

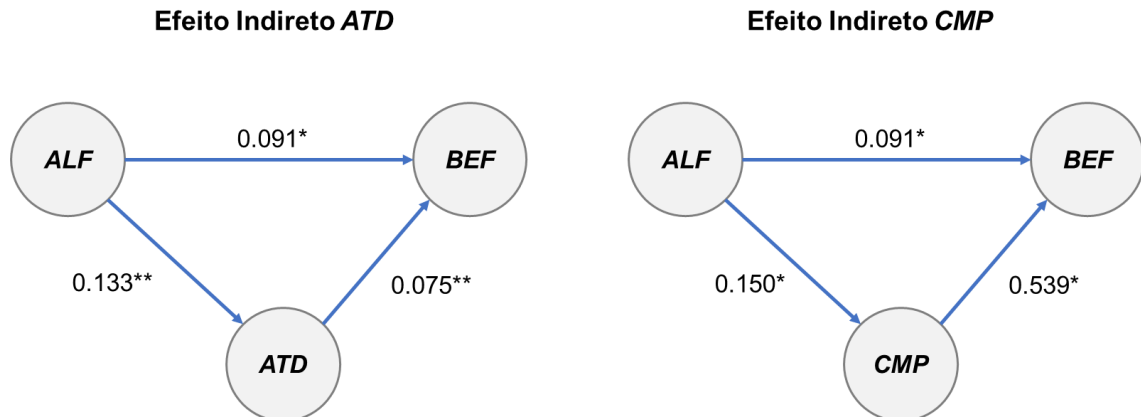
Esse resultado corrobora com pesquisas que afirmam que a influência dos acertos em provas sobre juros, diversificação e risco não garante que os indivíduos apresentem competências necessárias para engajar em hábitos financeiros considerados ótimos não é significativa (FERNANDES, LYNCH JR e NETEMEYER, 2014; WILLIS, 2011) e resulta na rejeição da hipótese H5: “A alfabetização financeira causa efeito direto fraco e positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos”.

Aprofundando a análise da relação entre alfabetização financeira e o bem-estar, propôs-se que esta relação fosse mediada por atitudes consideradas ótimas (HUSTON, 2010). A relação indireta resultou em correlação positiva com significância ( $\beta = 0.010$ ;  $||0.041||$ ), corroborando com H6: “A alfabetização financeira causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos quando mediado pelas atitudes financeiras”. A proposição de que a relação fosse mediada pelo comportamento (HUSTON, 2010), igualmente resultou em uma correlação positiva e significativa ( $\beta = 0.081$ ;  $||0.000||$ ), corroborando com H7: “A alfabetização financeira causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos quando mediado pelo comportamento financeiro”.

Os efeitos indiretos totais entre alfabetização financeira e bem-estar financeiros são fracos e positivos, porém significativos ( $\beta = 0.091$ ;  $||0.000||$ ).

As relações entre os efeitos indiretos específicos entre os construtos estão ilustradas na Figura 10.

Ao considerarmos todos os caminhos possíveis no modelo estrutural que passa pela variável *ALF* e seu efeito total positivo e significativo (Tabela 12) pode-se perceber que estes achados, aliados à rejeição de H5, evidenciam que o conhecimento de conceitos financeiros não é suficiente *per se*. Para que o bem-estar seja alcançado, há que se utilizar do patrimônio intelectual para engajar em hábitos considerados ótimos (HUSTON, 2010).

Figura 10 – Efeitos indiretos específicos da mediação entre a relação *ALF* -> *BEF*

Nota1: *ALF* – Alfabetização Financeira; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *ATD* – Atitude Financeira; *CMP* – Comportamento Financeiro.

Nota 2:\* p-valor < 0.000; \*\* p-valor < 0,01 (por *bootstrapping* de 5000 repetições)

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

Tabela 12 – Relações estruturais diretas, indiretas e totais entre *ALF* e *BEF*

EFEITOS	RELAÇÕES ESTRUTURAIS	$\beta$	ERRO PADRÃO	p-VALOR
DIRETO	<i>ALF</i> -> <i>BEF</i>	0.029	0.024	0.230
INDIRETO	<i>ALF</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	0.010	0.005	0.041
INDIRETO	<i>ALF</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	0.081	0.021	0.000
INDIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>ALF</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	0.001	0.001	0.176
INDIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>ALF</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	0.006	0.003	0.075
INDIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>ALF</i> -> <i>BEF</i>	0.002	0.002	0.324
INDIRETO	<i>EDFor</i> -> <i>ALF</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	0.003	0.001	0.054
INDIRETO	<i>EDFor</i> -> <i>ALF</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	0.021	0.006	0.001
INDIRETO	<i>EDFor</i> -> <i>ALF</i> -> <i>BEF</i>	0.007	0.006	0.246
TOTAL	<i>ALF</i> -> <i>BEF</i>	0.119	0.032	0.000

Nota 1: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM.

Nota 3: p-valor por *bootstrapping* de 5000 repetições.

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

#### 4.3.3.3 Hipóteses 8 e 9

Os resultados empíricos mostram que a atitude financeira se correlaciona com o bem-estar de forma fraca, positiva e significativa ( $\beta = 0.075$ ;  $||0.003||$ );  $f^2 = 0.011$ ;  $||0.152||$ ). A força com a qual a variável influencia a variável do bem-estar, entretanto, não é significativa, indicando que a crença em pessoas, instituições, governos e

políticas, e o domínio dos impulsos hedonistas aumentam os índices de bem-estar, mas não de forma impactante. Os achados corroboram com H8: “Atitudes financeiras consideradas ótimas causam efeitos positivos sobre o bem-estar financeiro”.

A correlação entre comportamentos e bem-estar ( $\beta = 0.539$   $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.511$   $||0.000||$ ), por sua vez, mostra que as ações, propriamente ditas, de gerenciar, organizar, poupar e monitorar são preditoras significativas fortes de que indivíduos que engajam em tais práticas usufruem de bem-estar financeiro, corroborando com H9 enunciada como: “Comportamentos financeiros considerados ótimos causam efeitos positivos sobre o bem-estar financeiro”.

#### 4.3.3.4 Hipóteses 10, 11, 12 e 13

Segundo Huston (2010), a alfabetização financeira é um patrimônio intelectual formado pelas capacidades mentais e pela educação financeira. Na condução desse trabalho, na impossibilidade de aplicar um teste de quociente de inteligência ou de aptidões mentais, o nível de educação formal foi utilizado para mensurar as capacidades mentais, buscando verificar a influência desses conhecimentos teóricos aprendidos formalmente nos hábitos dos respondentes.

Os achados empíricos deste trabalho mostram uma correlação positiva, significativa e de força de impacto moderada entre os níveis de educação formal e o nível de alfabetização financeira ( $\beta = 0.259$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.069$ ;  $||0.000||$ ), corroborando com a hipótese H10, assim declarada: “O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos diretos no nível de alfabetização financeira dos indivíduos”. Este resultado corrobora os achados de pesquisas recentes que afirmam que a qualidade da educação formal é um grande fator de influência nos níveis de alfabetização financeira (ARORA, 2016; KARAKURUM-OZDEMIR, KOKKIZIL E UYSAL, 2019; NANZINI E LEIBBRANDT, 2018; SHUSHA, 2017).

O nível de educação formal dos respondentes como causador de bem-estar financeiro resultou em uma correlação negativa não significativa ( $\beta = -0.008$ ;  $||0.758||$ ) e na rejeição da hipótese H11, assim declarada: “O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeito positivo direto no bem-estar financeiro”.

Dela Coleta e Dela Coleta (2005) afirmaram que a concepção de bem-estar percebido passa prioritariamente pela satisfação das exigências relativas a dimensões como saúde, amizades, amor, dinheiro, trabalho e realizações. E que tais demandas são frutos da especificidade da análise particular comparativa de expectativas atendidas e não atendidas. Nesse aspecto, a expectativa de que o aumento da escolaridade conduza suavemente ao caminho do bem-estar financeiro pode não estar sendo atendida para quem tem maiores níveis de educação formal.

Choi et al. (2020) apontaram que pessoas com alto nível de formação acadêmica, que recebem salários que consideram baixos, ou seja, que se autoavaliam em situação de subemprego, também tendem a avaliar que a sua expectativa de sucesso não está sendo atendida.

O achado empírico desse trabalho, associado à discussão teórica de Dela Coleta, Dela Coleta (2005) e Choi et al. (2020), levou à análise *post hoc* da relação entre *EDFor* e *POS*, para verificar se a insatisfação pode estar acontecendo em múltiplas dimensões e não somente na monetária. A correlação negativa significativa ( $\beta = -0.128$ ;  $||0.001||$ ;  $f^2 = 0.007$ ;  $||0.226||$ ) entre níveis de educação formal e positividade, que avalia otimismo, autoestima e satisfação com a vida, corrobora com os achados empíricos de correlação negativa entre a educação formal e o bem-estar financeiro percebido.

A correlação entre o nível de educação formal e a atitude financeira foi positiva e significativa ( $\beta = 0.110$ ;  $||0.005||$ ;  $f^2 = 0.010$ ;  $||0.189||$ ), corroborando com H12: “O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos direto nas atitudes financeiras dos indivíduos”. Entre educação formal e comportamento, entretanto, não foi observada correlação significativa ( $\beta = 0,038$ ;  $||0.394||$ ), resultando na rejeição de H13: “O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos diretos no comportamento financeiro dos indivíduos”. Diferentemente da declaração feita em H13, maior educação formal não faz com que os sujeitos se tornem mais interessados no gerenciamento de suas finanças. Contudo, tal achado corrobora empiricamente com H5, isto é, o conhecimento da teoria e o aumento do capital intelectual, sem engajamento em comportamentos ótimos, não é capaz de predizer se um indivíduo desfrutará de bem-estar financeiro, nem mesmo entre acadêmicos (HENSLEY, JURGENSON e FERRIS, 2017).



Através da observação destes resultados, afirma-se que o aumento dos níveis de educação formal pode resultar em alterações positivas acerca de crenças, em organizações bancárias, seus serviços e nas pessoas, e na frenagem de atitudes impulsivas em relação ao dinheiro, mas não resulta em mudanças no comportamento financeiro dos respondentes acerca do gerenciamento das suas receitas, despesas e investimentos cotidianos.

#### 4.3.3.5 Hipóteses 14 e 15

A análise das correlações entre aspectos subjetivos como a positividade ( $\beta = 0.236$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.114$ ;  $||0.000||$ ) e a melhoria financeira histórica percebida ( $\beta = 0.109$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.023$ ;  $||0.019||$ ) com o bem-estar financeiro mostra que a relação causal é positiva, significativa e possui força moderada, corroborando com as hipóteses declaradas em H14: “A positividade influencia positivamente o bem-estar financeiro dos indivíduos” e H15: “A percepção de melhoria financeira histórica influencia positivamente no bem-estar financeiro dos indivíduos”.

A força da correlação positiva indica que o bem-estar percebido está sujeito a uma análise mental profunda na qual os indivíduos comparam sua situação financeira atual com a vivida na infância, estabelecendo uma espécie de ponto de referência. Quando há melhoria percebida do padrão de vida com o passar do tempo, há aumento do bem-estar percebido.

A correlação moderada e significativa entre bem-estar percebido e positividade indica que a característica de ser positivo e encarar a vida de forma otimista e com alegria é impulsionadora de bem-estar financeiro, isto é, pessoas mais otimistas, com maior autoestima e maior satisfação com a vida, tendem a apresentar maiores níveis de bem-estar financeiro.

#### 4.3.3.6 Hipóteses 16, 17, 18 e 19

O estresse vivido pelas condições socioeconômicas, como emprego, renda e segurança, está correlacionado direta, negativa e significativamente com o bem-estar financeiro ( $\beta = -0.133$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.0284$ ;  $||0.014||$ ), corroborando com a Hipótese 16: “Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e

renda, são negativamente correlacionadas ao bem-estar financeiro dos indivíduos”. Quando a positividade é moderadora da relação entre condições socioeconômicas estressoras e o bem-estar financeiro ( $\beta = -0.077$ ;  $||0.000||$ ), destaca-se a importância da positividade na amenização das percepções dos desconfortos causados pelas adversidades e a importância empírica do construto da positividade na formação do bem-estar financeiro dos indivíduos.

As condições socioeconômicas estressoras não são suficientes para impactar na forma com a qual os indivíduos encaram suas crenças e impulsos. Situações como desemprego e ausência de renda não resultaram no engajamento em atitudes consideradas ótimas, uma vez que estas são, principalmente, consequências dos impulsos e crenças subjetivos (BENTLER e SPECKART, 1979). Tal constatação empírica ( $\beta = 0.014$ ;  $||0.771||$ ) causa a rejeição de H17 que afirmava que “Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são inversamente correlacionadas às atitudes financeiras dos indivíduos”.

Quando o impacto de condições como insegurança na renda, situação de emprego/desemprego e renda sobre comportamentos financeiros é analisado, nota-se um impacto negativo e significativo ( $\beta = -0.157$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.020$ ;  $||0.078||$ ), mostrando que o aumento de condições estressoras, isto é, a diminuição de conforto financeiro, causa alterações na forma como as pessoas gerenciam, monitoram e tomam decisões ponderadas em relação ao dinheiro.

As condições estressoras afetam negativa e significativamente na positividade dos respondentes com força moderada ( $\beta = -0.282$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.114$ ;  $||0.002||$ ). Situações de desemprego, subemprego e ausência de renda estão inversamente conectadas aos sentimentos de otimismo, autoestima e satisfação com a vida, de modo que o aumento de insegurança financeira acarreta na degradação da qualidade de vida destes indivíduos de forma ampla.

#### 4.4 ANÁLISES POST HOC

Devido à riqueza do banco de dados, foi possível realizar análises adicionais e relevantes para o entendimento dos influenciadores do construto de bem-estar financeiro.

#### 4.4.1 Relações Indiretas e Totais de *EDFor* e *EDFin* sobre *BEF*

Willis (2011), ao tecer uma crítica ao empenho das organizações em realizar campanhas para o aumento da educação financeira e à inclusão bancária dos indivíduos, faz um apelo à profissionalização, alegando que o ensino de matemática financeira, produtos financeiros e demais serviços serve somente para o aumento de clientes e de arrecadação por parte dos interessados.

Diante disso, realiza-se o primeiro questionamento *post hoc* desta pesquisa: a profissionalização, através do aumento de educação formal dos indivíduos, é suficiente para garantir uma vida de bem-estar financeiro?

Para responder a esse questionamento, as relações estruturais diretas, indiretas e totais entre a variável *EDFor* e *BEF* foram analisadas (Tabela 13).

Para o banco de dados analisado, a resposta à pergunta é não. Não há correlação total, que indique que o aumento do nível de educação formal, mediada pela atitude ou pelo comportamento, resulte em bem-estar financeiro. Curiosamente, a relação mediada pela positividade é significativa e negativa, pelos motivos já considerados no item 4.2.3.5. No total, não há efeito de *EdFor* sobre *BEF*.

Tabela 13 – Relações estruturais diretas, indiretas e totais entre *EDFor* e *BEF*

EFEITOS	RELAÇÕES ESTRUTURAIS	$\beta$	ERRO PADRÃO	p-VALOR
DIRETO	<i>EDFor</i> -> <i>BEF</i>	-0.008	0.027	0.7570
INDIRETO	<i>EDFor</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	0.008	0.004	0.046
INDIRETO	<i>EDFor</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	0.020	0.021	0.364
INDIRETO	<i>EDFor</i> -> <i>POS</i> -> <i>BEF</i>	-0.030	0.010	0.003
TOTAL	<i>EDFor</i> -> <i>BEF</i>	-0.021	0.037	0.568

Nota 1: *EDFor* – Nível de Educação Formal; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *CMP* – Comportamento Financeiro; *POS* – Positividade.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM.

Nota 3: p-valor por *bootstrapping* de 5000 repetições.

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

O segundo questionamento *post hoc* é uma derivação do primeiro: fazer com que os indivíduos participem de cursos de educação financeira, sem se importar com sua educação formal, é suficiente para que engajem em hábitos ótimos e garantam uma vida de bem-estar?

Para responder a esse questionamento foram analisadas as relações estruturais diretas, indiretas e totais entre a variável *EDFin* e *BEF* (Tabela 14).

Tabela 14 – Relações estruturais diretas, indiretas e totais de *EDFin* e *BEF*

EFEITOS	CAMINHOS	$\beta$	ERRO PADRÃO	p-VALOR
DIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>BEF</i>	0.051	0.023	0.028
INDIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	0.010	0.003	0.016
INDIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	0.060	0.017	0.001
INDIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>POS</i> -> <i>BEF</i>	0.019	0.008	0.024
TOTAL	<i>EDFin</i> -> <i>BEF</i>	0.148	0.030	0.000

Nota 1: *EDFin* – Educação Financeira; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *CMP* – Comportamento Financeiro; *POS* – Positividade.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM.

Nota 3: p-valor por *bootstrapping* de 5000 repetições.

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

Analisando as regressões, pode-se perceber que, independentemente da escolaridade, indivíduos que realizaram cursos de matemática financeira, administração financeira ou economia doméstica indicaram uma correlação total positiva e significativa ( $\beta = 0.148$ ;  $||0.000||$ ) com o bem-estar financeiro mediada pela positividade e pelos hábitos considerados ótimos.

A análise indica que a realização de cursos para o aumento da educação financeira causou, em um número significativo de indivíduos, o aumento da autoestima, do otimismo e da satisfação e esses fatores, aliados à mudança de hábitos, impulsionaram as alterações no modo com o qual eles perceberam seu bem-estar financeiro. A participação dos respondentes em cursos de educação financeira foi preditora significativa do bem-estar financeiro destes indivíduos.

#### 4.4.2 Análise Multigrupo

Os resultados da análise de influências das diversas variáveis analisadas pela técnica PLS-SEM em variáveis dependentes podem ser alterados de acordo com a heterogeneidade da amostra. Chin e Dibbern (2010) destacaram que ignorar a

heterogeneidade pode fazer com que as conclusões da pesquisa sejam questionáveis.

A análise multigrupo (MGA) é uma abordagem utilizada para resolver este interesse. A subdivisão da amostra em grupos e a análise da regressão executada separadamente para cada grupo fornece uma relação estrutural única que permite a análise da moderação da variável agrupada. Em síntese, a análise multigrupos oferece uma imagem completa da influência de moderadores nos resultados da análise que, por sua natureza, analisa o seu impacto em todos os relacionamentos modelados (CHEAH, THURASAMY, MEMON, CHUAH e TING, 2020; HAIR JR, HULT, RINGLE e SARSTEDT, 2016).

#### 4.4.2.1 Gênero como variável moderadora

Lusardi e Mitchell (2008) apontaram que as mulheres tendem a engajar menos em hábitos considerados ótimos devido aos baixos índices de alfabetização financeira, ocasionando em falta de planejamento com o futuro e insegurança financeira quando estas atingirem a terceira idade.

Entender quais são as variáveis que definem o bem-estar financeiro é importante porque as faixas salariais das mulheres respondentes são menores, sua escolaridade é mais baixa e sua expectativa de vida é cerca de 8 anos a mais que a dos homens<sup>11</sup>.

O terceiro questionamento *post hoc* levanta a seguinte questão: as variáveis formadoras do bem-estar financeiro e as relações estruturais existentes no modelo são alteradas quanto ao gênero?

A moderação pelo gênero foi conduzida para analisar se as diferenças demográficas e socioeconômicas para cada grupo, descritas no item 4.1, podem exercer alguma influência na percepção de bem-estar financeiro de respondentes do sexo feminino e do masculino.

Na Figura 11, são mostrados os resultados da plotagem e as linhas de tendência das oito variáveis latentes que compõem *BEF*, de acordo com as respostas de cada grupo.

<sup>11</sup> Em 2019, expectativa de vida brasileira era de 76,6 anos. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos#:~:text=Uma%20pessoa%20nascida%20no%20Brasil,9%20para%2080%2C1%20anos>. Acesso em: 20/05/2021.

Aparentemente, a influência de todas as variáveis sobre o bem-estar financeiro é mais fortemente percebida por respondentes do sexo masculino, uma vez que as retas plotadas para este gênero apresentam maior inclinação, sejam crescentes, sejam decrescentes. Para verificar se as diferenças visualmente observadas são significativas estatisticamente a ponto de impactar os coeficientes de regressão para cada variável, cada grupo foi analisado por PLS-SEM e suas diferenças foram comparadas.

Figura 11 – Plotagem de BEF versus variáveis latentes por gênero

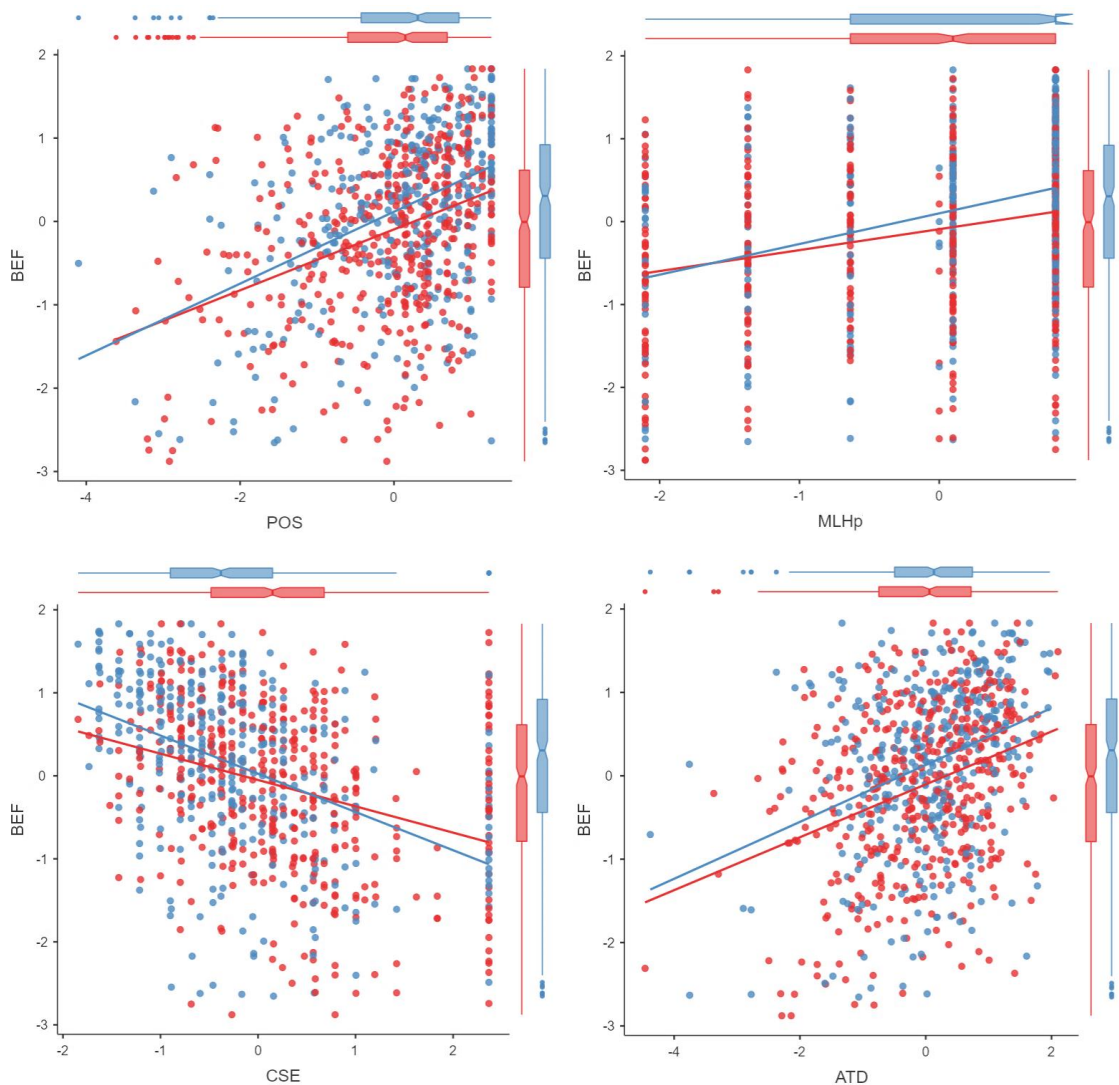
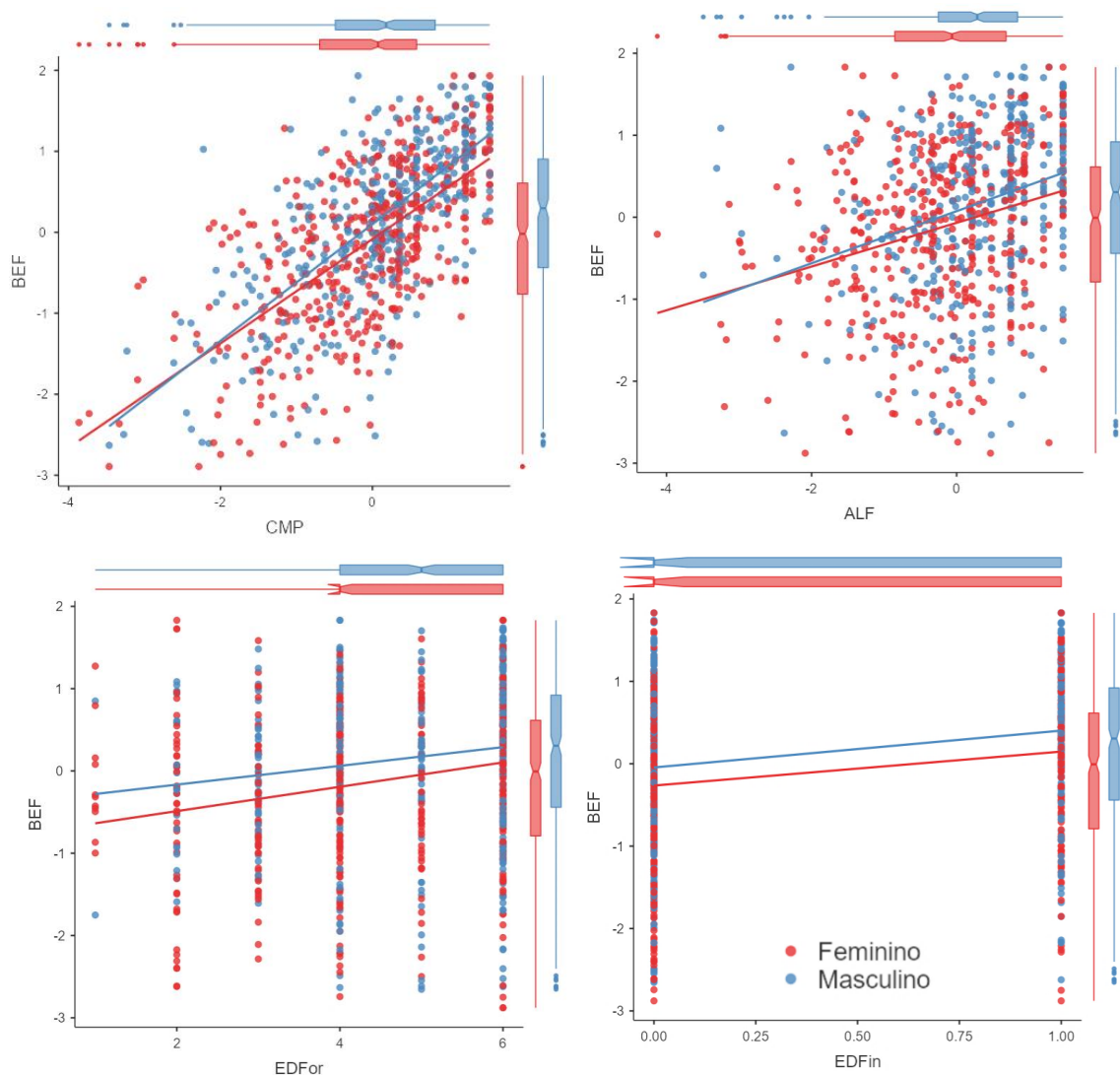


Figura 11 (continuação) – Plotagem de BEF versus variáveis latentes para mulheres e homens



Nota 1: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras.

Nota 2: em todos os gráficos, vermelho: feminino, azul: masculino.

Nota 3: plotagens a partir da análise do banco de dados completo. As variáveis latentes analisadas foram originadas pelo software SmartPLS versão 3.3.3.

Nota 4: acima e ao lado direito de cada gráfico, *boxplots* que evidenciam distribuição e *outliers*.

Fonte: resultados obtidos pelo software JASP, versão 0.14.1 a partir dos dados da pesquisa, 2021.

As relações estruturais significativas de cada grupo, juntamente com a análise da significância da diferença entre os coeficientes de regressão, estão pormenorizadas na Tabela 15.

De acordo com os resultados obtidos, o gênero é variável moderadora para a relação entre condições socioeconômicas estressoras e comportamento financeiro,

uma vez que a diferença só é significativamente relevante para respondentes do sexo masculino ( $\beta = -0.255$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.058$ ;  $||0.023||$ ). A diferença dos coeficientes de regressão desta relação estrutural entre os dois grupos é significativa ( $\beta (\text{♀}) - \beta (\text{♂}) = 0.170$ ;  $||0.035||$ ).

A análise dos coeficientes de correlação e das significâncias mostram as relações causais entre as variáveis preditoras e o bem-estar percebido é estatisticamente igual entre os gêneros, com exceção da relação entre condições estressoras e positividade.

Interessante notar que os coeficientes  $\beta$  da maior parte das variáveis que se correlacionam com *BEF* apresenta maior intensidade para respondentes do sexo masculino. Uma explicação para isso pode estar na teoria do papel de gênero, a qual afirma que papéis familiares, como mãe e cônjuge são mais centrais para a identidade das mulheres, enquanto papéis de trabalho e finanças, como provedores principais de sustento da família, são mais centrais para os homens (GAUNT e BENJAMIN, 2007). De acordo com essa teoria, portanto, os homens teriam percepções subjetivas mais acentuadas em temas relativos a finanças e estresse financeiro que as mulheres.

O achado de moderação *post hoc* significativa para a relação *CSE*  $\rightarrow$  *CMP* pelo gênero causa a modificação do efeito total nas relações causais do construto *BEF* que partem da variável *CSE* e implicam na aceitação parcial da hipótese 18 quando moderada pelo gênero, uma vez que é aceita para respondentes do sexo masculino e rejeitada para respondentes do sexo feminino.

O efeito total da relação entre *CSE*  $\rightarrow$  *BEF* se encontra na Tabela 16. Como resultado, o índice de ajuste  $R^2$  para respondentes do sexo feminino ( $R^2$  ajustado (♀) = 0.531;  $||0.000||$ ) e para os do sexo masculino ( $R^2$  ajustado (♂) = 0.629;  $||0.000||$ ) são significativamente diferentes ( $R^2$  ajustado (♀) –  $R^2$  ajustado (♂) = -0.098;  $||0.035||$ ).



Tabela 15 – Relações estruturais, testes de hipóteses, coeficientes de regressão e tamanho do efeito, por gênero

RELAÇÕES ESTRUTURAIS	HIPÓTESES	$\beta$ (♀)	$f^2$ (♀)	$\beta$ (♂)	$f^2$ (♂)	$\beta$ (♀) - $\beta$ (♂)
<i>EDFin</i> -> <i>BEF</i>	H1 (+)	0.044	NSA	0.059	NSA	-0.016
<i>EDFin</i> -> <i>ATD</i>	H2 (+)	0.176*	0.032***	0.059	NSA	0.118
<i>EDFin</i> -> <i>CMP</i>	H3 (+)	0.122*	0.015	0.097	NSA	0.025
<i>EDFin</i> -> <i>ALF</i>	H4 (+)	0.266*	0.007	0.217*	0.001	0.051
<i>ALF</i> -> <i>BEF</i>	H5 (+)	-0.005	NSA	0.072	NSA	-0.077
<i>ALF</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	H6 (+)	0.012	NSA	0.007	NSA	-0.019
<i>ALF</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	H7(+)	0.084**	NSA	0.082**	NSA	0.006
<i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	H8(+)	0.086***	0.012	0.061	NSA	0.025
<i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	H9 (+)	0.529*	0.438*	0.557*	0.624*	-0.028
<i>EDFor</i> -> <i>ALF</i>	H10(+)	0.266*	0.074**	0.217*	0.047	0.049
<i>EDFor</i> -> <i>BEF</i>	H11 (+)	0.024	NSA	-0.049	NSA	0.073
<i>EDFor</i> -> <i>ATD</i>	H12 (+)	0.135***	0.015	0.069	NSA	0.066
<i>EDFor</i> -> <i>CMP</i>	H13 (+)	0.082	NSA	-0.032	NSA	0.115
<i>POS</i> -> <i>BEF</i>	H14 (+)	0.232*	0.101**	0.247*	0.141**	-0.015
<i>MLHp</i> -> <i>BEF</i>	H15 (+)	0.110**	0.024	0.086**	0.017	0.024
<i>CSE</i> -> <i>BEF</i>	H16 (-)	-0.098***	0.015	-0.159*	0.046	0.061
<i>CSE</i> -> <i>ATD</i>	H17(-)	0.053	NSA	-0.046	NSA	0.099
<i>CSE</i> -> <i>CMP</i>	H18 (-)	-0.085	NSA	-0.256*	0.058***	<b>0.170***</b>
<i>CSE</i> -> <i>POS</i>	H19 (-)	-0.292*	0.073**	-0.352*	0.111**	0.060

Nota 1: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM;  $f^2$  = tamanho do efeito.

Nota 3: \* p-valor < 0.000; \*\* p-valor < 0.01; \*\*\* p-valor < 0.05 (por *bootstrapping* de 5000 repetições).

Nota 4:  $f^2$  = NSA – não se aplica, para p-valores dos coeficientes de regressão > 0,05 e relações indiretas.

Nota 5: entre parênteses, correlações propostas para cada hipótese de acordo com a base teórico-empírica.

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

Tabela 16 – Efeitos da relação estrutural entre *CSE* e *BEF* moderados pelo gênero

EFEITOS	RELAÇÕES ESTRUTURAIS	$\beta$ (♀)	$\beta$ (♂)	$\beta$ (♀) - $\beta$ (♂)
DIRETO	<i>CSE</i> -> <i>BEF</i>	-0.098***	-0.159*	0.061
INDIRETO	<i>CSE</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	-0.045	-0.142*	0.097***
INDIRETO	<i>CSE</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	0.005	-0.003	0.007
INDIRETO	<i>CSE</i> -> <i>POS</i> -> <i>BEF</i>	-0.068*	-0.088*	0.019
TOTAL	<i>CSE</i> -> <i>BEF</i>	-0.208*	-0.393*	0.185**

Nota 1: *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *POS* – Positividade; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS-SEM.

Nota 3: \* p-valor < 0.000; \*\* p-valor < 0,01; \*\*\* p-valor < 0.05 (por *bootstrapping* de 5000 repetições).

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

#### 4.4.2.2 Impacto causado pelo subemprego

Choi et al. (2020) estudaram as correlações mediadas pela renda existentes entre bem-estar percebido e insegurança no trabalho, afirmando que, quanto maior a insegurança, maiores os problemas financeiros e os níveis de estresse, menor a percepção de bem-estar. Além disso, encontraram indícios de que as manifestações de estresse são maiores em indivíduos com alta escolaridade e baixa renda – os subempregados.

Mesmo embora uma relação empírica negativa entre bem-estar financeiro percebido e condições socioeconômicas estressoras tenha sido corroborada por esta pesquisa (H16), análises adicionais foram realizadas para verificar a presença de variações significativas nos índices de correlação causadas pelo subemprego.

Para esta análise, propôs-se divisão da amostra em dois grupos com renda até R\$ 2000.00. O primeiro grupo, *G\_1*, engloba 107 indivíduos de baixa renda (até R\$ 2000.00) e baixa escolaridade (até ensino superior incompleto). O segundo grupo, *G\_2* é formado por 113 indivíduos de baixa renda (até R\$ 2000.00) e alta escolaridade (ensino superior completo ou maior), em situação de subemprego. O valor de R\$ 2000.00 de renda foi escolhido para que a ferramenta realizasse os cálculos, uma vez que homogeneidade numérica é parâmetro importante para a análise.

Além destes, foram ainda selecionados outros dois grupos: *G\_3*, formado por 249 indivíduos com ensino superior (graduação ou pós-graduação) e renda entre R\$ 2001.00 e R\$ 5000.00, e *G\_4*, com 262 indivíduos com ensino superior (graduação ou pós-graduação) e renda entre R\$ 5001.00 e R\$ 20000.00. A Tabela 21 mostra a relação de escolaridade dos indivíduos, *EDFor*, e a participação em cursos de matemática financeira, *EDFin*, classificadas pela renda, *RND*. Os grupos analisados encontram-se destacados na Tabela 17.

Tabela 17 – Tabela de contingência *EDFor* (*EDFin*) x *RND*

<i>EDFor</i> ( <i>EDFin</i> )	<i>RND</i>										
	Sem renda	Até 500	De 501 a 1001	De 1001 a 2000	De 2001 a 3000	De 3001 a 5000	De 5001 a 10000	De 10001 a 20000	De 20001 a 100000	Missing	Total
	<b>G_1</b>										
Até Ensino Fundamental Completo	3 (0)	1 (0)	0 (0)	7 (2)	1 (0)	1 (0)	0	0	0	0	13 (2)
Ensino Médio ou Técnico Completo	8 (0)	2 (0)	7 (0)	17 (1)	19 (1)	8 (3)	3 (1)	1 (1)	1 (0)	0	66 (7)
Ensino Superior Incompleto	21 (5)	3 (1)	8 (0)	30 (6)	16 (3)	13 (2)	5 (1)	1 (0)	0	0	97 (19)
	<b>G_2</b>			<b>G_3</b>		<b>G_4</b>					
Ensino Superior Completo	19 (7)	0 (0)	4 (2)	35 (16)	50 (26)	48 (18)	38 (18)	11 (1)	8 (3)	2 (1)	215 (91)
Pós-Graduação Incompleta	6 (1)	1 (0)	2 (0)	13 (11)	16 (10)	25 (12)	24 (9)	9 (6)	0	1 (0)	97 (42)
Pós-Graduação Completa	11 (3)	1 (0)	1 (0)	20 (9)	36 (15)	74 (39)	107 (52)	73 (36)	23 (15)	1 (1)	347 (166)
Total	68	8	22	122	138	169	177	95	32	4	835

Nota1: *G\_1*: respondentes com renda até R\$ 2000 e escolaridade até Ensino Superior Incompleto; *G\_2*: respondentes com renda até R\$ 2000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior; *G\_3*: respondentes com renda superior a R\$ 2000 e inferior a R\$ 5000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior; *G\_4*: respondentes com renda superior a R\$ 5000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior; *EDFor* – Nível de Educação Formal; *RND* – Renda; entre parênteses, indivíduos do grupo que realizaram algum curso de Educação Financeira (*EDFin*).

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software JASP versão 0.14.1, 2021.

As relações estruturais significativas de cada grupo, juntamente com a análise da significância da diferença entre os coeficientes de regressão, estão pormenorizadas nas Tabelas 18 e 21.

A análise dos resultados mostra que a separação do grupo com renda abaixo de R\$ 2000.00 apresenta correlações que detalham e enriquecem a análise das hipóteses da pesquisa.

Tabela 18 – Relações estruturais, testes de hipóteses, coeficientes de regressão e tamanho do efeito dos grupos  $G_1$  e  $G_2$

RELAÇÕES ESTRUTURAIS	HIPÓTESES	$\beta(G_1)$	$f^2(G_1)$	$\beta(G_2)$	$f^2(G_2)$	$\beta(G_1)-\beta(G_2)$
<i>EDFin</i> -> <i>BEF</i>	H1 (+)	-0.019	NSA	0.013	NSA	-0.032
<i>EDFin</i> -> <i>ATD</i>	H2 (+)	0.107	NSA	0.317*	0.113	0.089
<i>EDFin</i> -> <i>CMP</i>	H3 (+)	0.115	NSA	0.161***	0.014	-0.045
<i>EDFin</i> -> <i>ALF</i>	H4 (+)	-0.096	NSA	-0.010	NSA	0.110
<i>ALF</i> -> <i>BEF</i>	H5 (+)	-0.016	NSA	-0.019	NSA	0.002
<i>ALF</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	H6 (+)	0.008	NSA	0.003	NSA	0.005
<i>ALF</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	H7(+)	0.68**	NSA	0.043	NSA	0.125
<i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	H8(+)	0.079	NSA	0.038	NSA	0.040
<i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	H9 (+)	0.617*	0.603**	0.544*	0.447**	0.073
<i>EDFor</i> -> <i>ALF</i>	H10(+)	0.177***	0.032	0.068	NSA	0.110
<i>EDFor</i> -> <i>BEF</i>	H11 (+)	0.101	NSA	0.079	NSA	0.022
<i>EDFor</i> -> <i>ATD</i>	H12 (+)	0.247	NSA	0.158	NSA	0.089
<i>EDFor</i> -> <i>CMP</i>	H13 (+)	-0.021	NSA	0.071	NSA	-0.092
<i>POS</i> -> <i>BEF</i>	H14 (+)	0.356*	0.236**	0.330*	0.202***	0.025
<i>MLHp</i> -> <i>BEF</i>	H15 (+)	-0.026	NSA	0.114	NSA	-0.140
<i>CSE</i> -> <i>BEF</i>	H16 (-)	0.019	NSA	0.107	NSA	-0.087
<i>CSE</i> -> <i>ATD</i>	H17(-)	-0.003	NSA	-0.042	NSA	0.039
<i>CSE</i> -> <i>CMP</i>	H18 (-)	0.055	NSA	-0.014	NSA	0.070
<i>CSE</i> -> <i>POS</i>	H19 (-)	-0.056	NSA	-0.184	NSA	0.129

Nota 1: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras;  $G_1$ : respondentes com renda até R\$ 2000 e escolaridade até Ensino Superior Incompleto;  $G_2$ : respondentes com renda até R\$ 2000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM;  $f^2$  = tamanho do efeito.

Nota 3: \* p-valor < 0.000; \*\* p-valor < 0,01; \*\*\* p-valor < 0.05 (por *bootstrapping* de 5000 repetições).

Nota 4:  $f^2$  = NSA – não se aplica, para p-valores dos coeficientes de regressão > 0,05 e relações indiretas.

Nota 5: entre parênteses, correlações propostas para cada hipótese de acordo com a base teórico-empírica.

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

Para o grupo com baixa renda e baixa escolaridade,  $G_1$ , são aspectos formadores diretos do bem-estar financeiro somente o comportamento financeiro ( $\beta = 0.617$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.603$ ;  $||0.003||$ ) e a positividade ( $\beta = 0.356$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.236$ ;  $||0.021||$ ), sendo muito importante destacar que a participação em cursos de educação financeira não apresenta correlação com o bem-estar financeiro para este grupo.

No grupo  $G_1$ , o coeficiente da correlação entre alfabetização e bem-estar financeiro é positivo e significativo apenas quando a relação é mediada pelo comportamento financeiro ( $\beta = 0.168$ ;  $||0.005||$ ). Essa relação é suficientemente forte para resultar em uma correlação total positiva e significativa entre essas variáveis (Tabela 19).

O ajustamento do modelo de caminhos para este grupo resultou em um valor de  $R^2$  ajustado de 0.514;  $||0.000||$ .

Tabela 19 – Efeitos da relação estrutural entre *ALF* e *BEF* moderados pelos hábitos financeiros para o grupo *G\_1*

EFEITOS	RELAÇÕES ESTRUTURAIS	$\beta$	ERRO PADRÃO	p-VALOR
DIRETO	<i>ALF -&gt; BEF</i>	-0.016	0.058	0.779
INDIRETO	<i>ALF -&gt; ATD -&gt; BEF</i>	0.008	0.011	0.459
INDIRETO	<i>ALF -&gt; CMP -&gt; BEF</i>	0.168	0.058	0.004
TOTAL	<i>ALF -&gt; BEF</i>	0.159	0.083	0.003

Nota 1: *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *G\_1*: respondentes com renda até R\$ 2000 e escolaridade até Ensino Superior Incompleto.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM.

Nota 3: \* p-valor < 0.000; \*\* p-valor < 0,01; \*\*\* p-valor < 0.05 (por *bootstrapping* de 5000 repetições).

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

Para o grupo com baixa renda e alta escolaridade *G\_2*, os subempregados, são aspectos formadores diretos do bem-estar financeiro, igualmente, o comportamento financeiro ( $\beta = 0.544$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.447$ ;  $||0.002||$ ) e a positividade ( $\beta = 0.350$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.202$ ;  $||0.049||$ ).

O estudo da moderação da relação entre a participação em cursos de educação financeira, *EDFin*, e o bem-estar financeiro, *BEF*, pelos hábitos financeiros está descrito na Tabela 20.

As correlações significativas entre a variável *EDFin* e as atitudes financeiras consideradas ótimas, *ATD* ( $\beta = 0.317$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.113$ ;  $||0.117||$ ) e o comportamento financeiro, *CMP* ( $\beta = 0.161$ ;  $||0.049||$ ;  $f^2 = 0.026$ ;  $||0.376||$ ) não apresenta efeito total significativo capaz de impactar o bem-estar financeiro ( $\beta = 0.140$ ;  $||0.127||$ ). O ajustamento do modelo de caminhos para este grupo resultou em um valor de  $R^2$  ajustado de 0.498;  $||0.000||$ .

Tabela 20 – Efeitos da relação estrutural entre *EDFin* e *BEF* moderados pelos hábitos financeiros para o grupo *G\_2*

EFEITOS	RELAÇÕES ESTRUTURAIS	$\beta$	ERRO PADRÃO	p-VALOR
DIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>BEF</i>	0.013	0.073	0.858
INDIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>ATD</i> -> <i>BEF</i>	0.012	0.028	0.062
INDIRETO	<i>EDFin</i> -> <i>CMP</i> -> <i>BEF</i>	0.087	0.048	0.665
TOTAL	<i>EDFin</i> -> <i>BEF</i>	0.140	0.092	0.127

Nota 1: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *G\_2*: respondentes com renda até R\$ 2000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM.

Nota 3: \* p-valor < 0.000; \*\* p-valor < 0,01; \*\*\* p-valor < 0.05 (por *bootstrapping* de 5000 repetições).

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

A coluna de diferenças (última coluna da Tabela 18) entre os índices de correlação encontrados para os grupos mostra que nenhuma diferença entre eles é significativa. A diferença dos valores de ajustamento apresentados para os dois grupos também não é significativa ( $R^2(G_1) - R^2(G_2) = 0,016$ ;  $||0,862||$ ). Isto quer dizer que, para ambos os grupos, as correlações entre as variáveis *EDFin* e *EDFor* e *BEF* não são suficientemente moderadas pelas variáveis *ATD*, *CMP* e *ALF* para que sejam significativas. Nos grupos *G\_1* e *G\_2*, as variáveis que preveem o bem-estar financeiro são apenas o comportamento financeiro e a positividade, sendo a última mais significativa e mais forte para o grupo de baixa renda e baixa escolaridade.

Ao comparar os valores dos coeficientes de positividade dos dois grupos ( $\beta$  *G\_1* = 0.356;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.236$ ;  $||0.021||$  e  $\beta$  *G\_2* = 0.330;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.202$ ;  $||0.049||$ ) com o valor obtido da amostra toda ( $\beta = 0.236$ ;  $||0.000||$ ;  $f^2 = 0.114$ ;  $||0.000||$ ), é possível perceber o aumento dos valores de  $\beta$  e o aumento do tamanho do efeito desta variável sobre o bem-estar financeiro. O resultado empírico mostra que sentimentos de elevada autoestima, otimismo e satisfação com a vida são importantes e estão positiva, significativa e fortemente correlacionados ao bem-estar financeiro das pessoas de baixa renda que engajam em comportamentos de gerenciamento, organização e responsabilidade em relação ao seu orçamento, tenham elas alta escolaridade ou não.

A análise de correlações para os grupos  $G_3$  e  $G_4$  (Tabela 21) mostra que, para ambos, atitudes, comportamentos, positividade e estresse financeiros são significativos para a predição do bem-estar financeiro.

Tabela 21 – Relações estruturais, testes de hipóteses, coeficientes de regressão e tamanho do efeito dos grupos  $G_3$  e  $G_4$

RELAÇÕES ESTRUTURAIS	HIPÓTESES	$\beta(G_3)$	$f^2(G_3)$	$\beta(G_4)$	$f^2(G_4)$	$\beta(G_3)-\beta(G_4)$
<i>EDFin -&gt; BEF</i>	H1 (+)	0.098***	0.020	0.051	NSA	0.047
<i>EDFin -&gt; ATD</i>	H2 (+)	0.150***	0.024	0.102	NSA	0.048
<i>EDFin -&gt; CMP</i>	H3 (+)	0.139***	0.020	0.137***	0.019	0.002
<i>EDFin -&gt; ALF</i>	H4 (+)	0.003	NSA	0.172**	0.030	-0.169
<i>ALF -&gt; BEF</i>	H5 (+)	0.067	NSA	-0.001	NSA	0.068
<i>ALF -&gt; ATD -&gt; BEF</i>	H6 (+)	0.019	NSA	0.014	NSA	0.005
<i>ALF -&gt; CMP -&gt; BEF</i>	H7(+)	0.082***	NSA	0.038	NSA	0.045
<i>ATD -&gt; BEF</i>	H8(+)	0.112***	0.022	0.118***	0.025	-0.006
<i>CMP -&gt; BEF</i>	H9 (+)	0.505*	0.445*	0.571*	0.563*	-0.066
<i>EDFor -&gt; ALF</i>	H10(+)	0.101	NSA	0.035	NSA	0.066
<i>EDFor -&gt; BEF</i>	H11 (+)	-0.038	NSA	-0.098***	0.020	0.061
<i>EDFor -&gt; ATD</i>	H12 (+)	-0.022	NSA	0.148***	0.023	-0.170
<i>EDFor -&gt; CMP</i>	H13 (+)	-0.011	NSA	0.096	NSA	-0.107
<i>POS -&gt; BEF</i>	H14 (+)	0.198*	0.079***	0.218*	0.096***	-0.020
<i>MLHp -&gt; BEF</i>	H15 (+)	0.172*	0.058	0.050	NSA	0.121
<i>CSE -&gt; BEF</i>	H16 (-)	-0.164**	0.056	0.125**	0.033	-0.039
<i>CSE -&gt; ATD</i>	H17(-)	0.009	NSA	0.012	NSA	-0.003
<i>CSE -&gt; CMP</i>	H18 (-)	-0.049	NSA	-0.061	NSA	0.012
<i>CSE -&gt; POS</i>	H19 (-)	-0.075	NSA	-0.051	NSA	-0.024

Nota 1: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras;  $G_3$ : respondentes com renda superior a R\$ 2000 e inferior a R\$ 5000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior;  $G_4$ : respondentes com renda superior a R\$ 5000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior.

Nota 2:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM;  $f^2$  = tamanho do efeito.

Nota 3: \* p-valor < 0.000; \*\* p-valor < 0,01; \*\*\* p-valor < 0.05 (por bootstrapping de 5000 repetições).

Nota 4:  $f^2$  = NSA – não se aplica, para p-valores dos coeficientes de regressão > 0,05 e relações indiretas.

Nota 5: entre parênteses, correlações propostas para cada hipótese de acordo com a base teórico-empírica.

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

A melhoria histórica percebida e a educação financeira são positiva e significativamente correlacionadas ao bem-estar percebido pelos indivíduos do  $G_3$ . O ajustamento do modelo de caminhos para este grupo resultou em um valor de  $R^2$  ajustado de 0.524;  $||0.000||$ .

A educação formal é negativa e significativamente correlacionada ao bem-estar percebido somente para os indivíduos do *G\_4*. Uma explicação para esse fenômeno pode estar na frustração das expectativas, conforme anteriormente citado no item 4.4.1. O ajustamento do modelo de caminhos para este grupo resultou em um valor de  $R^2$  ajustado de 0.539;  $||0.000||$ .

Apesar de haver diferenças significativas na correlação em algumas das variáveis, não há diferença significativa entre os dois grupos.



## 5 CONCLUSÕES

Neste Capítulo são apresentadas as considerações finais, as aplicações gerenciais e sociais e as implicações teóricas. Por fim, o trabalho é finalizado com as sugestões para investigações futuras e limitações da pesquisa.

### 5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese se propôs a identificar os principais impulsionadores da avaliação do bem-estar financeiro de uma amostra de cidadãos brasileiros, identificando e explorando componentes subjetivos, como a positividade, a percepção de melhoria histórica individual e o estresse socioeconômico, e objetivos, como a alfabetização financeira e os hábitos financeiros considerados ótimos. Para tanto, foram propostos alguns objetivos específicos.

O primeiro consistiu em adaptar as métricas propostas por Fernandes et al. (2014), Lusardi e Mitchel (2011), INFE (2011) e OCDE (2016) para avaliar os construtos de conhecimento financeiro, atitudes financeiras e comportamento financeiro. O instrumento utilizado para este trabalho foi elaborado a partir de diferentes pesquisas que utilizaram os questionários para diferentes finalidades. A OCDE e o INFE, por exemplo, utilizam as questões sobre conhecimento, atitudes e comportamentos para atribuir notas aos diferentes respondentes dos diferentes países, de forma descritiva e comparativa.

O segundo objetivo específico inovou ao utilizar uma métrica aplicada comercialmente pela Confederação Nacional de Dirigentes Logistas (CNDL, 2019) em uma pesquisa metodologicamente estruturada. Assim como a OCDE e o INFE, o CNDL utiliza a métrica apenas para atribuir notas aos entrevistados, de forma descritiva, e sem realizar inferências causais ou outros tipos de análise.

O terceiro objetivo específico proposto nesta pesquisa foi a análise das variáveis que Choi et al., (2020) descreveram como condições socioeconômicas estressoras e a inclusão destas variáveis no questionário original, de modo que pudessem ser quantificadas formando uma única variável contendo os fenômenos descritos como estressores. A utilização de uma variável que abarca situações

socioeconômicas de acordo com o nível subjetivo de estresse como renda, situação de emprego e segurança no emprego foi originalmente concebida para esta pesquisa.

O quarto objetivo específico foi a utilização da métrica de positividade validada por Caprara et al. (2012). Para isto, o questionário foi traduzido do seu idioma anglófono original e utilizado nesta pesquisa. É inédita a sua utilização em conjunto com os questionários descritos anteriormente para estabelecer relações causais com o bem-estar financeiro percebido pelos respondentes.

Finalmente, o último objetivo da pesquisa, e o mais importante, permitiu que o objetivo geral fosse atingido.

O modelo estrutural teórico proposto nesta tese para o bem-estar financeiro considerou oito variáveis.

A alfabetização financeira, variável objetiva, foi considerada como capital intelectual formado pelos conhecimentos financeiros acerca de conceitos simples e cotidianos adquiridos por um indivíduo ao longo da sua vida.

Os hábitos financeiros considerados ótimos foram dois: atitude financeira, que considerou questões acerca de crenças e impulsos; e comportamento financeiro, que mediu a frequência com a qual os respondentes engajavam em atividades de gerenciamento, controle e condutas cotidianas.

Como variáveis de percepção, foram inseridas a positividade e a melhoria financeira histórica percebida pelos indivíduos.

As condições socioeconômicas estressoras foram mensuradas pelo levantamento da situação do trabalho, sua natureza e sua remuneração. Tais informações permitiram a formação de uma variável que representou o nível de estresse dos indivíduos de acordo com sua segurança financeira.

Além disso, foi inserido no modelo mais duas medidas objetivas: nível de escolaridade e participação em cursos de educação financeira. Tais variáveis foram avaliadas em separado do construto da alfabetização para avaliar suas influências de forma isolada e enriquecer a compreensão dos fatores que influenciam o bem-estar financeiro.

A aplicação do instrumento resultou na obtenção de 835 respostas válidas.

A análise descritiva da amostra traçou o perfil demográfico dos respondentes quanto ao gênero, idade, raça, escolaridade, estado civil, número de filhos e região de moradia. A maioria dos respondentes foi do sexo feminino (56%) com idade entre

25 e 34 anos, brancas, com pós-graduação completa, casadas (ou com união estável), sem filhos e moradoras da região sul do país. O perfil dos respondentes do sexo masculino é similar em todos os aspectos exceto idade: 25 a 44 anos.

A análise descritiva das condições sociodemográficas apontou que a maior parte das respondentes trabalham no setor privado e contribuem com o sustento da família, recebendo rendas na faixa de R\$ 1000.00 a 10000.00. A maioria dos respondentes, por sua vez, trabalham no setor privado, se sustentam ou contribuem com o sustento da família e recebem salários mensais nas faixas de R\$ 3000.00 a R\$ 10000.00.

As variáveis levantadas a partir das métricas adaptadas foram analisadas quanto às medidas de tendência central e variabilidade antes de serem analisadas por PLS-SEM.

A análise do modelo estrutural proposto nesta pesquisa indicou índices de ajustamento aceitáveis com poder de predição alto ( $R^2 = 0.586$ ) com relevância média de precisão preditiva ( $Q^2 = 0.204$ ). Isto quer dizer que, ao ser utilizado com indicadores de “dentro” do instrumento, possui poder de predição de cerca de 58,6% e, ao ser utilizado com valores “externos”, prediz cerca de 20,4%. Estes valores, para pesquisas em ciências sociais são bastante consistentes (HAIR, BLACK, BABIN, ANDERSON e TATHAM, 2009).

Conforme teorizado, o bem-estar financeiro é um construto formado por variáveis como educação financeira, hábitos considerados ótimos, positividade, percepção de melhora histórica da qualidade de vida e estresse financeiro causado por renda e emprego e a tese de que dentre estas variáveis, o comportamento financeiro e a positividade são fatores determinantes foi corroborada.

Dentre as variáveis consideradas neste estudo, a alfabetização financeira, isto é o conhecimento dos indivíduos acerca dos temas financeiros, resulta em bem-estar financeiro somente quando utilizada como ferramenta para engajar em hábitos financeiros considerados ótimos, como o controle dos impulsos, o aumento da confiança em instituições, governos, pessoas e tecnologia, o monitoramento de seus gastos, o gerenciamento do seu orçamento e a ponderação na tomada de decisão.

Ao analisar a amostra na íntegra, pode-se concluir que a obtenção de um alto nível de escolaridade não é predição suficiente para que alguém usufrua de bem-estar

financeiro, mas que a participação em cursos de matemática financeira e áreas afins é preditora fraca e positiva de bem-estar financeiro de forma direta.

O engajamento em comportamentos ótimos é o principal componente do bem-estar financeiro e a positividade é uma característica disposicional essencial para a formação deste construto. Ambos são correlacionados positiva e significativamente com o bem-estar financeiro em todas as situações e grupos analisados com força de efeito de moderada a forte.

As condições financeiras estressoras estão negativamente relacionadas ao bem-estar e ao comportamento, indicando que as dificuldades financeiras afetam as ações dos indivíduos quanto ao dinheiro. A ausência de correlação com as atitudes mostra que tais dificuldades não são suficientes para frear impulsos e alterar crenças individuais.

Análises *post hoc* indicaram que a educação formal é negativamente relacionada ao bem-estar financeiro quando mediada pela positividade e este fenômeno pode estar relacionado à frustração de expectativas. A educação formal prediz bem-estar financeiro quando mediada por atitudes financeiras consideradas ótimas, indicando que o aumento da escolaridade é capaz de frear impulsos e aumentar a crença nas instituições, uma vez que aumenta o conhecimento intelectualizado e diminui o conhecimento de senso comum.

A participação em cursos de matemática financeira e áreas afins é preditora fraca e positiva de bem-estar financeiro de forma direta, quando mediada por sentimentos de autoestima, otimismo e satisfação com a vida em forma de positividade, e quando mediada por hábitos considerados ótimos. Dessa forma, o curso pode estar direta e indiretamente associado a um sentimento de realização e torna-se relevante como preditor do bem-estar financeiro, especialmente para sujeitos com alta escolaridade e faixa de renda intermediária.

Análises multigrupos entre gêneros indicaram que homens “sentem” as variáveis do bem-estar com índices superiores aos das mulheres, principalmente as estressoras, como ausência de renda e insegurança financeira. Tal fato pode ser explicado pela teoria do papel de gênero.

Análises multigrupos entre faixas de diferentes escolaridades e renda indicaram que pessoas com baixo grau de instrução e baixa renda podem usufruir de bem-estar financeiro desde que adotem comportamentos ótimos: gerenciamento, monitoramento

e ponderação. Para estes, além do comportamento, um elevado sentimento de autoestima, otimismo e satisfação com a vida na forma de positividade são influenciadores fortes do bem-estar financeiro, comprovando que há um componente subjetivo significativo presente no bem-estar financeiro que não pode ser desprezado em futuras análises de indivíduos com essas características socioeconômicas.

A relevância social e as implicações dessa tese consistem em esclarecer quais são os aspectos formadores e determinantes do bem-estar financeiro dos brasileiros e demonstrar, através dos seus achados empíricos que o investimento em formação de capital intelectual *per se* não resulta em bem-estar. Para que o bem-estar financeiro seja atingido, são fatores imprescindíveis: o engajamento em comportamentos considerados ótimos (como gerenciamento, organização e acompanhamento das finanças) e o sentimento de positividade, para todos os grupos de renda analisados, independentemente do gênero. Como comportamentos podem ser ensinados e aprendidos, o foco das ações voltadas ao tema não deve estar concentrado somente em aspectos teóricos, mas práticos, possibilitando que haja apropriação de conceitos, melhora na autoestima e promova um senso de apropriação para a verdadeira inclusão financeira dos indivíduos.

O Quadro 10 sintetiza as hipóteses e os principais achados desta pesquisa.

Quadro 10 – Hipóteses de pesquisa e achados empíricos

Hipóteses	Achados empíricos	Resultado <sup>a</sup>
H1) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos.	A variável <i>EDFin</i> é preditora positiva, fraca e significativa de <i>BEF</i> ( $\beta = 0.051$ ; $  0.031  $ ). <i>Post hoc</i> : a correlação não é significativa para indivíduos dos grupos G_1, G_2 e G_4.	Suportada
H2) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre as atitudes financeiras dos indivíduos.	A variável <i>EDFin</i> é preditora positiva e significativa de <i>ATD</i> ( $\beta = 0.127$ ; $  0.000  $ ). <i>Post hoc</i> : a correlação não é significativa para indivíduos do G_1 e do G_4.	Suportada

<p>H3) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre o comportamento financeiro dos indivíduos.</p>	<p>A variável <i>EDFin</i> é preditora positiva e significativa de <i>CMP</i>  <math>(\beta = 0.111;   0.001  )</math>.  <i>Post hoc</i>: a correlação não é significativa para indivíduos do G_1.</p>	<p>Suportada</p>
<p>H4) A participação em cursos de educação financeira ou áreas afins (finanças pessoais ou administração financeira) causa efeito positivo sobre o nível de alfabetização financeira dos indivíduos.</p>	<p>A variável <i>EDFin</i> é preditora positiva, fraca e significativa de <i>ALF</i>  <math>(\beta = 0.069;   0.034  )</math>.  <i>Post hoc</i>: a correlação não é significativa para indivíduos dos grupos G_1 e G_2.</p>	<p>Suportada</p>
<p>H5) A alfabetização financeira causa efeito fraco e positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos.</p>	<p>Não foi observado efeito direto de <i>ALF</i> em <i>BEF</i>  <math>(\beta = 0.029;   0.230  )</math>  Quando mediada por outras variáveis da estrutura proposta, a relação apresenta efeitos totais positivos e significativos  <math>(\beta = 0.119;   0.000  )</math></p>	<p>Parcialmente suportada</p>
<p>H6) A alfabetização financeira causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos quando mediado pelas atitudes financeiras.</p>	<p>Efeito indireto de <i>ALF</i> em <i>BEF</i>, quando a correlação foi mediada por <i>ATD</i>  <math>(\beta = 0.010;   0.041  )</math></p>	<p>Suportada</p>
<p>H7) A alfabetização financeira causa efeito positivo sobre o bem-estar financeiro dos indivíduos quando mediado pelo comportamento financeiro.</p>	<p>Efeito indireto de <i>ALF</i> em <i>BEF</i>, quando a correlação foi mediada por <i>CMP</i>  <math>(\beta = 0.081;   0.000  )</math></p>	<p>Suportada</p>
<p>H8) Atitudes financeiras consideradas ótimas causam efeitos positivos diretos sobre o bem-estar financeiro.</p>	<p>Efeito direto positivo e significativo de <i>ATD</i> em <i>BEF</i>  <math>(\beta = 0.075;   0.003  )</math>  <i>Post hoc</i>: Essa correlação não é significativa para indivíduos dos grupos G_1 e G_2.</p>	<p>Suportada</p>
<p>H9) Comportamentos financeiros considerados ótimos causam efeitos positivos diretos sobre o bem-estar financeiro.</p>	<p>Efeito direto positivo, significativo e muito forte de <i>CMP</i> em <i>BEF</i>  <math>(\beta = 0.539;   0.000  )</math>;  <math>f^2 = 0.511;   0.000  )</math></p>	<p>Suportada</p>
<p>H10) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos diretos no nível de alfabetização financeira dos indivíduos.</p>	<p>Efeito direto positivo e significativo de <i>EDFor</i> em <i>ALF</i>  <math>(\beta = 0.259;   0.000  )</math></p>	<p>Suportada</p>

<p>H11) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeito positivo direto no bem-estar financeiro.</p>	<p>Não foi observado efeito direto de <i>EDFor</i> em <i>BEF</i> (<math>\beta = -0.008</math>; <math>  0.758  </math>) Quando mediada pela positividade, a relação é negativa e significativa (<math>\beta = -0.030</math>; <math>  0.003  </math>)</p>	<p>Rejeitada</p>
<p>H12) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos direto nas atitudes financeiras dos indivíduos.</p>	<p>Efeito direto de <i>EDFor</i> em <i>ATD</i> (<math>\beta = 0.110</math>; <math>  0.005  </math>) <i>Post hoc</i>: essa relação não é observada em indivíduos dos grupos G_1, G_2 e G_3.</p>	<p>Suportada</p>
<p>H13) O aumento da racionalidade, através de educação formal, causa efeitos positivos diretos no comportamento financeiro dos indivíduos.</p>	<p>Não foi observado efeito direto de <i>EDFor</i> em <i>CMP</i> (<math>\beta = 0.038</math>; <math>  0.394  </math>)</p>	<p>Rejeitada</p>
<p>H14) A positividade influencia o bem-estar financeiro dos indivíduos de forma positiva e direta.</p>	<p>Efeito direto positivo, significativo e moderado observado de <i>POS</i> em <i>BEF</i> (<math>\beta = 0.236</math>; <math>  0.000  </math>; <math>f^2 = 0.114</math>; <math>  0.000  </math>) <i>Post hoc</i>: o efeito de <i>POS</i> em <i>BEF</i> para indivíduos de baixa renda é positiva e forte (<math>\beta = 0.356</math>; <math>  0.000  </math>; <math>f^2 = 0.236</math>; <math>  0.000  </math>)</p>	<p>Suportada</p>
<p>H15) A percepção de melhoria financeira histórica causa efeitos positivos diretos no bem-estar financeiro dos indivíduos.</p>	<p>Efeito direto positivo e significativo observado de <i>MLHp</i> em <i>BEF</i> (<math>\beta = 0.109</math>; <math>  0.000  </math>) <i>Post hoc</i>: Essa correlação não é significativa para indivíduos dos grupos G_1 e G_2.</p>	<p>Suportada</p>
<p>H16) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas ao bem-estar financeiro dos indivíduos.</p>	<p>Efeito direto negativo e significativo observado de <i>CSE</i> em <i>BEF</i> (<math>\beta = -0.133</math>; <math>  0.000  </math>) <i>Post hoc</i>: Efeitos totais de <i>CSE</i> em <i>BEF</i> com maior intensidade para indivíduos do sexo masculino (<math>\beta = -0.391</math>; <math>  0.000  </math>) Essa correlação não é significativa para indivíduos dos grupos G_1 e G_2.</p>	<p>Suportada</p>
<p>H17) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas às atitudes financeiras dos indivíduos.</p>	<p>Não foi observado efeito direto de <i>CSE</i> em <i>ATD</i> (<math>\beta = 0.014</math>; <math>  0.771  </math>)</p>	<p>Rejeitada</p>

<p>H18) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas ao comportamento financeiro dos indivíduos.</p>	<p>Efeito direto negativo e significativo observado de CSE em CMP (<math>\beta = -0.157</math>; <math>  0.000  </math>) <i>Post hoc</i>: Efeito negativo significativo mais forte nos indivíduos do sexo masculino (<math>\beta = -0.256</math>; <math>  0.000  </math>; <math>f^2 = 0.058</math>; <math>  0.030  </math>)</p>	<p>Suportada</p>
<p>H19) Condições socioeconômicas estressoras, mais especificamente, emprego e renda, são negativamente correlacionadas à positividade dos indivíduos.</p>	<p>Efeito direto negativo e significativo observado de CSE em POS (<math>\beta = -0.282</math>; <math>  0.000  </math>) <i>Post hoc</i>: Efeito negativo significativo mais forte nos indivíduos do sexo masculino (<math>\beta = -0.352</math>; <math>  0.000  </math>; <math>f^2 = 0.111</math>; <math>  0.005  </math>)</p>	<p>Suportada</p>

Nota 1: <sup>a</sup> Resultado do julgamento das hipóteses quanto à amostra completa de 835 indivíduos.

Nota 2: *EDFin* – participação em cursos de Educação Financeira; *ALF* – nível de Alfabetização Financeira; *ATD* – Atitudes Financeiras; *CMP* – Comportamento Financeiro; *BEF* – Bem-Estar Financeiro; *EDFor* – nível de Educação Formal; *POS* – Positividade; *MLHp* – Melhoria Histórica percebida; *CSE* – Condições Socioeconômicas Estressoras; *G\_1*: respondentes com renda até R\$ 2000 e escolaridade até Ensino Superior Incompleto; *G\_2*: respondentes com renda até R\$ 2000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior; *G\_3*: respondentes com renda superior a R\$ 2000 e inferior a R\$ 5000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior; *G\_4*: respondentes com renda superior a R\$ 5000 e escolaridade Ensino Superior Completo ou maior.

Nota 3:  $\beta$  = coeficiente de regressão linear múltipla pela técnica PLS – SEM;  $f^2$  = tamanho do efeito.

Nota 4: p-valores entre “||” (por *bootstrapping* de 5000 repetições).

Fonte: dados obtidos a partir de resultados do software SmartPLS Versão 3.3.3, 2021.

## 5.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Esta pesquisa limitou-se a analisar a influência dos principais impulsionadores da avaliação do bem-estar financeiro considerando apenas os respondentes que, em sua maioria, apresentaram padrões de renda e escolaridade acima da média nacional. Além disso, devido à opção de aplicação de uma *survey online*, a amostra de respondentes foi naturalmente restrita àqueles que possuem acesso e intimidade com ferramentas tecnológicas. Neste sentido, não se pode generalizar os resultados aqui encontrados e as conclusões aqui propostas apesar de terem sido conduzidas análises de grupos de baixa renda e baixa escolaridade em separado.

Os hábitos financeiros considerados ótimos, como comportamentos e atitudes, restritos aos questionamentos utilizados no instrumento são limitações desta pesquisa. Existem outros atributos, além daqueles que foram abordados, que podem influenciar o bem-estar financeiro e não foram analisados no escopo desta pesquisa,



como, por exemplo, preferências de risco e retorno, poupança e análise de crédito e endividamento.

A mesma análise pode ser feita para os componentes subjetivos do bem-estar. Para esta pesquisa, limitou-se à positividade, melhoria financeira histórica percebida e estresse financeiro, mas há outros aspectos subjetivos relevantes, como a presença de vieses cognitivos e a qualidade de vida percebida.

Devido à extensão do questionário e a preocupação com o número mínimo de participantes, não foram incluídas perguntas acerca da duração, qualidade, obrigatoriedade e temporalidade dos cursos nos temas de educação financeira e, portanto, não se pode afirmar que intervenções em educação financeira sejam eficazes através dos achados deste estudo. Conforme visto no referencial teórico, tal afirmação depende destas informações específicas, que não fizeram parte do escopo desse trabalho. Não foram incluídas, igualmente, perguntas acerca da área, temporalidade e qualidade da formação superior de cada respondente.

### 5.3 INVESTIGAÇÕES FUTURAS

Essa tese não teve a intenção de esgotar o assunto trabalhado. Neste sentido, reforça-se a necessidade de estudos futuros com o objetivo do avanço do conhecimento e das pesquisas sobre os temas aqui abordados, dos quais se recomendam:

- a) Replicar a pesquisa em outros Estados, para corroborar ou não com as conclusões aqui propostas;
- b) Realizar uma nova aplicação da ferramenta, mantendo as questões com cargas/pesos significativos e incluindo outras questões sobre hábitos considerados ótimos não abarcados nesta pesquisa;
- c) Realizar experimentos sobre bem-estar financeiro antes e após ações controladas de intervenção em educação financeira para verificar se há relação entre apropriação e positividade;
- d) Replicar a ferramenta presencialmente em uma amostra com, prioritariamente, indivíduos de baixa renda e baixa escolaridade, uma vez

que as políticas públicas em educação financeira são voltadas majoritariamente a esse público;

- e) Utilizar outros atributos de comportamento propondo uma escala para medição do excesso de otimismo;
- f) Identificar construtos adicionais que podem ter relevância para o construto do bem-estar financeiro;
- g) Utilizar dados secundários macroeconômicos e microeconômicos para estabelecer relações entre o bem-estar financeiro e a eficácia financeira, como índices de endividamento e análises de crédito.

## REFERÊNCIAS

- Afifi, T. D., Davis, S., Merrill, A. F., Coveleski, S., Denes, A., & Shahnazi, A. F. (2018). Couples' communication about financial uncertainty following the Great Recession and its association with stress, mental health and divorce proneness. *Journal of Family and Economic Issues*, 39(2), 205-219.
- Agarwalla, S. K., Barua, S., Jacob, J., & Varma, J. R. (2012). A survey of financial literacy among students, young employees and the retired in India. *Indian Institute of Management Ahmedabad*, 1-32.
- Agarwalla, S. K., Amromin, G., Ben-David, I., Chomsisengphet, S., & Evanoff, D. D. (2015). Financial literacy and financial planning: Evidence from India. *Journal of Housing Economics*, 27, 4-21.
- Akben-Selcuk, E. (2015). Factors influencing college students' financial behaviors in Turkey: Evidence from a national survey. *International Journal of Economics and Finance*, 7(6), 87-94.
- Almenberg, J., & Dreber, A. (2015). Gender, stock market participation and financial literacy. *Economics Letters*, 137, 140-142.
- Ammerman, D. A., & Stueve, C. (2019). Childhood financial socialization and debt-related financial well-being indicators in adulthood. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 30(2), 213-230.
- Anderloni, L., & Vandone, D. (2010). The profitability of the consumer credit industry: evidence from Europe. Available at SSRN 1653517.
- Araújo, F. D. A. L. & De Souza, M. A. P. (2012). Educação Financeira para um Brasil Sustentável Evidências da necessidade de atuação do Banco Central do Brasil em educação financeira para o cumprimento de sua missão (No. 280).
- Arceo-Gomez, E. O., & Villagomez, F. A. (2017). Financial literacy among Mexican high school teenagers. *International Review of Economics Education*, 24, 1-17.
- Arora, A. (2016). Assessment of financial literacy among working Indian women. *Business Analyst*, 36(2), 219-237.
- Atkinson, A., & Messy, F. A. (2013). Promoting financial inclusion through financial education.
- Ávila, F. e Bianchi, A. (Orgs.)(2015). Guia de Economia Comportamental e Experimental. São Paulo. *EconomiaComportamental.org*. Disponível em [www.economiacomportamental.org](http://www.economiacomportamental.org). Licença: Creative Commons Attribution CC-BY-NC – ND 4.0
- Babbie, E. R. (2016). *The practice of social research*. 16° Ed. Cengage learning.
- BACEN – BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018. O que é Cidadania Financeira? Novembro 2018. Disponível em: [https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/Documents/conceito\\_cidadania\\_financeira.pdf](https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/Documents/conceito_cidadania_financeira.pdf) Em: 15/10/2019.
- BACEN – BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018a. Relatório de Cidadania Financeira, 2018. Banco Central do Brasil: Brasília, Brasil.

- Baker, H. K., Kumar, S., Goyal, N., & Gaur, V. (2019). How financial literacy and demographic variables relate to behavioral biases. *Managerial Finance*.
- Barbaranelli, C., Paciello, M., Biagioli, V., Fida, R., & Tramontano, C. (2019). Positivity and behavior: the mediating role of self-efficacy in organisational and educational settings. *Journal of Happiness Studies*, 20(3), 707-727.
- Barua, R., Shastri, G. K., & Yang, D. (2019). Financial education for female foreign domestic workers in Singapore. *Economics of Education Review*, 101920.
- Bauer, J. W., Son, S., Hur, J., Anderson-Porisch, S., Heins, R., Petersen, C., Hooper, S., Marczak, M., Olson, P.D. & Barrett Wiik, N. (2011). Dollar works 2: Impact evaluation report.
- Bayer, P. J., Bernheim, B. D., & Scholz, J. K. (1996). The effects of financial education in the workplace: Evidence from a survey of employers (No. w5655). National Bureau of Economic Research.
- Beal, D., & Delpachitra, S. (2003). Financial literacy among Australian university students. *Economic Papers: A journal of applied economics and policy*, 22(1), 65-78.
- Beer, J. S. (2014). Exaggerated positivity in self-evaluation: A social neuroscience approach to reconciling the role of self-esteem protection and cognitive bias. *Social and Personality Psychology Compass*, 8(10), 583-594.
- Behrman, J. R., Mitchell, O. S., Soo, C. K., & Bravo, D. (2012). How financial literacy affects household wealth accumulation. *American Economic Review*, 102(3), 300-304.
- Bentler, P. M., & Speckart, G. (1979). Models of attitude-behavior relations. *Psychological review*, 86(5), 452.
- Berg, G., & Zia, B. (2013). Financial Literacy through Mainstream Media: Evaluating the Impact of Financial Messages in a South African Soap Opera. World Bank Working Paper, Washington, DC.
- Bhattacharya, U., Hackethal, A., Kaesler, S., Loos, B., & Meyer, S. (2012). Is unbiased financial advice to retail investors sufficient? Answers from a large field study. *The Review of Financial Studies*, 25(4), 975-1032.
- Bido, D. D. S., & Silva, D. D. (2019). SmartPLS 3: especificação, estimação, avaliação e relato. *Administração*.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., Souza, D. S. D., Koller, S. H., & Caprara, G. V. (2015). Psychometric properties of the positivity scale-Brazilian version. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(1), 61-67.
- Bracha, A., & Brown, D. J. (2012). Affective decision making: A theory of optimism bias. *Games and Economic Behavior*, 75(1), 67-80.
- Braunstein, S., & Welch, C. (2002). Financial literacy: An overview of practice, research, and policy. *Fed. Res. Bull.*, 88, 445.
- Brüggen, E. C., Hogreve, J., Holmlund, M., Kabadayi, S., & Löfgren, M. (2017). Financial well-being: A conceptualization and research agenda. *Journal of Business Research*, 79, 228-237.

- Bruhn, M., Ibarra, G. L., & McKenzie, D. (2014). The minimal impact of a large-scale financial education program in Mexico City. *Journal of Development Economics*, 108, 184-189.
- Bruhn, M., Souza Leão, L., Legovini, A., Marchetti, R., & Zia, B. (2013). The impact of high school financial education: Experimental evidence from Brazil. The World Bank.
- Cai, J., De Janvry, A., & Sadoulet, E. (2015). Social networks and the decision to insure. *American Economic Journal: Applied Economics*, 7(2), 81-108.
- Calderon, G., Cunha, J. M., & Giorgi, G. D. (2020). Business literacy and development: Evidence from a randomized controlled trial in rural Mexico. *Economic Development and Cultural Change*, 68(2), 507-540.
- Calderone, M., Fiala, N., Mulaj, F., Sadhu, S., & Sarr, L. (2018). Financial education and savings behavior: Evidence from a randomized experiment among low-income clients of branchless banking in India. *Economic Development and Cultural Change*, 66(4), 793-825.
- Campara, J. P., Vieira, K. M., & Potrich, A. C. G. (2017). Overall life satisfaction and financial well-being: Revealing the perceptions of the beneficiaries of the bolsa família program. *Revista de Administração Pública*, 51(2), 182-200.
- Cantarero, R., & Potter, J. (2014). Quality of life, perceptions of change, and psychological well-being of the elderly population in small rural towns in the Midwest. *The International Journal of Aging and Human Development*, 78(4), 299-322.
- Caprara, G. V., Alessandri, G., Eisenberg, N., Kupfer, A., Steca, P., Caprara, M. G., ... & Abela, J. (2012). The positivity scale. *Psychological assessment*, 24(3), 701.
- Caprara, G. V., Steca, P., Alessandri, G., Abela, J. R., & McWhinnie, C. M. (2010). Positive orientation: Explorations on what is common to life satisfaction, self-esteem, and optimism. *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, 19(1), 63-71.
- Carlin, B. I., & Robinson, D. T. (2012). What does financial literacy training teach us? *The journal of economic education*, 43(3), 235-247.
- Carpena, F., Cole, S., Shapiro, J., & Zia, B. (2011). Unpacking the causal chain of financial literacy. The World Bank.
- Carpena, F., Cole, S., Shapiro, J., & Zia, B. (2019). The ABCs of financial education: experimental evidence on attitudes, behavior, and cognitive biases. *Management Science*, 65(1), 346-369.
- CFPB – Consumer Financial Protection Bureau. (2015). Measuring financial well-being: A guide to using the CFPB Financial Well-Being Scale. Disponível em: <https://www.consumerfinance.gov/data-research/research-reports/financial-well-being-scale/>. Em 01/04/20.
- Cheah, J. H., Thurasamy, R., Memon, M. A., Chuah, F., & Ting, H. (2020). Multigroup Analysis using SmartPLS: Step-by-Step Guidelines for Business Research. *Asian Journal of Business Research Volume*, 10(3).
- Chen, G., Jia, Q., Maskara, P. K., & Williams, A. (2020). Impact of financial debt on borrower's health based on gender. *International Journal of Consumer Studies*.

- Chen, H., & Volpe, R. P. (1998). An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial services review*, 7(2), 107-128.
- Chen, H., & Volpe, R. P. (2002). Gender differences in personal financial literacy among college students. *Financial services review*, 11(3), 289-307.
- Chin, W. W. (1998). The partial least squares approach to structural equation modeling. *Modern methods for business research*, 295(2), 295-336.
- Chin, W. W., & Dibbern, J. (2010). An introduction to a permutation based procedure for multi-group PLS analysis: Results of tests of differences on simulated data and a cross cultural analysis of the sourcing of information system services between Germany and the USA. In *Handbook of partial least squares* (pp. 171-193). Springer, Berlin, Heidelberg.
- Chin, W., Cheah, J. H., Liu, Y., Ting, H., Lim, X. J., & Cham, T. H. (2020). Demystifying the role of causal-predictive modeling using partial least squares structural equation modeling in information systems research. *Industrial Management & Data Systems*.
- Choi, S. L., Heo, W., Cho, S. H., & Lee, P. (2020). The links between job insecurity, financial well-being and financial stress: A moderated mediation model. *International Journal of Consumer Studies*, 44(4), 353-360.
- Christianson, S. Å. (1992). Emotional stress and eyewitness memory: a critical review. *Psychological bulletin*, 112(2), 284.
- Clark, R. L., & Schieber, S. J. (1998). Factors affecting participation rates and contribution levels in 401 (k) plans. *Living with defined contribution pensions: Remaking responsibility for retirement*, 69-97.
- CNDL – Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (2019). Indicador de Bem-Estar Financeiro. Disponível em: [https://www.spcbrasil.org.br/wpimprensa/wp-content/uploads/2019/03/An%C3%A1lise\\_-Indicador-de-Bem-Estar-Financeiro-1.pdf](https://www.spcbrasil.org.br/wpimprensa/wp-content/uploads/2019/03/An%C3%A1lise_-Indicador-de-Bem-Estar-Financeiro-1.pdf). Acesso em: 01/04/2020.
- Cohen, J. (1988) *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. 2° Ed. New York: Psychology Press.
- Cole, S. A., & Shastry, G. K. (2008). *If you are so smart, why aren't you rich? The effects of education, financial literacy and cognitive ability on financial market participation*. Cambridge, MA: Harvard Business School.
- Cole, S. A., & Shastry, G. K. (2009). *Smart money: The effect of education, cognitive ability, and financial literacy on financial market participation* (pp. 09-071). Boston, MA: Harvard Business School.
- Cole, S., Paulson, A., & Shastry, G. K. (2016). High school curriculum and financial outcomes: The impact of mandated personal finance and mathematics courses. *Journal of Human Resources*, 51(3), 656-698.
- Collins, J. M. (2012). Financial advice: A substitute for financial literacy? *Financial Services Review*, 21(4).
- Cordray, D. S., Pion, G. M., Brandt, C., & Molefe, A. (2013). *The Impact of the Measures of Academic Progress (MAP) Program on Student Reading Achievement*. Society for Research on Educational Effectiveness.

- Coval, J. D., & Thakor, A. V. (2005). Financial intermediation as a beliefs-bridge between optimists and pessimists. *Journal of Financial Economics*, 75(3), 535-569.
- Cox, A., Hooker, H., Markwick, C., & Reilly, P. (2009). Financial well-being in the workplace. Retrieved January, 9, 2019.
- DeHart, W. B., Friedel, J. E., Lown, J. M., & Odum, A. L. (2016). The effects of financial education on impulsive decision-making. *PloS one*, 11(7).
- Dela Coleta, J. A., & Dela Coleta, M. F. (2006). Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. *Psicologia em estudo*, 11(3), 533-539.
- Diener, E., Suh, E.M., Lucas, R.E., and Smith, H.L. Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological bulletin* 125, no. 2 (1999): 276.
- Donadio, R. (2018). O perfil de risco do investidor e a tomada de decisão: uma abordagem comportamental (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Elder Jr, G. H., & Caspi, A. (1988). Economic stress in lives: Developmental perspectives. *Journal of Social issues*, 44(4), 25-45.
- Fernandes, D., Lynch Jr, J. G., & Netemeyer, R. G. (2014). Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors. *Management Science*, 60(8), 1861-1883.
- Fernandez, A., & Fernandez, M. (2017). Sobre A Dissonância Cognitiva, O Autoengano E A Ignorância Autoimposta. *Derecho y Cambio Social*. Lima, (50), 2-12.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating Structural Equation Models with Unobservable Variables and Measurement Error. *Journal of Marketing Research* Vol. 18, No. 1 (Feb., 1981), pp. 39-50.
- Fox, J., Bartholomae, S., & Lee, J. (2005). Building the case for financial education. *Journal of consumer affairs*, 39(1), 195-214.
- Frey, B. S., & Stutzer, A. (2002). What can economists learn from happiness research? *Journal of Economic literature*, 40(2), 402-435.
- Friedline, T., & Chen, Z. (2020). Families' Financial Stress & Well-Being: The Importance of the Economy and Economic Environments. *Journal of Family and Economic Issues*, 1-18.
- Frisancho, V. (2018). The impact of school-based financial education on high school students and their teachers: Experimental evidence from Peru.
- Gale, W. G., & Levine, R. (2010). Financial literacy: What works? How could it be more effective? *How Could it be More Effective*.
- Gallagher, M. W., Lopez, S. J., & Pressman, S. D. (2013). Optimism is universal: Exploring the presence and benefits of optimism in a representative sample of the world. *Journal of Personality*, 81(5), 429-440.
- Gaunt, R., & Benjamin, O. (2007). Job insecurity, stress and gender: The moderating role of gender ideology. *Community, Work and Family*, 10(3), 341-355.

- Gneezy, U., Meier, S., & Rey-Biel, P. (2011). When and why incentives (don't) work to modify behavior. *Journal of Economic Perspectives*, 25(4), 191-210.
- Greenspan, A. (2005). The importance of financial education today. *Social Education*, 69(2), 64-66.
- Grinstein-Weiss, M. I. C. H. A. L., Guo, S., Reinertson, V., & Russell, B. (2015). Financial education and savings outcomes for low-income IDA participants: Does age make a difference? *Journal of Consumer Affairs*, 49(1), 156-185.
- Gutter, M. S., Garrison, S., & Copur, Z. (2010). Social learning opportunities and the financial behaviors of college students. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 38(4), 387-404.
- Gutter, M., & Copur, Z. (2011). Financial behaviors and financial well-being of college students: Evidence from a national survey. *Journal of Family and Economic Issues*, 32(4), 699-714.
- Hackethal, A., Haliassos, M., & Jappelli, T. (2012). Financial advisors: A case of babysitters? *Journal of Banking & Finance*, 36(2), 509-524.
- Hair Jr, J. F. (2020). Next-generation prediction metrics for composite-based PLS-SEM. *Industrial Management & Data Systems*.
- Hair Jr, J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C., & Sarstedt, M. (2016). A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM). Sage publications.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. 6ª Ed. Bookman Editora.
- Hair, J. F., Risher, J. J., Sarstedt, M., & Ringle, C. M. (2019). When to use and how to report the results of PLS-SEM. *European business review*.
- Hastings, J. S., Madrian, B. C., & Skimmyhorn, W. L. (2013). Financial literacy, financial education, and economic outcomes. *Annu. Rev. Econ.*, 5(1), 347-373.
- Hathaway, I., & Khatiwada, S. (2008). Do financial education programs work? FRB of Cleveland Working Paper No. 08-03
- Heikamp, T., Alessandri, G., Laguna, M., Petrovic, V., Caprara, M. G., & Trommsdorff, G. (2014). Cross-cultural validation of the positivity-scale in five European countries. *Personality and Individual Differences*, 71, 140-145.
- Henseler, J., Hubona, G., & Ray, P. A. (2016). Using PLS path modeling in new technology research: updated guidelines. *Industrial management & data systems*.
- Henseler, J., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2015). A new criterion for assessing discriminant validity in variance-based structural equation modeling. *Journal of the academy of marketing science*, 43(1), 115-135
- Hensley, B. J., Jurgenson, J. B., & Ferris, L. A. (2017). Combining adult education and professional development best practice to improve financial education teacher training. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 28(1), 33-48.
- Hilgert, M. A., Hogarth, J. M., & Beverly, S. G. (2003). Household financial management: The connection between knowledge and behavior. *Fed. Res. Bull.*, 89, 309.



- Hoffmann, A., & Otteby, K. (2018). Personal finance blogs: Helpful tool for consumers with low financial literacy or preaching to the choir? *International Journal of Consumer Studies*, 42(2), 241-254.
- Hoji, M. (2000). *Administração financeira na prática: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal*. Editora Atlas SA.
- Hoover, K. (1992). *The new classical macroeconomics*. Edward Elgar Publishing.
- Hospido, L., Villanueva, E., & Zamarro, G. (2015). Finance for all: The impact of financial literacy training in compulsory secondary education in Spain.
- Hung, A., Parker, A. M., & Yoong, J. (2009). Defining and measuring financial literacy.
- Hung, A., Yoong, J., & Brown, E. (2012). Empowering women through financial awareness and education.
- Huston, S. J. (2010). Measuring financial literacy. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 296-316.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). Censo demográfico 2020. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/bd918f26b77d18d86c251e7b1f7c1a70.pdf](https://www.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/bd918f26b77d18d86c251e7b1f7c1a70.pdf). Em: 15/07/2020.
- INFE, O. (2011). Measuring financial literacy: Questionnaire and guidance notes for conducting an internationally comparable survey of financial literacy. *Periodical Measuring Financial Literacy: Questionnaire and Guidance Notes for conducting an Internationally Comparable Survey of Financial Literacy*.
- Jonsson, S., Söderberg, I. L., & Wilhelmsson, M. (2017). An investigation of the impact of financial literacy, risk attitude, and saving motives on the attenuation of mutual fund investors' disposition bias. *Managerial Finance*.
- Joo, S. H., & Grable, J. E. (2004). An exploratory framework of the determinants of financial satisfaction. *Journal of family and economic Issues*, 25(1), 25-50.
- Kahneman, D. (2012). *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. São Paulo: Objetiva.
- Kahneman, D., & Deaton, A. (2010). High income improves evaluation of life but not emotional well-being. *Proceedings of the national academy of sciences*, 107(38), 16489-16493.
- Kahneman, D., & Riepe, M. W. (1998). Aspects of investor psychology. *Journal of portfolio management*, 24(4), 52-65.
- Kaiser, T., & Menkhoff, L. (2017). Does financial education impact financial literacy and financial behavior, and if so, when? *The World Bank*.
- Karakurum-Ozdemir, K., Kokkizil, M., & Uysal, G. (2019). Financial literacy in developing countries. *Social Indicators Research*, 143(1), 325-353.
- Karlan, D., & Valdivia, M. (2010). *Teaching Entrepreneurship: Impact of Training on Microfinance Clients and Institutions*.
- Katarachia, A., & Konstantinidis, A. (2014). Financial education and decision making processes. *Procedia Economics and Finance*, 9, 142-152.

- Köche, J. C. Fundamentos de Metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- Kozma, A., Stone, S., & Stones, M. J. (2000). Stability in components and predictors of subjective well-being (SWB): Implications for SWB structure. In *Advances in quality of life theory and research* (pp. 13-30). Springer, Dordrecht.
- Kumar, N. (2013). Financial inclusion and its determinants: evidence from India. *Journal of Financial Economic Policy*.
- Loibl, C., Grinstein-Weiss, M., Zhan, M., & Red Bird, B. (2010). More than a penny saved: Long-term changes in behavior among savings program participants. *Journal of Consumer Affairs*, 44(1), 98-126.
- Lowry, P. B., & Gaskin, J. (2014). Partial least squares (PLS) structural equation modeling (SEM) for building and testing behavioral causal theory: When to choose it and how to use it. *IEEE transactions on professional communication*, 57(2), 123-146.
- Lusardi, A. (2003). Saving and the effectiveness of financial education. Pension Research Council WP2003-14.
- Lusardi, A. (2008). Financial literacy: an essential tool for informed consumer choice? (No. w14084). National Bureau of Economic Research.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2007a). Baby boomer retirement security: The roles of planning, financial literacy, and housing wealth. *Journal of monetary Economics*, 54(1), 205-224.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2007b). Financial literacy and retirement preparedness: Evidence and implications for financial education. *Business economics*, 42(1), 35-44.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2008). Planning and financial literacy: How do women fare? *American Economic Review*, 98(2), 413-17.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2011a). Financial literacy and planning: Implications for retirement wellbeing (No. w17078). National Bureau of Economic Research.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2011b). Financial literacy around the world: an overview. *Journal of pension economics & finance*, 10(4), 497-508.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *Journal of economic literature*, 52(1), 5-44.
- Lusardi, A., & Tufano, P. (2015). Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. *Journal of Pension Economics & Finance*, 14(4), 332-368.
- Lusardi, A., Michaud, P. C., & Mitchell, O. S. (2017). Optimal financial knowledge and wealth inequality. *Journal of Political Economy*, 125(2), 431-477.
- Lusardi, A., Mitchell, O. S., & Curto, V. (2010). Financial literacy among the young. *Journal of consumer affairs*, 44(2), 358-380.
- Malhotra, N. Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- Malkiel, B. G., & Fama, E. F. (1970). Efficient capital markets: A review of theory and empirical work. *The journal of Finance*, 25(2), 383-417.

- Malone, K., Stewart, S. D., Wilson, J., & Korsching, P. F. (2010). Perceptions of financial well-being among American women in diverse families. *Journal of Family and Economic Issues*, 31(1), 63-81.
- Mandell, L. (2008). The financial literacy of young American adults: Results of the 2008 National Jump\$tart Coalition survey of high school seniors and college students.
- Mandell, L., & Klein, L. S. (2009). The impact of financial literacy education on subsequent financial behavior. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 20(1).
- Marcolin, S., & Abraham, A. (2006). Financial literacy research: Current literature and future opportunities.
- Martins, J. P. (2004). *Educação financeira ao alcance de todos*. São Paulo. Fundamento Educacional.
- Meier, S., & Sprenger, C. (2008). Charging myopically ahead: Evidence on present-biased preferences and credit card borrowing. Unpublished manuscript.
- Meier, S., & Sprenger, C. D. (2013). Discounting financial literacy: Time preferences and participation in financial education programs. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 95, 159-174.
- Messy, F. A., & Monticone, C. (2016). Financial education policies in Asia and the Pacific.
- Meyer, D. F., & Dunga, S. H. (2014). The determinants of life satisfaction in a low-income, poor community in South Africa. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 5(13), 163-163.
- Michels, Á. M. (2015). Proposta de indicador de educação financeira.
- Miller, M., Reichelstein, J., Salas, C., & Zia, B. (2014). Can you help someone become financially capable? A meta-analysis of the literature. The World Bank.
- Moore, D. A., & Schatz, D. (2017). The three faces of overconfidence. *Social and Personality Psychology Compass*, 11(8), e12331.
- Murendo, C., & Mutsonziwa, K. (2017). Financial literacy and savings decisions by adult financial consumers in Zimbabwe. *International journal of consumer studies*, 41(1), 95-103.
- Nanziri, E. L., & Leibbrandt, M. (2018). Measuring and profiling financial literacy in South Africa. *South African Journal of Economic and Management Sciences*, 21(1), 1-17.
- Norvilitis, J. M., Szablicki, P. B., & Wilson, S. D. (2003). Factors influencing levels of credit-card debt in College Students. *Journal of applied social psychology*, 33(5), 935-947.
- OCDE – Organization for Economic Cooperation and Development. (2013). Financial literacy and inclusion. Results of OCDE/INFE survey across countries and by gender. Financial Literacy & Education. Russia Trust Fund.
- OCDE – Organization for Economic Cooperation and Development. (2005). Recommendation on principles and good practices for financial education and

awareness. Disponível em: <https://www.OECD.org/finance/financial-education/35108560.pdf> Acessado em: 25/10/19.

- OCDE – Organization for Economic Cooperation and Development. (2011). Questionnaire and guidance notes for conducting an Internationally Comparable Survey of Financial literacy. International Network on Financial Education: Cape Town.
- OCDE – Organization for Economic Cooperation and Development. (2016). OCDE/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies. OCDE Publishing: Paris. Disponível em: [www.OECD.org/finance/OCDE-INFE-International-Survey-of-Adult-Financial-Literacy-Competencies.pdf](http://www.OECD.org/finance/OCDE-INFE-International-Survey-of-Adult-Financial-Literacy-Competencies.pdf)
- OCDE – Organization for Economic Cooperation and Development. (2017). G20/OCDE INFE report on adult financial literacy in G20 countries. OCDE Publishing: Hamburg.
- OCDE – Organization for Economic Cooperation and Development. (2018). OCDE/INFE Toolkit for Measuring Financial Literacy and Financial Inclusion.
- O'Neill, B., Sorhaindo, B., Xiao, J. J., & Garman, E. T. (2005). Financially distressed consumers: Their financial practices, financial well-being, and health. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 16(1).
- Opletalová, A. (2015). Financial education and financial literacy in the Czech education system. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 171, 1176-1184.
- Oprean, C. (2014). Effects of behavioural factors on human financial decisions. *Procedia economics and finance*, 16, 458-463.
- Parfit, D. (1984). *Reasons and persons*. OUP Oxford.
- Pearlin, L. I., Menaghan, E. G., Lieberman, M. A., & Mullan, J. T. (1981). The stress process. *Journal of Health and Social behavior*, 337-356.
- Petter, S., Straub, D., & Rai, A. (2007). Specifying formative constructs in information systems research. *MIS quarterly*, 623-656
- Porter, N. M. (1990). *Testing a model of financial well-being* (Doctoral dissertation, Virginia Tech).
- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2016). Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. *Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS*, 13(2), 153-170.
- Puri, M., & Robinson, D. T. (2007). Optimism and economic choice. *Journal of financial economics*, 86(1), 71-99.
- Ramirez, S., Liu, X., Lin, P. A., Suh, J., Pignatelli, M., Redondo, R. L., ... & Tonegawa, S. (2013). Creating a false memory in the hippocampus. *Science*, 341(6144), 387-391.
- Rath, T., Harter, J. K., & Harter, J. (2010). *Wellbeing: The five essential elements*. Simon and Schuster.
- Remund, D. L. (2010). Financial literacy explicated: The case for a clearer definition in an increasingly complex economy. *Journal of consumer affairs*, 44(2), 276-295.

- Ringle, C. M., Da Silva, D., & de Souza Bido, D. (2014). Modelagem de equações estruturais com utilização do SmartPLS. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(2), 56-73.
- Ringle, C. M., Wende, S., and Becker, J.-M. 2015. "SmartPLS 3." Boenningstedt: SmartPLS GmbH, <http://www.smartpls.com>.
- Ross, L., Greene, D., & House, P. (1977). The "false consensus effect": An egocentric bias in social perception and attribution processes. *Journal of experimental social psychology*, 13(3), 279-301.
- Sabri, M. F., MacDonald, M., Hira, T. K., & Masud, J. (2010). Childhood consumer experience and the financial literacy of college students in Malaysia. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 38(4), 455-467.
- Salovey, P., Rothman, A. J., Detweiler, J. B., & Steward, W. T. (2000). Emotional states and physical health. *American psychologist*, 55(1), 110.
- Sampieri, R. H.; Collado, C. F.; Lucio, P. B. *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.
- Samson, Alain (2015). Introdução à economia comportamental e experimental. Em: *Guia de Economia Comportamental e Experimental / Flávia Ávila, Ana Maria Bianchi, organizadores*. 1ª ed. São Paulo: EconomiaComportamental.org.
- Sarr, L., Sadhu, S., & Fiala, N. (2012). Bringing the Bank to the Doorstep: Does Financial Education Influence Savings Behavior among the Poor? Evidence from a Randomized Financial Literacy Program in India." Institute for Financial Management and Research, Centre for Micro Finance Working Paper.
- Sarstedt, M., & Cheah, J. H. (2019). Partial least squares structural equation modeling using SmartPLS: a software review.
- Sarstedt, M., Hair Jr, J. F., Cheah, J. H., Becker, J. M., & Ringle, C. M. (2019). How to specify, estimate, and validate higher-order constructs in PLS-SEM. *Australasian Marketing Journal (AMJ)*, 27(3), 197-211.
- Schultz, T. W. (1961). Investment in human capital. *The American economic review*, 51(1), 1-17.
- Schwab, C., Iannicola Jr, D., Beck, T., Hira, T., Bryant, J. H., Parker, J., Levine, L. & Dawson, C. (2008). President's Advisory Council on Financial Literacy. Annual Report to the President. Washington: The Department of The Treasury.
- Sevim, N., Temizel, F., & Sayilir, Ö. (2012). The effects of financial literacy on the borrowing behavior of Turkish financial consumers. *International Journal of Consumer Studies*, 36(5), 573-579.
- Shim, S., Xiao, J. J., Barber, B. L., & Lyons, A. C. (2009). Pathways to life success: A conceptual model of financial well-being for young adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(6), 708-723.
- Shusha, A. A. (2017). Does financial literacy moderate the relationship among demographic characteristics and financial risk tolerance? Evidence from Egypt. *Australasian Accounting, Business and Finance Journal*, 11(3), 67-86.
- Silgoner, M., Greimel-Fuhrmann, B., & Weber, R. (2015). Financial literacy gaps of the Austrian population. *Monetary Policy & the Economy Q*, 2, 35-51.

- Skimmyhorn, W. (2016). Assessing financial education: Evidence from boot camp. *American Economic Journal: Economic Policy*, 8(2), 322-43.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (Vol. 10). São Paulo: Martins Fontes.
- Smith, G. (2008). Does gender influence online survey participation? A record-linkage analysis of university faculty online survey response behavior. ERIC Document Reproduction Service No. ED 501717.
- Souza, R. V. L. D., Araújo, R. D. C. R., Gouveia, R. S. V., Coelho, G. L. D. H., & Gouveia, V. V. (2014). The Positivity Dimension of Well-Being: Adaptation and Psychometric Evidence of a Measure<sup>1</sup>. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 24(59), 305-312.
- Taft, M. K., Hosein, Z. Z., Mehrizi, S. M. T., & Roshan, A. (2013). The relation between financial literacy, financial well-being and financial concerns. *International Journal of Business and Management*, 8(11), 63.
- Thaler, R. H. (1991). Some Empirical Evidence on Dynamic Inconsistency. *Quasi rational economics*, 1, 127-136.
- Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. *science*, 185(4157), 1124-1131.
- Tversky, A., & Kahneman, D. (1979). Prospect theory: An analysis of decision under risk. *Econometrica*, 47(2), 263-291.
- Urban, C., Schmeiser, M., Collins, J. M., & Brown, A. (2015). State financial education mandates: It's all in the implementation. Financial Industry Regulatory Authority.
- Van Rooij, M., Lusardi, A., & Alessie, R. (2011a). Financial literacy and stock market participation. *Journal of Financial Economics*, 101(2), 449-472.
- Vlaev, I., & Elliott, A. (2014). Financial well-being components. *Social Indicators Research*, 118(3), 1103-1123.
- Vosloo, W. (2014). The relationship between financial efficacy, satisfaction with remuneration and personal financial well-being (Doctoral dissertation).
- Vygotsky, L. S. (1988). Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*, 10, 103-117.
- Walstad, W. B., Rebeck, K., & MacDonald, R. A. (2010). The effects of financial education on the financial knowledge of high school students. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 336-357.
- Walstad, W., Urban, C., J. Asarta, C., Breitbach, E., Bosshardt, W., Heath, J., O'Neill, B., Wagner, J. & Xiao, J. J. (2017). Perspectives on evaluation in financial education: Landscape, issues, and studies. *The Journal of Economic Education*, 48(2), 93-112.
- Williams, T. (2007). Empowerment of whom and for what? Financial literacy education and the new regulation of consumer financial services. *Law & Policy*, 29(2), 226-256.
- Willis, L. E. (2011). The financial education fallacy. *American Economic Review*, 101(3), 429-34.

Xiao, J. J., & O'Neill, B. (2016). Consumer financial education and financial capability. *International Journal of Consumer Studies*, 40(6), 712-721.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Ao desenvolver o texto de abertura, optou-se pela apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de forma mais amigável e informal. Essa escolha foi influenciada pela extensão do instrumento, procurando engajar o respondente e informá-lo, ao mesmo tempo.

### TEXTO DE ABERTURA

Prezado participante,

Saudações!

O questionário a seguir é parte da minha pesquisa de doutorado: "IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS IMPULSIONADORES DA AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR FINANCEIRO DOS BRASILEIROS" e para realizá-la, necessito da ajuda de um número grande de ... brasileiros!

Sua participação, portanto, é essencial para a compreensão científica de muitos aspectos relacionados ao tema da pesquisa.

Ao enviar as respostas, asseguro que seus dados serão mantidos em sigilo (ninguém, exceto eu, terá acesso as suas respostas).

Além disso, sua participação envolve somente responder algumas perguntas e é voluntária, isto é, não solicitarei valores, nem farei pagamentos pelo seu envio.

Para que eu possa utilizar suas respostas, entretanto, é importante que todas as etapas da pesquisa sejam preenchidas até o fim com muita honestidade e atenção. Caso se sinta desconfortável com qualquer pergunta, sinta-se livre para abandoná-lo sem nenhum prejuízo.

A duração aproximada é de 15 minutos.

Muito obrigada por participar da minha jornada científica!

Um grande abraço,

Andressa Margareth Assaka

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração - PUCPR

Facebook e instagram: andressa.assaka

E-mail: andressa.assaka@pucpr.edu.br

Fone: (41) 99148-6967



- Concordo voluntariamente em participar, sabendo que posso abandonar o questionário em qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos. (o respondente é direcionado à D1)
- Não concordo em participar da pesquisa. (nesse caso, encerra-se a pesquisa e faz-se um agradecimento)

## QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

### D1 - Qual a sua idade?

Lista de alternativas:

- Menos de 18 (nesse caso, encerra-se a pesquisa e faz-se um agradecimento)
- 18-24
- 25-34
- 35-44
- 45-54
- 55-64
- 65-74
- 75-84
- 85 ou mais

### D2 - Qual o Estado em que você nasceu?

Lista de estados + “não nasci no Brasil”

### D3 - Qual o Estado onde mora?

Lista de estados + “não moro no Brasil”

### D4 - Qual o seu gênero biológico?

Lista de alternativas:

- Feminino
- Masculino

**D5 - Qual a sua raça?**

Lista de alternativas IBGE:

- Amarela
- Branca
- Indígena
- Parda
- Preta
- Prefiro não informar

**D6 - Qual seu nível de escolaridade?**

Lista de alternativas:

- Ensino Primário Completo
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio ou Técnico Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-graduação Incompleta
- Pós-graduação Completa

**D7 - Qual seu estado civil?**

Lista de alternativas:

- Solteiro
- Casado
- União estável
- Separado (judicialmente ou extrajudicialmente)
- Divorciado
- Viúvo

**D8 - Você tem filhos?**

Lista de alternativas:

- Não
- Sim, 1
- Sim, 2
- Sim, 3
- Sim, 4 ou mais

## QUESTÕES SOBRE POSITIVIDADE

TP1-8 - Leia as frases e assinale a alternativa com a qual mais se identifica:

Afirmações são apresentadas e o respondente escolhe a alternativa:

#	AFIRMAÇÃO	ALTERNATIVAS
1	Eu tenho muita confiança no futuro	Concordo totalmente Concordo parcialmente Não concordo, nem discordo Discordo parcialmente Discordo totalmente
2	Posso contar com outras pessoas quando preciso delas	
3	Eu estou satisfeito(a) com a minha vida	
4	Algumas vezes, o futuro parece incerto para mim	
5	Geralmente, eu sinto confiança em mim mesmo(a)	
6	Eu vejo o futuro com esperança e entusiasmo	
7	Eu sinto que tenho muitas coisas das quais posso me orgulhar	
8	No geral, estou muito satisfeito(a) comigo mesmo(a)	

## QUESTÃO SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESPECÍFICA

S1 - Você já participou de algum curso de Matemática Financeira ou de Finanças Pessoais?

Lista de alternativas:

- Sim, concluído
- Sim, em andamento
- Não

## QUESTÕES SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E MATEMÁTICA BÁSICA

E1 - Imagine que cinco irmãos recebam um presente de R\$ 1000. Se os irmãos têm que dividir o dinheiro igualmente, com quanto cada um fica? (Escreva somente o número)

No campo, respondente coloca um número, que pode ser 0 (zero) a 999 (novecentos e noventa e nove).

E2 – Agora imagine que os irmãos tenham que esperar um ano para receber sua parte do presente e que haja inflação de 5% nesse período. Ao receberem o dinheiro, eles poderão comprar:

Lista de alternativas:

- Mais que um ano atrás
- O mesmo que um ano atrás
- Menos que um ano atrás
- Não sei

E3 - Você empresta R\$ 100 a um amigo e ele devolve R\$ 101 depois de um mês. Qual o valor em reais que ele pagou a você de juros por esse empréstimo? (Escreva somente o número)

No campo, respondente coloca um número, que pode ser 0 (zero) a 999 (novecentos e noventa e nove).

E4 - Suponha que você coloque \$ 100 em uma conta poupança com garantia de taxa de juros de 2% ao ano. Você não deposita mais nada nesta conta e não retira nenhum dinheiro. Quanto teria na conta no final do primeiro ano, após o rendimento dos juros? (Escreva somente o número)

No campo, respondente coloca um número, que pode ser 0 (zero) a 999 (novecentos e noventa e nove).

E5 - E quanto teria na conta no final de cinco anos?

Lista de alternativas:

- Menos que R\$ 110,00
- Exatamente R\$ 110,00
- Mais que R\$ 110,00
- Impossível saber porque faltam informações
- Não sei

E6 - Julgue a seguinte frase: “Se alguém oferecer a você a chance de ganhar muito dinheiro em um investimento financeiro, é provável também a chance de que você perca muito dinheiro”

Lista de alternativas:

- Verdadeiro
- Falso
- Não sei

E7 - Julgue a seguinte frase: “Inflação alta significa que o custo de vida está subindo rapidamente”

Lista de alternativas:

- Verdadeiro
- Falso
- Não sei

E8 - Julgue a seguinte frase: “É menos provável que você perca todo o seu dinheiro se você o guardar em mais de um lugar”

Lista de alternativas:

- Verdadeiro
- Falso
- Não sei

## QUESTÕES SOBRE CONDIÇÕES ECONÔMICAS ATUAIS

C1 - Assinale a situação que melhor descreve sua situação atual

Lista de alternativas:

- Não trabalho e meus gastos estão sendo pagos por outra pessoa (se assinalado, vai para C4)
- Trabalho, mas preciso de ajuda financeira para conseguir pagar as contas
- Trabalho e me sustento
- Trabalho e contribuo para o sustento da família
- Trabalho e sou responsável pelo sustento da família
- Aposentado (se assinalado, vai para C3)

C2 - Em que você trabalha atualmente?

Lista de alternativas IBGE:

- Trabalhador doméstico (inclusive diarista)
- Militar do exército, marinha ou aeronáutica, da polícia militar ou do corpo de bombeiros
- Funcionário do setor privado
- Setor público – estatutário
- Setor público – funcionário não estatutário
- Empregador (com um empregado ou mais)
- Autônomo (sem empregados)
- Trabalhador não remunerado em ajuda a algum morador da casa ou parente

C3 - Qual a sua renda mensal em reais?

Lista de alternativas IBGE:

- Até 500
- De 501 a 1.000

- De 1.001 a 2.000
- De 2.001 a 3.000
- De 3.001 a 5.000
- De 5.001 a 10.000
- De 10.001 a 20.000
- De 20.001 a 100.000
- Mais que 100.000

C4 - Quem é a pessoa responsável por tomar as decisões do dia a dia sobre o dinheiro na sua casa?

Lista de alternativas:

- Eu tomo as decisões
- Eu tomo as decisões em conjunto com outra pessoa
- Outra(s) pessoa(s) toma(m) as decisões
- Prefiro não responder

## QUESTÕES SOBRE ATITUDE E COMPORTAMENTO FINANCEIRO

A1-10 - Leia as frases e assinale a alternativa com a qual mais se identifica:

Afirmações são apresentadas e o respondente escolhe a alternativa:

#	AFIRMAÇÃO	ALTERNATIVAS
1	Me dá mais prazer gastar dinheiro do que poupá-lo para o futuro	Concordo totalmente Concordo parcialmente Indiferente Discordo parcialmente Discordo totalmente
2	Se eu pedir dinheiro emprestado, sinto-me com a responsabilidade de pagar pelo empréstimo	
3	Uso aplicativos no meu celular para fazer ou receber pagamentos, verificar minha conta e/ou realizar investimentos	
4	Estabeleço metas financeiras de longo prazo e me esforço para alcançá-las	
5	O dinheiro existe para ser gasto	
6	Estou satisfeito com minha situação financeira atual	
7	Estou muito endividado neste momento	
8	Acompanho pessoalmente de perto minhas finanças	
9	Minha situação financeira limita minha capacidade de fazer as coisas que são importantes para mim	
10	Acredito que o dinheiro em um banco estará seguro mesmo se o banco quebrar	

A11 - Leia as frases e assinale a alternativa com a qual mais se identifica:

Afirmações são apresentadas e o respondente escolhe a alternativa:

#	AFIRMAÇÃO	ALTERNATIVAS
1	Antes de comprar algo cotidiano (alimentos, roupas, calçados), analiso se vou conseguir pagar	Sempre Na maior parte do tempo Metade do tempo Às vezes Nunca
2	Estou preparado para arriscar parte do meu dinheiro ao poupar ou fazer um investimento	
3	Pago minhas contas em dia	



A13-19 - Leia as frases e assinale a alternativa com a qual mais se identifica:

Afirmações são apresentadas e o respondente escolhe a alternativa:

#	AFIRMAÇÃO	ALTERNATIVAS
1	Tendo a viver o hoje e deixar o amanhã para amanhã	Descreve-me extremamente bem Descreve-me muito bem Descreve-me moderadamente bem Descreve-me levemente bem Não me descreve
2	Sou honesto, mesmo que isso me coloque em desvantagem financeira	
3	Costumo ignorar as letras pequenas a menos que algo dê errado	
4	Não tenho problema em discutir minha situação financeira com pessoas que conheço bem	
5	Se um caixa me desse troco a mais, provavelmente eu ficaria com o dinheiro	
6	Confio que os serviços financeiros e suas instituições me tratem de forma justa	
7	Atualmente estou pagando um empréstimo longo	

F1-6 - Leia as frases e assinale a alternativa com a qual mais se identifica:

Afirmações são apresentadas e o respondente escolhe a alternativa:

#	AFIRMAÇÃO	ALTERNATIVAS
1	Eu posso aproveitar a vida por causa do jeito que estou administrando meu dinheiro	Descreve-me extremamente bem Descreve-me muito bem Descreve-me moderadamente bem Descreve-me levemente bem Não me descreve
2	Eu me preocupo com meu futuro e minha aposentadoria	
3	Eu posso arcar com uma grande despesa inesperada	
4	Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida	
5	Eu estou preocupado que o dinheiro que tenho, ou que irei economizar, não irá durar	
6	Eu estou apenas me virando financeiramente	

F7-10 - Leia as frases e assinale a alternativa com a qual mais se identifica:

Afirmações são apresentadas e o respondente escolhe a alternativa:

#	AFIRMAÇÃO	ALTERNATIVAS
1	Tenho dinheiro sobrando no final do mês	Sempre
2	Dar um presente de casamento, aniversário ou outra ocasião prejudicaria as minhas finanças do mês	Na maior parte do tempo
3	Minha situação financeira controla minha vida	Metade do tempo
4	Estou deixando a desejar no cuidado com minhas finanças	Às vezes
		Nunca

G1-3 - Leia as frases e assinale a alternativa com a qual mais se identifica:

Afirmações são apresentadas e o respondente escolhe a alternativa:

#	AFIRMAÇÃO	ALTERNATIVAS
1	Acredito que um plano de previdência privada é importante para o meu futuro	Concordo totalmente
2	O valor das parcelas de um financiamento é determinante para minha decisão de compra	Concordo parcialmente
3	Minha situação econômica atual é MUITO MELHOR que a situação econômica (da minha família) até meus 18 anos	Indiferente
		Discordo parcialmente
		Discordo totalmente

Obrigada pela sua preciosa atenção! Caso você tenha interesse em participar de um curso, totalmente gratuito, de Finanças Pessoais, deixe um e-mail para contato:

Campo aberto para digitação de e-mail do respondente.